

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ESCOLARIZAÇÃO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Erimita Cunha de Miranda Motta

Orientador: Maurizio Gnerre

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Es-
tadual de Campinas como re-
quisito parcial para obten-
ção do grau de Mestre em
Lingüística.

Campinas

1979

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

À CAPES e

Governo Estadual da Bahia

Aos informantes

colegas

familiares

amigos

e professores

ao Orientador

meu agradecimento

*As palavras estão muito ditas
e o mundo muito pensado.*

Cecília Meireles

RESUMO

Através do estudo da concordância entre o sintagma verbal e o sintagma nominal sujeito, em gravações da fala de dezessete adolescentes de nível sócio-econômico baixo, residentes em bairros populares de Salvador (BA) e concluintes da oitava série do Primeiro Grau, a pesquisa procurou verificar se a escola exerce influência sobre a linguagem oral. Para grupo de controle, foram gravados dezessete adolescentes, também de nível sócio-econômico baixo, da mesma área habitacional, mas semi-alfabetizados.

Todas as ocorrências de sujeito plural do *corpus* foram levantadas e um estudo comparativo foi estabelecido entre o grupo de informantes de oitava série e os adolescentes semi-alfabetizados, com base nas porcentagens relativas à aplicação da regra de concordância.

Nesse estudo, utilizaram-se quatro variáveis linguísticas - morfológica, estilística, posicional e constituição do sintagma nominal sujeito - e duas variáveis sociais: sexo e idade. O confronto entre os dois grupos de informantes mostra diferença acentuada entre eles, com porcentagens mais altas para o grupo de escolarizados. Considerando-se, entretanto, o comportamento das variáveis linguísticas, com exceção da estilística, os dois grupos se identificam quanto às tendências observadas. Os resultados referentes à variável estilística apontam para o grupo escolarizado maior condição de modificar a produção linguística para atender a uma diferença de contexto, sobretudo entre os informantes mais velhos.

RÉSUMÉ

Par l'étude de la concordance entre le verbe et le sujet, faite à l'aide de bandes enregistrées de la langue de 17 adolescents de bas niveau socio-économique habitants des quartiers populaires de Salvador (BA) et en fin de 8^{ème} série de premier degré, notre recherche a eu pour but de vérifier si l'école exerce une influence sur le langage parlé. Pour servir de groupe contrôle nous avons enregistré 17 adolescents de bas niveau économique, habitants la même zone mais semi-analphabètes.

Toutes les façons d'apparaître du sujet pluriel dans le corpus furent l'objet d'une étude comparative établie entre le groupe des informateurs de 8^{ème} série et les adolescents semi-analphabètes, en ayant comme base les pourcentages relatifs à l'application de la règle de concordance.

Dans cette étude nous avons utilisé quatre variantes linguistiques: variante morphologique et stylistique, variante de la position du sujet et de la manière d'être de la phrase-sujet et deux variantes sociales: âge et sexe. La comparaison entre les deux groupes montrent une différence accentuée entre eux avec des pourcentages plus élevés pour le groupe des scolarisés. Prenant surtout en considération le comportement des variantes linguistiques - à l'exception de la stylistique - nous avons constaté que les deux groupes s'identifient quant aux tendances observées. Les résultats inhérents à la variante stylistique signalent pour le groupe scolarisé plus d'aptitude à modifier la production linguistique dans une différence de contexte et ceci surtout parmi les plus âgés.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. A ÁREA E OS INFORMANTES	10
1.1. Caracterização da área	11
1.2. Critérios de escolha dos informantes	16
1.3. Descrição dos informantes	16
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
2.1. Estudo preliminar	21
2.1.1. Objetivo	22
2.1.2. Análise do material obtido	22
2.2. Coleta de dados	26
2.3. A transcrição	27
2.4. Tratamento dos dados	29
3. DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	31
3.1. Observações gerais sobre o desempenho dos dois informantes	32
3.2. Observações assistemáticas sobre as diferenças individuais	38
4. A CONCORDÂNCIA COMO REGRA VARIÁVEL	47
4.1. Sobre a concordância verbal	48
4.1.1. Algumas fontes teóricas	49
4.2. Sobre a variabilidade de uma regra	63
5. AS VARIÁVEIS	66
5.1. Variáveis lingüísticas	67

5.1.1. Variável estilística	67
5.1.2. Variável morfológica	69
5.1.3. Variável posicional	74
5.1.4. Variável constituição do sintagma <u>nomi</u> nal sujeito	76
5.2. Resultados obtidos	79
5.2.1. Resultados relativos à variável <u>estilís</u> tica	79
5.2.2. Resultados relativos à variável <u>morfoló</u> gica	86
5.2.3. Resultados relativos à variável <u>posicio</u> nal	88
5.2.4. Resultados relativos à variável <u>consti</u> tuição do sintagma nominal sujeito	91
5.2.5. Resultados relativos às variáveis <u>so</u> ciais	91
5.2.5.1. Sexo	93
5.2.5.2. Idade	98
6. CONCLUSÕES	105
NOTAS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nas 1a. e 3a. pessoas do plural, nos Grupos A e B	35
TABELA 2:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância da terceira pessoa do plural, nos Grupos A e B, por informante	39
TABELA 3:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nos Grupos A e B, segundo a varia <u>ç</u> ão de contexto	82
TABELA 4:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nos Grupos A e B, segundo graus de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural	87
TABELA 5:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nos Grupos A e B, segundo a posição do sintagma nominal sujeito em relação ao sintagma verbal	89
TABELA 6:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nos Grupos A e B, segundo a consti <u>t</u> uição do sintagma nominal sujeito	92
TABELA 7:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, no Grupo A, por sexo do informante, segundo a variação de contexto	94
TABELA 8:	Porcentagem de aplicação da regra de concor <u>d</u> ância, nos Grupos A e B, segundo a posição do sintagma nominal sujeito em relação ao sintagma verbal	

	dância, no Grupo A, por sexo do informante, segundo grau de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural	95
TABELA 9:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por sexo do informante, segundo a variação de contexto	96
TABELA 10:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por sexo do informante, segundo grau de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural	97
TABELA 11:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por grupos de idade, segundo a variação de contexto	99
TABELA 12:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por grupos de idade, segundo grau de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural	100
TABELA 13:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por grupos de idade, segundo a variação de contexto	101
TABELA 14:	Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por grupos de idade, segundo grau de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural	102

RELAÇÃO DE APÊNDICES

APÊNDICE 1: Modelo de ficha do informante

APÊNDICE 2A: Dados sobre os pais dos informantes do Grupo A:
tempo de residência em Salvador

APÊNDICE 2B: Dados sobre os pais dos informantes do Grupo B:
tempo de residência em Salvador

APÊNDICE 3: Fichas dos informantes

APÊNDICE 4A: Dados sobre os informantes de escolaridade ir
regular

APÊNDICE 4B: Dados sobre os informantes de oitava série

APÊNDICE 5A: Tempo de fala e ocorrência de sujeito plural,
por informante do Grupo A

APÊNDICE 5B: Tempo de fala e ocorrência de sujeito plural,
por informante do Grupo B

APÊNDICE 6: Roteiro da entrevista

APÊNDICE 7A: Números correspondentes às ocorrências de su
jeito plural e à aplicação da regra de concor
dância, segundo as quatro variáveis estudadas,
por informante do Grupo A

APÊNDICE 7B: Números correspondentes às ocorrências de su
jeito plural e à aplicação da regra de concor
dância, segundo as quatro variáveis estudadas,
por informante do Grupo B

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende verificar se a escola modifica a linguagem oral dos indivíduos. Preferimos trabalhar com linguagem oral, porque nesta se evidenciam mais as características dialetais do falante e por ser uma forma de expressão mais aberta a inovações em sua estrutura, pois permite, no dia-a-dia, trocas espontâneas não exigindo, na maioria dos registros, reflexão sobre seu uso. Na escola, os professores em geral evitam fazer correções ao desempenho lingüístico oral do aluno para não inibi-lo. Certamente as observações feitas sobre o uso do código escrito e a leitura interferem na linguagem oral; acreditamos, porém, que as modificações decorrem mais da exposição ao dialeto dos professores que das correções.

Para o presente estudo foram observados indivíduos de nível sócio-econômico baixo porque as variedades usadas por eles são divergentes, em muitos aspectos, do padrão que a escola pretende transmitir. Tais indivíduos trazem de sua comunidade hábitos lingüísticos estigmatizados pela sociedade. A escola rejeita, implícita e explicitamente, esses hábitos. Os colégios que servem à clientela de melhor nível sócio-econômico têm como tarefa, ao que parece, apenas ampliar as condições de produção lingüística de seus alunos e contribuir para que se firmem hábitos lingüísticos que começaram e continuam a se formar na comunidade. Os estabelecimentos oficiais e beneficentes recebem população de nível sócio-econômico baixo e seu trabalho torna-se muito mais difícil: criar novos hábitos lingüísticos. O interesse deste trabalho é verificar em que medida ocorreram mudanças na linguagem oral de indivíduos desta clientela que frequentaram regularmente a escola até a última série do Primeiro Grau. Eles estiveram oito anos, pelo menos, em contacto com uma variedade dialetal diferente da de sua comunidade: a variedade lingüística utilizada pelos professores, pelos mem

bros da diretoria do colégio, da bibliotecária (quando há) e de outras pessoas, através de oportunidades criadas pela escola. Sabe-se que estes indivíduos ouvem rádio e assistem, pouco ou muito, televisão. Toda a sua comunidade está, portanto, exposta a esses modelos lingüísticos. Contudo, os que entram na escola, além de estarem em contacto com a língua considerada padrão, recebem instrução formal, possivelmente sistematizada, do português.

O conceito de língua padrão¹ é uma abstração de corrente do consenso sobre o desempenho lingüístico correto, por parte da camada da população mais escolarizada. Quando se fala em língua padrão, faz-se referência a um padrão ideal, isto é, um comportamento lingüístico que é esperado dos falantes que "sabem" português. O padrão real seria obtido a partir da descrição do desempenho lingüístico efetivo de indivíduos que utilizam a variedade de prestígio. No Brasil, são bem poucos ainda os estudos para um conhecimento objetivo das variedades das classes mais cultas.

As atitudes em relação ao padrão variam conforme se trate da linguagem escrita ou oral. Com referência à escrita,

... se neutralizam grandemente as distinções entre os dialetos geográficos, sobretudo nos níveis semiformal, formal e literário, ... (Rodrigues, 1968)

O mesmo autor chama a atenção para a atitude da escola a esse respeito:

É no ensino da língua portuguesa nas escolas que, provavelmente, vamos encontrar mais forte consciência e maior consenso sobre uma língua padrão escrita. Quase sem exceções os livros didáticos de língua portuguesa, todos de caráter normativo, ensinam uma mesma variedade de língua escrita, cuja gramática é a que se infere da aná

lise dos melhores escritores portugueses dos séculos 16 a 19 e dos brasileiros do século 19 e início do 20. (Rodrigues, 1968)

A norma pedagógica segue o modelo dessas gramáticas e é prescritiva, classificando de "erro" os fatos linguísticos que não se ajustam a ele. Entretanto, a utilização constante de textos de autores contemporâneos, nas aulas, não só para o exercício de compreensão de leitura como para o estudo de assuntos gramaticais, tem levado grande parte dos professores a refletir sobre a validade de muitas regras estabelecidas pelas gramáticas normativas e a se sentir constrangida em considerar "erros" determinados fatos cada vez mais comuns na produção linguística atual. Houaiss (1960) a propósito da necessidade de estudos dialectológicos para a adoção de uma política quanto à padronização do português do Brasil, afirma:

A realidade nua e crua é que, malgrado o número ponderável de estudos gramaticais e filológicos que já podemos ostentar, não sabemos efetivamente o que é e como é a língua portuguesa, sobretudo no Brasil, e assistimos estarecidos ao divórcio crescente entre a disciplina gramatical canônica e a criação literária viva.

As oscilações relativas à definição de um padrão fazem-se maiores quando se trata da linguagem oral:

Quanto à modalidade falada, são menos uniformes as atitudes acerca de seus padrões. Em geral, os padrões sobre os quais há consenso são de âmbito regional, não se oferecendo situação paralela à da escrita, sem que haja aceitação nacional de um determinado padrão. (Rodrigues, 1968)

Dois congressos revelaram preocupação de alguns grupos de profissionais em padronizar a pronúncia culta em termos nacionais: o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada (São Paulo, 1937) e o Primeiro Congresso de Língua

Falada no Teatro (Salvador, 1956). Defenderam a uniformização pela pronúncia carioca, acreditando que esta tendia a ser a expressão média das pronúncias regionais e locais brasileiras: o Rio era o centro cultural e político mais importante do país, a cidade para onde mais imigravam brasileiros de todas as regiões (Houaiss, 1960). Esses congressos, entretanto, atendiam a objetivos específicos de um grupo. Além disso, a questão foi tratada como se ocorresse no Brasil o que se observa na Europa, onde fatores históricos condicionaram, em cada estado nacional, a necessidade de uma fala culta uniforme. No Brasil, a existência de vários centros culturais deu origem a uma pluralidade de normas linguísticas, tudo indicando que as diferenças tenham reflexos maiores na norma oral. (Castilho, 1977). Encontramos referência ao português padrão do Nordeste (não especificamente o português falado):

Usarei a sigla PPR, para designar o português padrão regional, e a sigla PNPND (português não padrão nordestino) para a variante dialetal que se distancia do PPR por várias características, as quais são sentidas como "erradas", ou mesmo como formas estigmatizadas pela classe social que "estudou" português. (Philipson, 1975)

Atualmente, está em execução uma pesquisa com a finalidade de descrever objetivamente padrões da língua falada no Brasil: "Projeto de Norma Urbana Linguística Culta" (NURC)². Tendo em vista o que já foi enunciado quanto aos vários centros de influência, é que o levantamento dos dados está sendo feito em cinco concentrações urbanas brasileiras:³ Recife, Salvador,⁴ Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os resultados dessa pesquisa são do maior interesse para os estudos linguísticos no Brasil e para o ensino. Enquanto não se dispõe de suas conclusões, muitos trabalhos se valem da intuição dos autores o que os leva a procurar apoio na língua escrita, como observa o coordenador do

Projeto na Bahia, a propósito da futura utilização dos dados da pesquisa, através de arquivos em numerosos centros do país:

Seria, salvo melhor juízo, um passo definitivo para sair não só do nível difuso assistemático antes referido, mas também da timidez que ainda predomina nos estudos de língua portuguesa no Brasil e responde por uma confiança até hoje maior na documentação escrita do que na realidade viva da comunicação oral. (Rossi et alii, 1975)

Admitimos que o professorado, sob cuja influência estiveram sujeitos os informantes desta pesquisa, demonstravam em suas atitudes, durante as atividades docentes, compromisso com a variedade padrão. Mas, se tivéssemos podido conhecer o desempenho desses falantes em relação ao aspecto que estudamos, teríamos uma definição maior do modelo que tiveram esses alunos, pois sabemos que a influência provém das atitudes mas, muito mais, do uso das formas linguísticas.

Ensinando a variedade de prestígio, a escola pretende atender a um de seus objetivos explícitos: "integrar o indivíduo à sociedade". Entretanto, no confronto dessa variedade com aquelas usadas pela população de nível sócio-econômico baixo, as diferenças observáveis não se restringem à diversidade dos sub-sistemas linguísticos em si, instrumentos de comunicação, mas se estendem aos conteúdos veiculados. A língua considerada padrão está associada a conteúdos de prestígio na sociedade, conteúdos manipulados pelas classes dominantes:

Todos nós sabemos quanto pode ser entendido das notícias políticas de um Jornal Nacional por indivíduos de baixo nível de educação. A linguagem usada e o quadro de referência dado como implícito constituem um verdadeiro filtro da comunicação de informações: estas podem ser entendidas

das somente pelos ouvintes já iniciados não só na linguagem padrão mas também nos conteúdos a ela associados. (Gnerre, 1978)

A escola não poderia estar integrando o indivíduo à sociedade, apenas pelo fato de lhe transmitir novos hábitos lingüísticos.⁵ Acresce ainda que, ao tentar ensinar a variedade de prestígio, a escola, geralmente, realiza outro trabalho no sentido de eliminar os antigos hábitos que o aluno trouxe, criando nele a preocupação de falar diferente de sua comunidade, de ocultar suas origens dialetais, como assinala Philipson, 1975:

... e criar complexos na criança, se ela se faz ver (e muitos professores fazem justamente isso), que ela fala "errado", que o que diz não é português, não é língua de gente. O que, neste caso, p. ex. ela pensará dos pais, dos avós, dos irmãos mais velhos, que falam exatamente como ela e que, como a criança inconscientemente perceberá, causaram seu modo de falar, seu "dialeto"?

Essa preocupação de esconder as origens dialetais concorre para artificialidade e exagero da maneira de falar, dando lugar ao aparecimento das traiçoeiras hipercorreções, como tivemos oportunidade de notar em alguns dos nossos informantes. Esse fenômeno pode expor o indivíduo ao ridículo, aumentando-lhe as barreiras para a sua aceitação por parte de um grupo de *status* mais elevado socialmente, o que nos faz questionar o papel da escola quanto à transmissão do padrão "culto" oral. Podemos concluir que o conhecimento da diversidade lingüística é básico para o professor da língua materna orientar o seu trabalho: o ensino deve partir da realidade lingüística do aluno. Quando esse procede de uma camada da população que não usa a variedade de prestígio, as atividades do curso deveriam lhe oferecer condições de perceber as relações entre diferenciação social e lingüística e as razões por que a escola lhe impõe novos hábitos lin

güísticos. Nesta linha, seriam prioritários os objetivos do ensino de Português que visassem ao uso da língua como veí-
culo de expressão, como meio de exercitar o pensamento e in-
centivar as potencialidades críticas do aluno. Essa atitude
o ajudaria a se situar na sociedade. É evidente que a com-
plexidade desse problema ultrapassa as limitações do apren-
dizado escolar.

Para observar a existência de modificações na lín-
guagem oral, escolhemos a concordância entre o sintagma ver-
bal e o sintagma nominal sujeito, não só porque prevíamos a
divergência neste aspecto, em relação ao padrão, como por-
que esse é um dos hábitos lingüísticos que a escola mais se
empenha em padronizar. Numa sondagem que fizemos com doze
professores de Português do Centro Integrado de Educação
Anísio Teixeira (CIEAT - colégio da rede estadual de onde
retiramos um grupo dos informantes de nossa pesquisa), con-
seguimos obter opiniões, através da seguinte solicitação
por escrito: "Gostaríamos que você colocasse em ordem de
crescente os cinco erros que o professor de Português mais
deve se empenhar em corrigir nos seus alunos". Esses pro-
fessores não se ativeram à palavra "erro" e alguns demons-
traram não dar prioridade à correção gramatical. Em suas
respostas, levantaram vários pontos que exigiam deles gran-
de atenção: criatividade, organização do pensamento, pro-
priedade de linguagem (acentuação, ortografia, concordância,
regência, colocação), estruturação de frases, adequação vo-
cabular, entonação, pronúncia. Apesar disso, nenhum desses
professores deixou de mencionar a correção da concordância:
quatro a colocaram em primeiro lugar e três, em segundo. To-
dos os outros pontos levantados passíveis de correção⁶ não
foram citados por todos eles. É provável, portanto, que a
modificação da linguagem oral, em decorrência da escolariza-
ção, se faça sentir mais em alguns aspectos que em outros e

que resultados obtidos com relação à concordância verbal sejam típicos deste fenômeno.

Foram gravados dois grupos de adolescentes de nível sócio-econômico baixo, da mesma faixa etária e mesma área habitacional. Os informantes de um grupo tinham pouca frequência à escola, eram semi-alfabetizados; no outro grupo, todos estavam concluindo a oitava série do Primeiro Grau. Isolamos, assim, o fator escolarização. Cada grupo se constituiu de dezessete informantes - trinta e quatro no total - dos quais conseguimos perto de trinta e seis horas de gravação.

O trabalho está apresentado em seis seções. Na primeira, são caracterizados os informantes e sua respectiva área habitacional; na segunda, informamos sobre os procedimentos metodológicos utilizados; a terceira é uma descrição do *corpus* da pesquisa; na quarta, fazemos um esboço de alguns estudos sobre a concordância verbal; na quinta seção, são descritas as variáveis que utilizamos para o estudo da concordância no *corpus* e os resultados obtidos. A sexta seção apresenta conclusões do trabalho.

1. A ÁREA E OS INFORMANTES

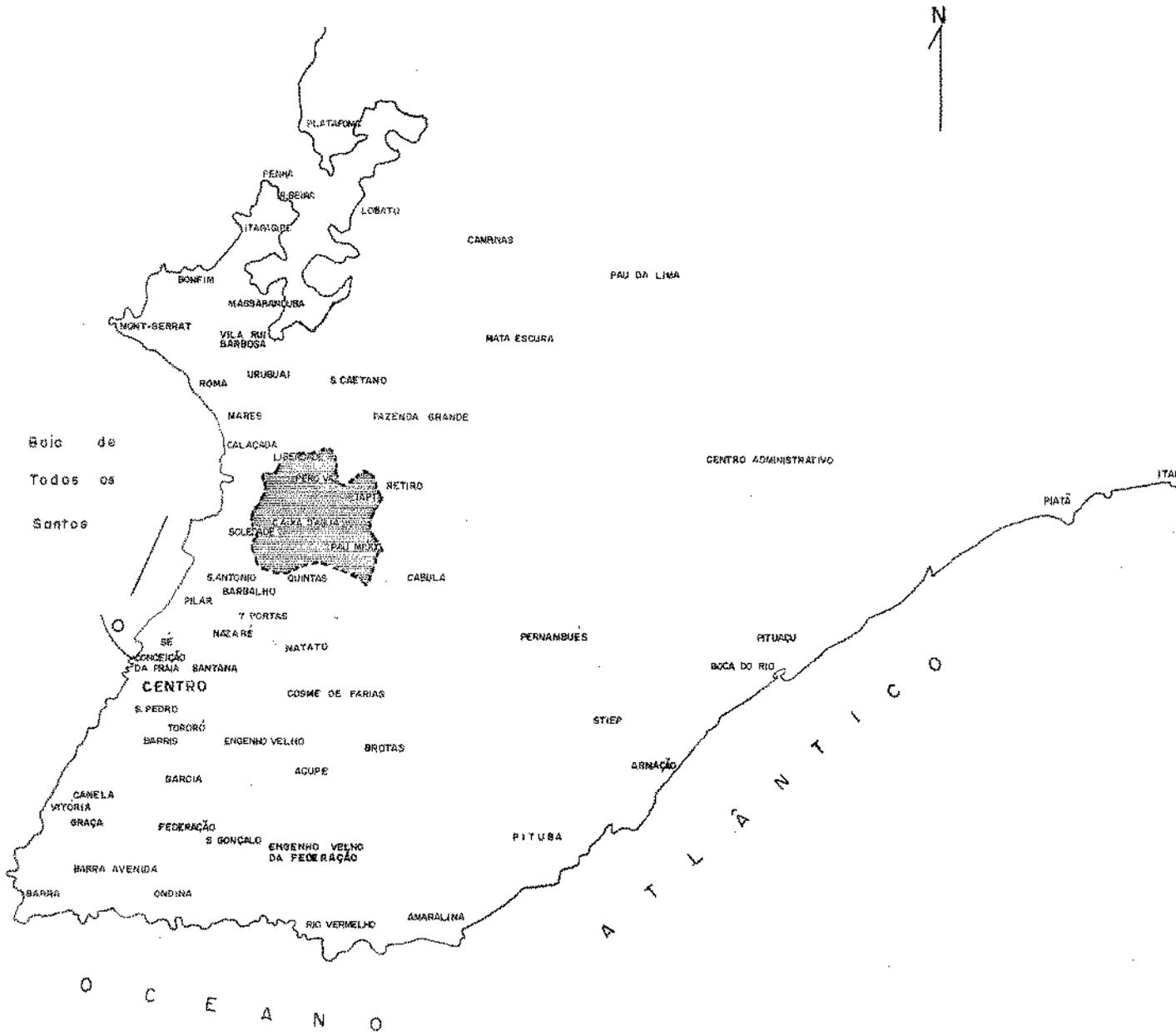
1.1. Caracterização da área

A pesquisa se desenvolveu em Salvador, nos bairros de Caixa d'Água, Pero Vaz, IAPI e Pau Miúdo, situados no subdistrito de Santo Antônio⁷ (ver Mapa nº 1) que fica no Noroeste de Salvador, paralelamente à Cidade Baixa. Esses bairros possuem, em conjunto, uma população de, aproximadamente, cinquenta mil habitantes.⁸ A área onde teve lugar a pesquisa ocupa uma extensão de cerca de 2,32km (ver Mapa nº 2).⁹ A escolha¹⁰ recaiu sobre os bairros citados porque aí reside grande parte dos alunos do Centro Integrado de Educação Anísio Teixeira (CIEAT),¹¹ colégio de onde retiramos todos os informantes de oitava série.

A ocupação do solo em Caixa d'Água, Pero Vaz, IAPI e Pau Miúdo foi feita sem planejamento de arruamentos e infra-estruturas de espaços vazios. De uma maneira geral, a posse do terreno se deu por processos paralegais,¹² quando não por invasões.¹³ A área do bairro de Pero Vaz corresponde à invasão do Corta-Braço,¹⁴ que foi a primeira e uma das maiores ocorridas em Salvador.¹⁵ Os moradores desses bairros que têm casa própria são donos, em sua maioria, apenas da benfeitoria, mas não têm a posse do terreno.¹⁶

Visitando esses bairros, vê-se marcante diferenciação entre tipos de ruas e casas, o que, no caso das ruas, está conjugado com a topografia (ver Mapa nº 3). Nas cumeadas, se localizam as ruas principais, mais largas, onde transitam os transportes coletivos, com casas melhores e melhores estabelecimentos comerciais.¹⁷ As travessas dessas ruas já se diversificam segundo a largura, tipo de casa, presença ou não de asfalto e de serviço de esgoto. Atrás dessas travessas, começam as encostas, cobertas de ruelas e bequinhos, aonde o acesso a carro é impossível, com casas geralmente mais pobres, ausência, em grande parte, de água

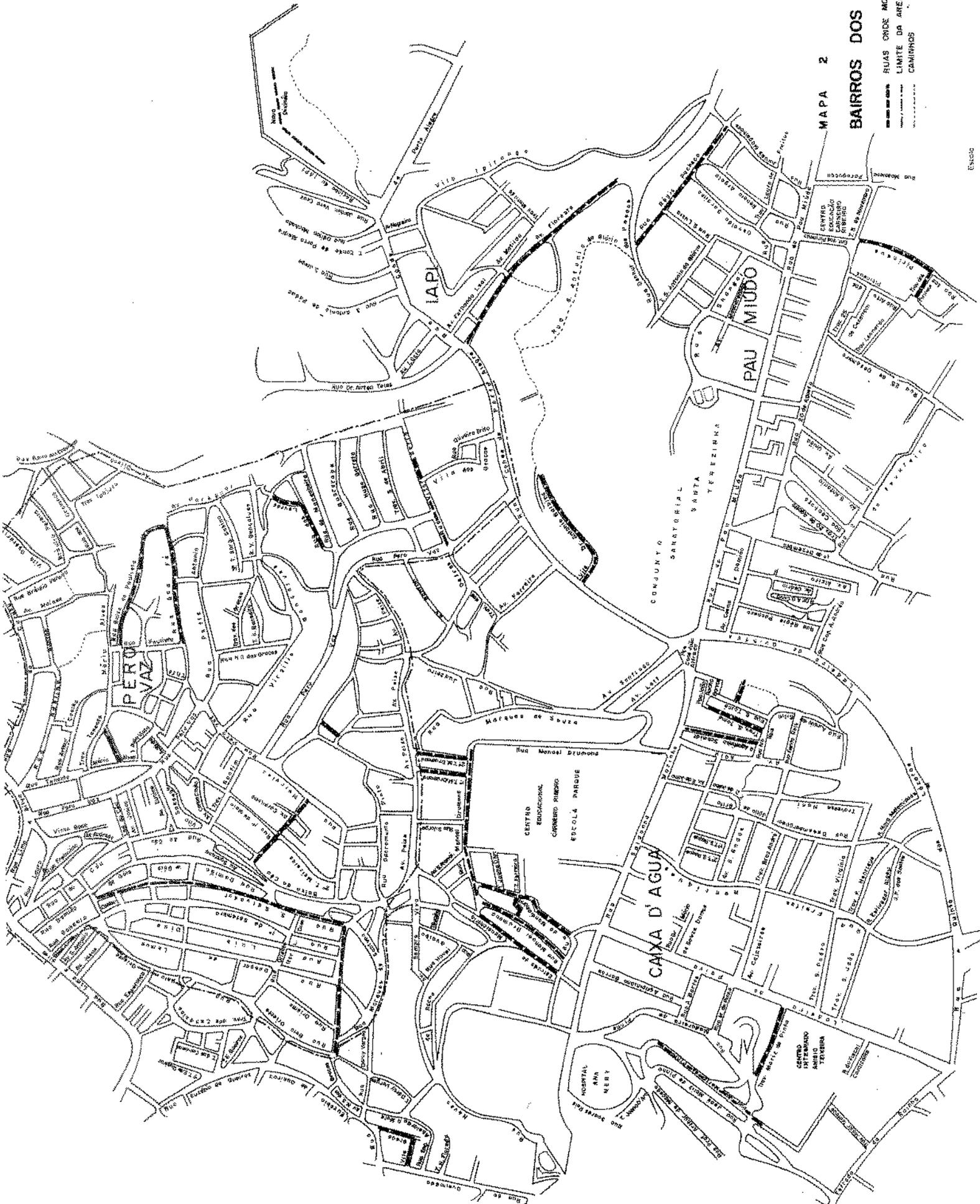
encanada e esgoto. Por fim, vêm as estreitas baixadas, entre uma encosta e outra, para onde convergem os esgotos das casas de cima. Ruas, travessas, encostas e baixadas são habitadas por uma população diversa quanto ao nível sócio-econômico. Esses bairros têm, pois, população mista: classe média em vários níveis, proletariado e sub-proletariado. E alguns fatos parecem atestar a polarização das características sócio-econômicas da população da área.¹⁸ As pessoas de nível sócio-econômico mais baixo moram, geralmente, nas encostas e baixadas. São predominantemente pretos e mulatos.¹⁹ Dessas baixadas e encostas, como de outras áreas semelhantes de Salvador, provêm pedreiros, empregadas domésticas, lavadeiras e outras ocupações desse nível, força de trabalho de que depende a cidade.



MAPA 1
CIDADE DO SALVADOR

 LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS DOS INFORMANTES





MAPA 2

BAIRROS DOS INFORMANTES

RUAS ONDE MORAM OS INFORMANTES
LIMITE DA AREA DO BARRIO DE PERC VAZ
CAMINHOS



MAPA 3

BAIRRO DE PERO VAZ

-  RUAS ONDE MORAM OS INFORMANTES
-  CURVA DE NÍVEL
-  MURO OU CERCA
-  MEIO-FIO
-  RIACHO
-  CORTE NO TERRENO
-  ESCADA
-  PONTE

ESCALA



1.2. Critérios de escolha dos informantes

Tendo considerado a localização da residência e o tipo de moradia como indicadores de nível sócio-econômico, ao lado de ocupação e nível de instrução dos pais e propriedade de automóvel, não aceitamos informantes residentes em rua principal. Foi feita uma visita à casa de todos os informantes com a finalidade de verificar esses indicadores e obter informações sobre os adolescentes através dos pais.

Além dos fatores de ordem sócio-econômica, levamos em conta, na escolha dos informantes: local de nascimento, tempo de residência na área e faixa etária. Poderia ser escolhido o adolescente, de escolaridade irregular ou de oitava série, que tivesse nascido em Salvador ou vindo para essa cidade antes dos sete anos;²⁰ fosse morador da área desde os dez anos; estivesse na faixa etária de quinze a dezoito anos.²¹ Como nos adolescentes de escolaridade irregular, a pobreza é quase sempre evidente, era na escolha dos alunos de oitava série que devíamos prestar mais atenção aos indicadores de ordem sócio-econômica.²²

1.3. Descrição dos informantes

Foi elaborada uma ficha para reunir dados sobre o informante (ver APÊNDICE 1). Comparando esses dados, observamos muitas características comuns aos dois grupos. Todos os informantes nasceram em Salvador,²³ com exceção de um aluno da oitava série.²⁴ Em ambos os grupos, mais de setenta por cento nasceram na área (70,6 no de oitava série e 76,5% entre os informantes de escolaridade irregular). E

17,5% vieram para a área entre seis e dez anos de idade. Embora haja uma variedade muito grande no tipo de ocupação dos pais nos dois grupos, o nível é semelhante. As mães têm ocupações parecidas, quase sempre ligadas a sua experiência de atividades domésticas: cozinhar, fornecer marmita, fazer doces, bordar, costurar (ver APÊNDICE 3 - Fichas dos informantes). Os tipos de ocupação se repetem nos dois grupos. A diferença quantitativa que se pode notar refere-se ao trabalho em pequenas fábricas e no serviço de cozinha: das quatro mães que trabalham (ou trabalharam) em pequenas fábricas (de bolsas, sapato, sacos e charuto), três são mães de informantes do grupo de escolaridade irregular. Apenas a mãe de um dos informantes de oitava série disse ter trabalhado por alguns anos como cozinheira de uma família. No outro grupo, seis têm experiência desse trabalho: três em casa de família e três em restaurantes. Com relação ao nível de instrução, nota-se maior diferença entre os pais que entre as mães dos dois grupos de informantes. Entre os pais do grupo de oitava série, não há nenhum analfabeto: seis têm o curso primário completo, dois chegaram a iniciar o ginásio e um concluiu todo o curso secundário. No outro grupo, embora três tenham cursado quase todo o ginásio, há três analfabetos e apenas um concluiu o primário. Entre as mães, encontramos analfabetas em ambos os grupos: seis no grupo de informantes de escolaridade irregular e quatro no de informantes de oitava série.

A divergência entre os dois grupos se apresenta maior quando comparamos as informações relativas à idade em que foram para a escola, convivência com os pais, moradia e experiência de trabalho. Todos os informantes de oitava série foram para a escola até os oito anos de idade (mais da metade antes dos seis). Entre os informantes de escolaridade irregular, mais de um terço foi para a escola com mais de oito anos.²⁵ Entretanto, não é essa diferença que dis

tingue os dois grupos, mas o tempo de permanência no processo de escolarização. Muitos dos informantes de escolaridade irregular, que hoje se encontram no MOBRAL,²⁶ matricularam-se algumas vezes, mas tiveram frequência esporádica à escola.

Parece haver relação entre a regularidade de escolarização e o fato de o informante viver com o pai e a mãe. Entre os adolescentes de escolaridade irregular que gravamos, somente cinco moram com o pai e a mãe. No outro grupo, apenas um não convive com o pai.

A moradia também distingue os dois grupos.²⁷ Três informantes de oitava série moram em encosta. Os outros (quatorze), em travessas. Nove informantes de escolaridade irregular moram em travessas, seis, em encostas e dois, numa baixada (ver APÊNDICE 3). Tendo em vista o que se disse sobre a ocupação do solo nessa área, o fato de ter ou não casa própria não revela o nível sócio-econômico da família: dez informantes de escolaridade irregular moram em casa própria e entre esses se encontram alguns de pobreza extrema. As propriedades são antigas, algumas demasiado pequenas e mal localizadas. As nove famílias de informantes de oitava série que possuem casa própria também a adquiriram há muitos anos. As famílias de ambos os grupos que residem em casas alugadas pagam aluguéis fixados há vários anos, que oscilavam de cem a seiscentos cruzeiros,²⁸ na época em que foi conduzida a pesquisa.

Mas o quadro que oferece maior divergência entre os dois grupos é o que se refere à experiência de trabalho dos informantes. No grupo de escolaridade irregular, apenas um não têm experiência de trabalho, enquanto na oitava série encontramos onze nessa situação.

Verificamos, através do levantamento das fichas individuais dos informantes, que existe comunicação constante entre os adolescentes do sexo masculino de oitava série e os de escolaridade irregular. Mais da metade deles, de ambos os grupos, faz parte de times de futebol que reúnem adolescentes de ruas próximas. Entre adolescentes do sexo feminino, não há experiência de grupo que proporcione essa oportunidade de comunicação entre os dois grupos oferecida pelo futebol.

Os APÊNDICES 4A e 4B apresentam, em síntese, os dados que comentamos sobre os informantes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta secção do trabalho, relatamos um estudo preliminar realizado com base em gravações de falantes da área, de nível sócio-econômico baixo (2.1) e como se efetuou a coleta de dados com os informantes da pesquisa (2.2); informamos, a seguir, as atitudes tomadas com relação à transcrição dos exemplos (2.3) e ao tratamento dos dados (2.4).

2.1. Estudo preliminar

2.1.1. Objetivo

Antes de colhermos o material que constitui o *corpus* da pesquisa, fizemos algumas gravações com falantes de nível sócio-econômico baixo, na área escolhida. O objetivo desta fase do trabalho foi obter exemplificação da fala desses indivíduos e conhecer meios de, mais facilmente, entrar em contacto com moradores da área.²⁹

Com base nas experiências de Labov (1977, cap.3), pretendíamos conseguir dois tipos de fala: um mais tenso, que talvez predominasse na entrevista, e o outro mais espontâneo, através de relatos de experiências pessoais do informante. Utilizamos como instrumentos um roteiro de entrevista e uma gravura³⁰ para motivar a criação de uma história. O roteiro continha uma série de perguntas com a finalidade não só de manter uma conversa como de obter informações sobre a família, a condição sócio-econômica e a escolaridade do informante. A essas perguntas seguiam-se outras que dão margem à maior expansão do adolescente, suscitando relatos de experiências de vida.

2.1.2. Análise do material obtido

Procuramos, na análise do material obtido nessas gravações, estabelecer uma comparação entre as falas de duas adolescentes: uma aluna do MOBREAL (IR) e uma da oitava série (JU). Levantamos algumas divergências em relação ao padrão, na fala de ambas. Em JU registramos:

a) troca dos grupos -gl-, -cl-, -pl- por -gr-, -cr-, -pr-:

Grobo Repórter, recramar, exppriquei (Há também ocorrência de expliquei)

b) nasalização do i inicial:

ingnorância, ingual

c) uso da fricativa glotal em lugar da fricativa labiodental:

la[h]ava (lavava).³¹

d) uso das formas de infinitivo pelo futuro do subjuntivo, nos verbos ver, saber e fazer:

(1) *Menino pequeno, se ver uma criança com uma bo neca...*

(2) *... se o meu pai saber, ele não vai gostar...*

(3) *... quem me fazer, paga.*

Em IR registramos, entre outras, as seguintes di vergências:

a) omissão de sílaba em proparoxítonos:

estoma (estômago), arvore (árvore)

b) redução de semiditongo final:

poliça (polícia)

c) troca de sibilante pela fricativa glotal, em travamento silábico:

pe[χ]çoço (pescoço)

É provável que algumas dessas divergências sejam comuns à fala das duas informantes, como verificamos com relação a:

a) omissão do s final:

(4) *Aí também nós nunca fomo lá.* (IR)

(5) *Nós fomo pra lá.* (JU)

(6) *Só Locomotiva e dez, as novela das dez.* (JU)

b) redução do ditongo ou inicial para [ɔ]:

(7) *Minha filha... é muito [ɔ]sada.* (JU)

(8) *Porque ele é [ɔ]sado.* (IR)

c) uso de ne pela preposição em:

(9) *Ali ne uma casona grande.* (IR)

(10) *... e se reuniram ne um ponto...* (JU)

Separamos as falas em três tipos: respostas às perguntas da entrevista, relatos de experiência, história criada a partir da gravura. O roteiro da entrevista deu lugar aos dois primeiros tipos de fala, mais espontâneos que a história; a gravura, como incentivo para criar uma história, determinou um contexto mais formal.

Inicialmente, consideramos os casos de concordância verbal segundo o tipo de fala em que ocorrem e segundo a pessoa gramatical envolvida. Tentamos, também, descobrir fatos que coexistissem com a presença da forma verbal no plural.

Nas respostas da entrevista, JU estabeleceu a concordância doze vezes e deixou de concordar cinco, numa das quais relacionando a forma verbal do plural com um sintagma nominal sujeito coletivo. Em seus relatos, não flexionou o verbo, nas seis ocorrências de sintagma nominal sujeito plural. Na história que criou, entretanto, flexionou todas as formas verbais que se relacionavam com sintagma nominal sujeito plural (cinco). Usou, ainda, o plural do verbo três vezes, concordando, parece, não com o sintagma nominal sujeito, mas com a frase nominal vizinha:

(11) *De repente, Mimoso chamavam os amigos e se reuniram ne um ponto e disseram: vamos amanhã brincar?*

IR estabeleceu a concordância quatro vezes: duas nos relatos de experiência e duas na história. Deixou de concordar duas vezes na história e nas duas ocorrências de sintagma nominal sujeito plural das respostas da entrevista. A frequência maior de concordância, na história, que se nota em JU, não ocorre com IR.

Ouvindo as histórias criadas pelas duas informantes, podemos observar a influência da escola nestas narrações. Apesar das várias dificuldades de compreensão que a história de IR apresenta (constante ambigüidade do sujeito, falta de continuidade na narração de alguns fatos, uso inadequado de muitos vocábulos), sua produção pode ser considerada mais rica, se levamos em conta a quantidade de situações criadas, a presença de experiências de vida e as ca

racterísticas supra-segmentais. JU não se expande muito na história, quase não inclui situações de vida, limitando-se aos contextos das histórias lidas ou ouvidas. Usa vocabulário típico de histórias infantis e construções ausentes em sua fala, como a forma pronominal lo:

(12) *Posso sentar ao seu lado para acompanhá-lo?*

A entonação de JU, com exceção de alguns trechos em que adquire espontaneidade, assemelha-se à de leitura.

Notamos, na gravação das duas informantes, ausência freqüente da flexão de primeira pessoa do plural. IR usou nós, duas vezes, com o presente do indicativo, e flexionou uma das vezes. JU, das sete vezes em que empregou o sujeito nós, usando cinco formas do presente do indicativo e duas de imperfeito, só flexionou em uma das ocorrências (no presente do indicativo).

Tentamos relacionar os casos de concordância com a posição do sujeito e distância entre este e o verbo, com as construções de relativo e também com as formas verbais envolvidas. A partir dos exemplos conseguidos nessas gravações, é possível supor influência da estrutura morfológica das formas verbais na aplicação da regra de concordância. Em JU, todos os pretéritos e todas as formas de terceira pessoa do presente do indicativo do verbo ser concordam com sujeito plural: justamente as formas que apresentam maior diferença fônica entre o singular e o plural. Em IR, é mais difícil se estabelecer qualquer regularidade, pois flexionou somente três formas de terceira pessoa: duas de pretérito e uma de presente do indicativo do verbo ir. Os dados de JU referentes à concordância com a frase nominal posposta (sujeito ou predicativo) deixam dúvida quanto ao fator que teria concorrido para a aplicação da regra (cinco vezes pa

ra seis ocorrências). Em três das frases, a concordância se faz com um numeral:

(13) São cinco mesmo.

(14) São três.

(15) São quatorze.

Pelo confronto das falas de JU e IR, talvez possamos dizer que: apesar de JU ter frequentado a escola por quase dez anos consecutivos, ainda conserva características do dialeto da sua comunidade, observadas na fala de IR que tem pouca vivência de escola; JU é capaz de apresentar modificação de estilo, a depender da situação em que se expressa, o que não se verifica em IR.

2.2. Coleta dos dados

A coleta de dados foi feita em, pelo menos, dois encontros. A primeira gravação era individual, iniciada com o roteiro mencionado (ver 2.1.1.); no segundo encontro, gravava-se um grupo de dois ou mais adolescentes.³² A reunião em grupo teve a finalidade de descontraí-los. Uma das tentativas para isto foi deixar o gravador sob controle deles, sem a nossa presença.³³

Foram gravados trinta e quatro adolescentes de nível sócio-econômico baixo: dezessete de escolaridade irregular (dezesseis alunos do MOBREAL³⁴ e um que não frequentava escola) e dezessete estudantes do Centro Integrado de Educação Anísio Teixeira, que estavam concluindo o Primeiro Grau.³⁵ Neste segundo grupo, são nove do sexo masculino e oito do feminino. Não foi possível a mesma proporção no pri

meiro grupo, dada a dificuldade de se encontrar, nas escolas de MOBREAL da área, adolescentes nascidos em Salvador: gravamos doze do sexo masculino e cinco do feminino. Também com relação à idade, a distribuição está mais equilibrada no grupo de oitava série: oito informantes entre quinze e dezesseis anos e nove, entre dezessete e dezoito. No grupo de escolaridade irregular, os informantes ficaram assim distribuídos: doze informantes entre quinze e dezesseis anos e cinco, entre dezessete e dezoito (ver APÊNDICE 4A e 4B). Nas gravações cobrem um total de trinta e cinco horas e cinquenta e um minutos. Cronometramos o tempo de fala de cada informante (ver APÊNDICE 5A e 5B): há uma variação muito grande de um para outro. Encontramos uma média de vinte e cinco minutos por informante, para o grupo de escolaridade irregular, e de vinte e sete minutos e seis segundos para o grupo de oitava série. (Sempre que nos referirmos aos dois grupos, chamaremos de Grupo A ao primeiro e de Grupo B ao segundo).

Usamos, nessas gravações, os mesmos instrumentos utilizados no estudo preliminar: acrescentamos uma pergunta ao roteiro da entrevista (sobre o hábito de ouvir rádio) (ver APÊNDICE 6) e adaptamos a gravura, substituindo-a por uma fotografia de revista, desvinculada do ambiente escolar, a fim de observarmos se a influência dessa instituição permanecia nas histórias. Em 5.1.1. fazemos referência, com maior detalhe, à utilização destes instrumentos.

2.3. A transcrição

Como não é relevante para nosso estudo, não reproduzimos variantes fonológicas. Todas as transcrições foram

feitas na grafia padrão, embora, com isto, deixemos de revelar muitas características da pronúncia de nossos informantes que apresenta diferenças em relação à pronúncia mais aceita como padrão em Salvador. Além dos casos mencionados em 2.1.2., notamos, entre outros:

['vej]	por	['veju]
['forũ] e ['foru]	por	['forãw]
[fa 'lãnu]	por	[fa 'lãdu]
['õmi]	por	[õmẽĩ]
[pulisi 'a]	por	[polisi 'aw]
[hɛ 'vɔvi]	por	[hɛ 'vɔvɛʰ]

Adaptamos, entretanto, a grafia padrão na transcrição dos segmentos finais de forma verbal relativa a su jeito plural. Registramos a presença ou ausência de nasalização, mesmo nas formas de pretérito perfeito em que a ausência desta não incorre em não aplicação da regra de concordância. Nestes segmentos finais de pretérito, a desnasalização ocorre sempre na vogal posterior correspondente à redução do ditongo (ver segundo exemplo da lista acima). Por isso, nestes segmentos, grafamos a vogal desnalizada com a letra o.

A transcrição dos finais em que ocorre nasalização foi uniformizada pela grafia padrão, embora correspondam a realizações diferentes como, por exemplo:

trabalham	por	trabalh [ãw]	ou	trabalh [ũ]
dizem	por	diz [ẽĩ]	ou	diz [ĩ]

2.4. Tratamento dos dados

Todas as sentenças com sintagma nominal sujeito plural foram anotadas em fichas. Foram fichados também os casos em que uma forma verbal flexionada se relaciona a um sintagma nominal sujeito singular. Na citação dessas sentenças no texto, o informante é identificado por uma sigla, pelo sexo e grupo a que pertence e o exemplo é localizado pelo número e lado da fita, número e página do caderno de onde foi transcrito para a ficha, nesta ordem:

(16) *Aí todos bichinhos que passava a amiga onça pedia pra soltar.*

(LB, M, B, Fita 18 B, C 5,35)

Sublinhamos sempre a forma verbal que queremos destacar. Usamos linha interrompida para sublinhar termos da construção relacionados com o caso da concordância focalizado:

(17) *... porque tava três numa bicicleta só, en tende?*

(RN, M, B, Fita 4 B, C 2,106)

Os dados foram quantificados em duas etapas. Na primeira, para se obter uma visão geral do desempenho dos dois grupos de informantes com relação à concordância verbal. Com esta finalidade, foram organizadas as TABELAS 1 e 2. Na TABELA 1, observa-se a distinção dos dois grupos pelo uso de formas verbais flexionadas em relação a sintagma nominal sujeito de primeira e terceira pessoas do plural.³⁶ Na TABELA 2, os resultados se referem somente à terceira pessoa e oferecem um confronto entre os dois grupos e entre os desempenhos individuais dos informantes de cada grupo.

Na segunda etapa de quantificação, procurou-se comparar os dois grupos de informantes, através do comportamento das variáveis escolhidas. Foram organizadas, para isto, as TABELAS 3 a 14.

Os resultados foram apresentados nas tabelas citadas em forma de cálculos de porcentagem. As observações que fizemos sobre os dados e as conclusões a que chegamos baseiam-se na análise das porcentagens elaboradas a partir dos dados.

3. DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Transcrevemos, na íntegra, a gravação do Grupo A e quase toda a do Grupo B. Com isto, pudemos conhecer mais o *corpus* e fazer observações que não nos ocorreriam se tivéssemos posto em prática a intenção inicial: transcrever as frases que fornecessem elementos para o estudo da concordância verbal.

3.1. Observações gerais sobre o desempenho dos dois grupos

No *corpus* dos trinta e quatro adolescentes surpreendeu-nos, de início, o pequeno número de formas verbais flexionadas no plural, em relação ao tempo de fala. O largo uso das formas verbais no singular nem sempre implica em divergências com relação ao padrão. É muito freqüente, por exemplo, o emprego de expressões no singular com idéia de pluralidade, para sujeito da oração, como substantivos coletivos e pronomes indefinidos. Em ambos os grupos, há grande preferência por a gente, todo mundo e o pessoal. A gravação mais rica em exemplos, no Grupo A, apresentou setenta e sete sintagmas sujeito no plural para cento e cinquenta construções do tipo citado. Uma informante, que usou uma quantidade pequena de sintagmas sujeito no plural - apenas vinte e dois - empregou sessenta e quatro vezes construções dessas. No Grupo B, o uso não é tão extensivo e alguns informantes apresentam poucos exemplos. Mas, ainda assim, em dois deles, registramos maior incidência dessas construções que de sintagma sujeito plural: num, oitenta e três para setenta e um; noutra, cinquenta e dois para cinquenta. Observamos, também, o uso do gerúndio, que prescinde da flexão verbal para se relacionar a um sintagma nominal sujeito no plural e a omissão do verbo em muitas orações com o sintagma nominal sujeito no plural.

Um outro emprego da forma verbal no singular, quando se podia esperar o plural, é a referência a apenas um dos elementos de um grupo homogêneo, quando sua posição na sentença é de sintagma nominal sujeito:

(18) ... *amigo cupim, me solta aqui! Amigo cupim começou a trabalhar cortando o cipó. Aí soltou. Amiga onça, aí, acabou de se soltar, tava com fome, comeu eles todo.*

(LB, M, A, Fita 18 A, C 5,36)

Não há exemplos deste caso no Grupo B.

A forma do singular também concorre com a do plural para indicar a indeterminação do sujeito: o informante constrói a sentença sem sintagma nominal ou se utiliza de expressões como uma pessoa e nego:

Grupo A:

(19) ... *eu gosto de ouvir assim é música, é música... ouvir as notícias que dá sobre esse negócio de acidente, essas coisas, meio dia eu gosto de pegar...*

(LE, M, A, Fita 34 A, C 5,159)

(20) *Me dano na hora que eu pego um ônibus que o ônibus vai cheio, que eu tou com uma calça limpa e nego suja.*

(EV, M, A, Fita 18 B, C 5,69)

Grupo B:

(21) *Nesse ponto aí eu acho assim o seguinte: não deve culpar nem o pai, nem a mãe.*

(VM, M, B, Fita 25 B, C 12,146)

(22) ... *porque ali todo mundo se queixava dali, que um dia uma pessoa ainda ia cair dali.*

(CO, M, B, Fita 38 B, C 14,40)

(23) *Mesmo que eles proibam, sempre nego compra e bebe.*

(LO, M, B, Fita 38 B, C 15,20)

Mas, ao lado dessas construções mencionadas, ocorrem aquelas em que não há flexão de plural no sintagma verbal referente ao sintagma nominal sujeito plural. Isto acontece em 64% dos casos no Grupo A, em 28,3% no Grupo B. A diferença entre os dois grupos se acentua se levarmos em conta a concordância com a primeira pessoa do plural. No grupo de escolaridade irregular, a ausência de marca de plural é quase tão pouco freqüente na terceira quanto na primeira pessoa: 63,8% (na terceira) e 64,5% (na primeira). A primeira do plural não é muito freqüente neste grupo, pois essas formas concorrem com o uso das construções com a gente, a que já nos referimos. Uma das informantes (BE, F, A) não a empregou uma única vez na gravação. É comum a todo o grupo a não utilização da primeira pessoa do plural no pretérito imperfeito do indicativo, talvez pelo fato de ser uma forma proparoxítona.³⁷ Entretanto, examinando o *corpus*, vemos que a maioria desses informantes (doze) não usou flexões neste tempo verbal, em qualquer pessoa do singular ou plural. Poderíamos supor que, no dialeto desse grupo, o imperfeito tende a não se flexionar: uma única forma é usada para o singular e o plural, em todas as pessoas. Nesta perspectiva, então, os casos considerados não seriam falta de concordância. Esta conclusão, contudo, deveria ser testada com uma quantidade de dados mais significativa para um estudo específico do imperfeito, nesse grupo. Mesmo porque cinco informantes usaram, embora pouco, a flexão de terceira pessoa do plural: LE, EU e TR (uma vez), ED (três vezes) e IJ (sete vezes). Este último empregou-a todas as sete vezes numa história que ele criou, falando pausadamente, refletindo.

TABELA 1: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, nas 1ª e 3ª pessoas do plural, nos Grupos A e B

Pessoas gramaticais	Grupo A		Grupo B	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
1ª pessoa	76	35,5	255	94,1
3ª pessoa	578	36,2	916	65,5

Encontramos em cinco informantes desse grupo sete ocorrências da forma flexionada de primeira do plural relacionada ao pronome a gente:

(24) ... a gente não temos água encanada em casa, nós temos que apanhar na casa da vizinha.

(EF, M, A, Fita 27 B, C 10,188)

(25) Foi que a gente aí... ajuntamos os meninos tu do, espedrejou o carro da polícia.

(ED, M, A, Fita 29 B, C 8,43)

Sete casos representam uma porcentagem pequena no *corpus* (1,8%), mas digna de ser mencionada, uma vez que não se registrou nenhuma destas construções no Grupo B.

No grupo de escolarizados (Grupo B), há uma diferença bem grande entre a aplicação da regra na primeira e terceira pessoas do plural: 94,1% na primeira e 65,5% na terceira. Considerando que dez informantes flexionaram as formas de primeira pessoa em cem por cento dos casos, a porcentagem 94,1 não caracteriza o grupo. Um dos informantes (VR, M, B) contribuiu para este resultado, deixando de flexionar sete vezes, apresentando 87,4% de concordância na primeira pessoa, porcentagem inferior à dos outros informantes.

Ainda de referência a sujeito de primeira do plural, é importante a identidade dos dois grupos nas construções com sujeito composto em que o primeiro dos elementos é o pronome eu: as formas verbais não apresentam marca de número ou de pessoa, mesmo nos casos em que o verbo, em posição anterior, está vizinho ao pronome:

(26) Uma vez mesmo que só... eu e ele veio de Maragóipe.

(IJ, M, A, Fita 14 B, C 13,18)

(27) *Quando foi quarta-feira, foi eu e minha cunhada...*

(CM, F, A, Fita 20 B, C 7,55)

(28) *Subiu eu e ele.*

(CR, F, B, Fita 12 B, C 15,117)

Considerando as trinta e nove ocorrências - vinte e cinco no Grupo A e quatorze no Grupo B - (já que não podemos computar as formas de primeira pessoa não marcadas (ia, tava e outras), encontramos apenas uma exceção, em que o informante do Grupo A (IJ, M, A) usou flexão de pessoa:

(29) *Festa da Pituba mesmo, fui eu e os colegas: negócio de um, um jogo lá.*

(IJ, M, A, Fita 14 B, C 13,11)

Confrontando o desempenho lingüístico nos dois grupos, observamos também as ocorrências de sintagma nominal sujeito singular com sintagma verbal no plural: treze no Grupo A e vinte e três no Grupo B. Algumas delas (sete no primeiro grupo e dezesseis no segundo) apresentam semelhança entre si: o uso do verbo no plural se relacionando com expressões no singular com idéia de pluralidade. Este fato foi estudado por Cardoso e Motta (1975) em estudantes recém-ingressos na Universidade Federal da Bahia (ver 4.).

Grupo A:

(30) *Tem muita gente que já se mudaram, chegaram outros novos.*

(BE, F, A, Fita 33 B, C 14,32)

(31) *Aí ficam tudo assim pra ver se eu vou apanhar mesmo.*

(RA, M, A, Fita 32 B, C 11,119)

Grupo B:

(32) Ah, são todo mundo bacana lá.

(BM, F, B, Fita 5 A, C 4,11)

(33) Aí na hora correr o tudo pra cima da gente.

(UB, M, B, Fita 17 B, C 17,39)

(34) Um bocado de abestalhado lá não quiseram.

(CL, M, B, Fita 2 B, C 4,72)

O interesse central para o nosso estudo é a concordância de terceira pessoa com sujeito plural. A TABELA 2, que apresenta as porcentagens de aplicação da regra relativas a este caso, demonstra como são distintos os dois grupos. A porcentagem sobre o total de cada grupo é bastante diferente uma da outra: 36,2% no Grupo A e 65,5% no Grupo B. Através das porcentagens, por informante, colocadas em ordem decrescente, verificamos que onze do primeiro grupo estão abaixo da menor porcentagem do segundo e nove informantes deste estão acima da maior porcentagem do Grupo A (ver Gráfico Comparativo). Considerando os limites superiores e inferiores, notamos, no Grupo A, 61,3% e 6,3%, enquanto no Grupo B, os extremos são 43,1% e 96,6%.

3.2. Observações assistemáticas sobre as diferenças individuais

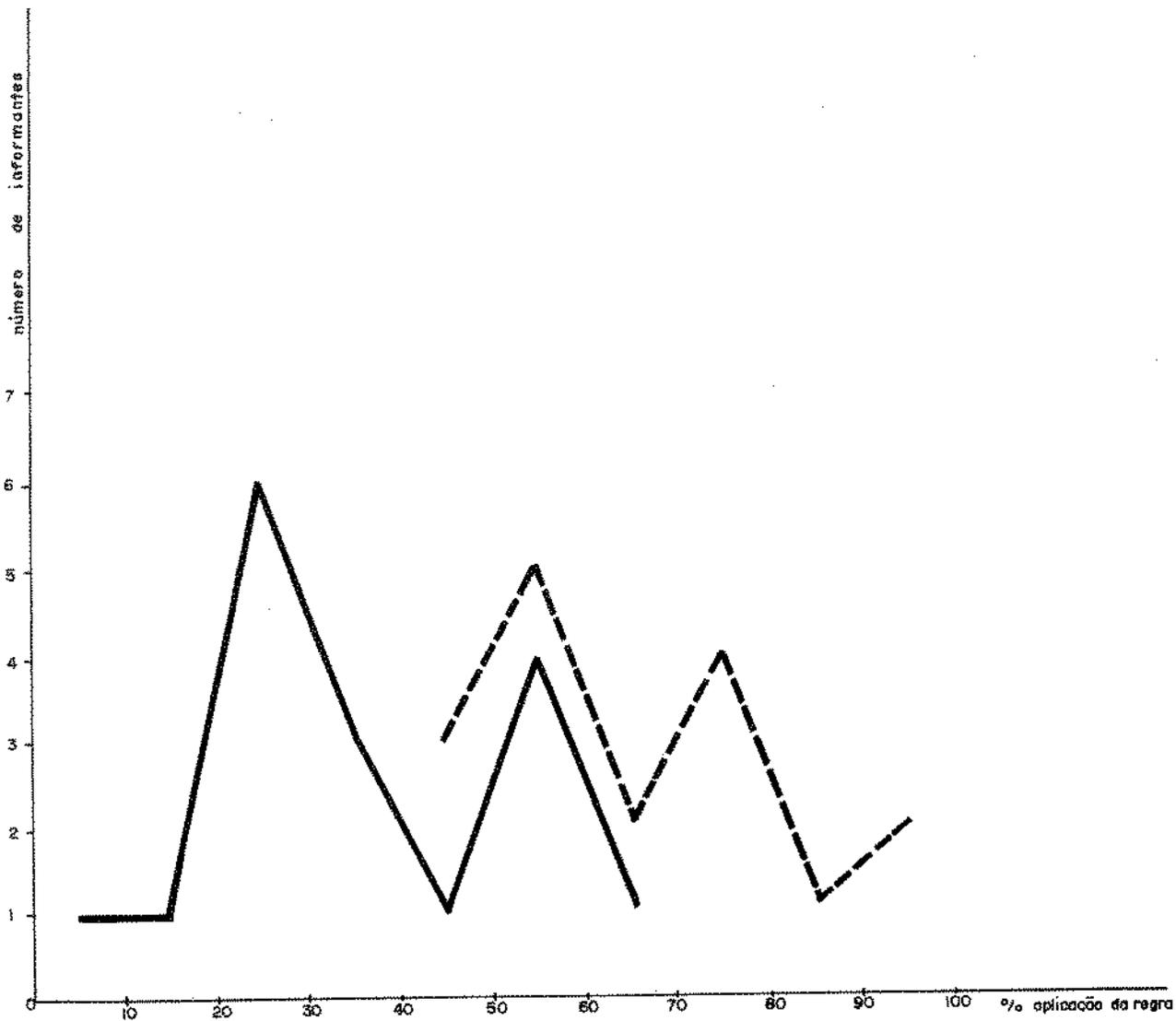
Utilizando as informações que conseguimos obter sobre os informantes, tentamos interpretar as diferenças individuais dentro de cada grupo. Seis informantes do grupo de escolaridade irregular (CM, EF, GE, HA, IJ e TR) tiveram mais tempo de permanência na escola que os demais (ver APÊNDICE 3, Fichas nº 2, 4, 7, 9, 10 e 15). CM, EF, IJ e TR fazem o Cur

TABELA 2: Porcentagem de aplicação da regra de concordância da terceira pessoa do plural, nos grupos A e B, por informante

Grupo A		Grupo B	
Informantes	Porcentagem de aplicação da regra	Informantes	Porcentagem de aplicação da regra
IJ	61,3	CS	96,6
EF	59,3	AS	90,9
ED	53,5	CO	85,4
TR	50,0	AC	79,5
RE	50,0	GB	78,6
VD	48,9	VR	76,6
EU	39,4	LU	73,3
GI	37,9	VT	65,2
HA	32,5	JU	63,4
CM	27,3	RN	57,6
RA	26,7	EL	53,8
LB	26,3	VM	52,0
GE	21,1	CL	51,6
BE	20,0	LO	50,9
VA	20,0	BM	49,3
LE	14,3	UB	48,3
EV	6,3	CR	43,1
Porcentagem sobre o total do grupo	36,2	Porcentagem sobre o total do grupo	65,5

GRÁFICO COMPARATIVO

APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA NOS GRUPOS A E B



———— GRUPO A
----- GRUPO B

so de Educação Integrada do MOBREAL, enquanto GE e HA ainda estão no Curso de Alfabetização. A porcentagem de aplicação da regra em HA é de 32,5%, próxima à do total do grupo (36,2%). CM e GE apresentam resultados inferiores: 27,3% e 21,1%, respectivamente. Em torno das porcentagens destes dois informantes está a maior concentração do grupo. TR, EF e IJ têm porcentagens bem acima da do grupo e constituem, com outros três informantes (ED, RE e VD), um subgrupo do Grupo A que compete com oito informantes do Grupo B (ver Gráfico Comparativo). Talvez para IJ e TR um outro fator tenha contribuído para um desempenho lingüístico mais próximo à variedade de prestígio, com relação à regra de concordância: são ambos penúltimos entre muitos irmãos. Os mais velhos estudam e alguns já completaram o Segundo Grau. Quanto a ED, RE e VD (ver Fichas nº 3, 14 e 17, APÊNDICE 3), o tempo de escolarização não poderia justificar sua inclusão no subgrupo de porcentagens mais altas. VD faz o Curso de Educação Integrada, mas ED (terceiro lugar do grupo) ainda está sendo alfabetizado e RE não frequenta escola. RE consegue ler um pouco, aprendizagem que, segundo ele, não se deu na escola.

Os informantes que apresentaram as maiores porcentagens de aplicação da regra de concordância nem sempre são os de melhor desempenho escolar, segundo as observações que tivemos dos professores. IJ, EF e TR ainda não dominam a leitura. ED e VD são alunos que acompanham bem o curso. CM e RA (ver Ficha nº 13 no APÊNDICE 3), que nas aulas se destacam em relação aos colegas, tanto na leitura quanto na escrita, apresentaram resultados bem abaixo da porcentagem do total do grupo: 27,3% e 26,7%, respectivamente.

Experiências de trabalho talvez tenham exercido influência sobre esses adolescentes, no desempenho lingüís

tico relativo à regra de concordância, através de contactos verbais. VD, além de ter trabalhado como ajudante de pedreiro e numa casa de estofamento de móveis, trabalhou numa oficina de eletrodomésticos, no atendimento a fregueses, e foi entregador de jornal. TR tem experiência em serviço doméstico e em cuidar de criança, numa escola.

Quanto aos meios de comunicação de massa, uma outra forma de estes indivíduos tomarem contacto com a variedade de prestígio, não podemos dizer, com segurança, que tenham constituído fator de diferenciação. No subgrupo dos seis informantes de porcentagens mais altas, quatro assistem muito televisão; ED assiste pouco (não tem televisor em casa) e TR disse não gostar de televisão. Todos ouvem um pouco de rádio: programas musicais. EF prefere ouvir futebol e VD ouve rádio durante todo o dia, no trabalho. Considerando a faixa onde se concentra maior número de informantes (porcentagens de 20 a 29%), três assistem bastante televisão: CM, RA e VA; GE e BE assistem muito pouco e LB, raramente. (BE e LB não têm televisor em casa). Quase todos gostam de ouvir programas musicais de rádio, com exceção de BE e VA. LB gosta de um programa popular que aborda problemas da Cidade (ver Fichas nº 13 e 16, APÊNDICE 3).

EV e LE (ver Fichas nº 6 e 12, no APÊNDICE 3) apresentam as porcentagens mais baixas na TABELA 2. São colegas num Curso de Alfabetização do MOBREAL. Segundo a professora, eles têm dificuldade para o aprendizado da leitura. Ambos assistem pouco televisão, mas ouvem bastante rádio. LE gosta de um programa popular que noticia crimes e acidentes ocorridos na Cidade. Pelo que pudemos observar, LE é muito ligado a sua comunidade e seus hábitos lingüísticos podem indicar sua identificação com ela.

São muitos os fatores que podem ter contribuído para as diferenças entre os informantes do Grupo A e que escapam a nossa observação. E, segundo nos parece, os fatores não pesam igualmente para um e outro indivíduo.

Embora seja um pouco menos diferenciado com relação às porcentagens de aplicação da regra, o Grupo B apresenta diferença entre os informantes. O tempo de permanência na escola varia de oito a treze anos (ver APÊNDICE 4B). Não encontramos correspondência entre este tempo e as porcentagens. Observamos também as informações referentes à escolarização de cada um: seis informantes foram alfabetizados e fizeram todas as séries correspondentes ao primário numa escola: AS, BM, CS e VT, numa escola pública; CO e RN, numa escola particular do bairro. Quatro informantes iniciaram o estudo numa escola de banca (ver nota 25) e passaram a uma escola pública, onde fizeram as séries do primário: CR, EL, LO e VR. Os sete restantes estiveram em mais de duas escolas durante o primário. As séries correspondentes ao ginásio, quase todos eles cursaram no CIEAT. Excetuam-se CR, que veio para este colégio na sétima série, e RN, na sexta. É evidente que os dados que apresentamos sobre a escolarização são incompletos. Faltam-nos informações importantes como a eficiência do ensino em cada uma das escolas frequentadas pelos informantes. Os resultados de alguns deles pareciam indicar correspondência entre as porcentagens de aplicação da regra e a maneira como se processou a sua escolarização: CS, AS e CO (ver Fichas nº 24, 19 e 22, no APÊNDICE 3) apresentam as porcentagens mais altas; VT (ver Ficha nº 34 no APÊNDICE 3) se avizinha da porcentagem do total do grupo; mas RN e principalmente BM (ver Fichas nº 30 e 20, APÊNDICE 3) negam esta correspondência. Por outro lado, entre os informantes que mudaram de escola durante o primário, estão AC, GB e LU (ver Fichas nº 18, 26 e 29, no APÊNDICE 3)

com porcentagens superiores a setenta por cento. Talvez CS e AS, irmãs, contem com o mesmo fator que apontamos para IJ e TR (Grupo A): elas são as últimas filhas entre dez irmãos, alguns dos quais já concluíram o Segundo Grau e são empregados. Achamos que a convivência com estes irmãos reforça o trabalho da escola quanto à transmissão da variedade de prestígio. Embora as condições materiais da família de CO equivalham à da maioria dos informantes de oitava série, percebemos, pela conversa com os pais, que eles não se identificam com os moradores da vizinhança. Essa observação é extensiva a GB e LU, irmãos. Eles dois e CO moram em travessas paralelas, em condições de habitação semelhantes. Os pais são comerciários. Contudo, pareceu-nos que estes informantes se aproximam não só pelas condições econômicas atuais, como pelos hábitos de família, inclusive os lingüísticos. Se o que observamos é real, CO, GB e LU encontram-se menos distantes, em relação aos colegas, dos indivíduos de classe superior à deles, nos quais a escola reforça os hábitos lingüísticos que tiveram iniciação na família. Talvez se possa dizer o mesmo de AC.

No grupo de informantes de oitava série, há duas concentrações de porcentagens: um subgrupo entre 50 a 59% e outro entre 70 e 79%. Neste segundo subgrupo, estão AC, GB, LU, e VR. VR (ver Ficha nº 33, no APÊNDICE 3) constitui um caso à parte. Ele e BM são os dois informantes de mais baixo nível sócio-econômico no Grupo B. Moram ambos em encosta, as mães são analfabetas. A mãe de VR até esmola pediu para conseguir criar os oito filhos; o pai abandonou a família. No entanto, eles se diferenciam bastante quanto ao uso da regra de concordância. Procuramos encontrar fatores que explicassem esta diferença. BM é calada e muito doméstica; suas amizades estão na vizinhança de sua casa. VR tem liderança em grupos de sua comunidade: é da diretoria de um clu

be carnavalesco e toma a frente em organização de passeios coletivos; tem tido uma experiência de trabalho variada: vendedor de picolé, ascensorista, *office-boy*, ajudante de mecânico e servente de pedreiro. As três primeiras atividades podem ter lhe dado mais oportunidade de se comunicar com pessoas que usavam a variedade de prestígio. Talvez CR e UB (ver Fichas nº 23 e 31, APÊNDICE 3), as porcentagens mais baixas do Grupo B, tenham, como BM, uma vivência mais constante com a sua comunidade e menos contacto com falantes que usam a variedade transmitida pela escola. CR passa grande parte do tempo em casa, tomando conta dos irmãos menores. UB tem família grande, inúmeros primos na vizinhança. Não tem experiência de trabalho. CR começou agora a trabalhar, com vendagem de cosméticos.

CL (ver Ficha nº 21, no APÊNDICE 3) é o informante de melhor condição econômica (ver nota 24). Mas a porcentagem de aplicação da regra de concordância em CL localiza-se no subgrupo de porcentagens de 50 a 59%, equiparando-o aos informantes de escolaridade irregular com porcentagens mais altas. Supomos que os hábitos lingüísticos da família de CL são semelhantes aos da vizinhança, embora as condições econômicas desta sejam inferiores.

A opinião que os professores têm sobre os informantes, segundo o desempenho escolar, se aproxima dos resultados referentes à aplicação da regra de concordância. Cinco alunos (BM, CL, EL, RN e UB), indicados como problemáticos em relação à aprendizagem, figuram entre os oito informantes que se encontram abaixo da porcentagem do total do grupo. Mas CS (a porcentagem mais alta) e CR (a porcentagem mais baixa) contrariam inteiramente o julgamento: CS foi apontada como aluna fraca em Português e CR, como aluna de aprendizagem média.

Pelas informações que obtivemos, não podemos considerar os meios de comunicação de massa como fator diferenciador, pois todos têm televisor em casa e quase todos gostam de ouvir programas musicais de rádio. Somente BM e VR disseram assistir pouco televisão. CL, CO e JU ouvem mais rádio que os outros.

4. A CONCORDÂNCIA COMO REGRA VARIÁVEL

4.1. Sobre a concordância verbal

Em português, como nas outras línguas neolatinas, é prevista uma concordância entre o sintagma verbal e o sintagma nominal sujeito, que consiste em se repetir, no verbo, as marcas de número e pessoa presentes no sujeito, mesmo que esse não venha expresso na oração. As gramáticas normativas observam que a flexão, exigida pela concordância, facilita a identificação do sujeito quando não estão presentes o nome ou o pronome. Com isto, parecem afirmar, indiretamente, o que se nota na prática: a ausência de flexão não impede a relação sintagma nominal sujeito/sintagma verbal, apenas omite a redundância:

(35) *É o nome da luta que eles luta lá.*

(LO, M, B, Fita 15 A, C 14,92)

(36) *... e aí foi nós três andando.*

(LO, M, B, Fita 16 B, C 14,178)

Na linguagem oral, entretanto, a flexão não é essencial para a identificação do sujeito que não vem explicitado na oração:

(37) *... os cara não tão olhando pra, pra quem tá perto. Seita logo nome.*

(CO, M, B, Fita 38 A, C 14,42)

Muitas vezes, a escolha da forma verbal, plural ou singular, pode ser determinada pela necessidade de se dar relevo ou aos elementos que constituem um sintagma nominal sujeito coletivo, ou à idéia de conjunto por ele representada. As gramáticas normativas trazem uma série de exceções à regra de concordância, ligadas a razões semânticas ou de posição do sintagma verbal em relação ao sintagma no

nominal sujeito. Não é, pois, a presença da flexão que torna clara a ligação sintagma verbal/sintagma nominal sujeito. Mas, embora não implique, quase sempre, em prejuízo da comunicação lingüística, a falta de concordância verbal é um dos hábitos lingüísticos mais estigmatizados socialmente. A estigmatização é bem mais forte sobre a escrita, nos parece, devido às características do código escrito, inclusive nos casos que podem passar despercebidos na fala. A sanção social tem contribuído, certamente, para a manutenção das regras de concordância.³⁸ Mas, ao lado deste fator que atua no sentido de que estas regras se apliquem, muitos outros concorrem para que elas não sejam aplicadas. Quando a pressão social, neste aspecto, é menos sentida, como acontece nos níveis sócio-econômicos mais baixos, ocorre um maior afastamento dessas regras. Este afastamento tem sido estudado, com abordagens variadas.

4.1.1. Algumas fontes teóricas

Monserrat e Maia (1978) concluem, em seu estudo de um *corpus* de trezentas redações de alunos recém-ingressos na universidade, que a concordância, tanto nominal quanto verbal, está sendo operada segundo regras diferentes das estabelecidas pela norma gramatical vigente. As autoras fazem uma tentativa de verificar as relações de concordância não só no nível do sintagma, como no nível do período e do parágrafo. No nível do sintagma, observam que o mais comum é a falta de concordância com o sujeito posposto. No nível do período, constataram uma freqüente concordância do verbo de uma oração com um termo de outra, e a concordância referencial e não dêitica. (Ex: "É difícil descrever como nós somos é bem mais fácil ser analisada de fora").

Cardoso e Motta (1975) se referem à pluralidade de regras sintáticas verificadas na concordância sintagma nominal/sintagma verbal em português. O estudo se baseia em trabalhos escritos de estudantes recém-ingressos na UFBA, que freqüentavam um curso de recuperação.³⁹ Os informantes, em sua maioria, são da Bahia. Inicialmente, as autoras destacam os quatro tipos de padrão encontrados: sintagma nominal sujeito plural/sintagma verbal plural, sintagma nominal sujeito singular/sintagma verbal singular, sintagma nominal sujeito plural/sintagma verbal singular, sintagma nominal sujeito singular/sintagma verbal plural. Ocupam-se, a seguir, dos dois últimos padrões. Tentando encontrar os condicionamentos que lhes dariam lugar, examinam a estrutura sintagmática dos tipos de frase e a constituição do sintagma nominal sujeito. Embora reconheçam, para o terceiro padrão, alguma influência no processo de relativização, na distância entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal, bem como na não explicitação do sintagma nominal sujeito, não consideram estes fatores condicionantes. Observando os elementos léxicos inseridos no sintagma nominal sujeito, vieram a encontrar, no padrão sintagma nominal sujeito singular/sintagma verbal plural, uma relação constante entre a presença da flexão no verbo e o traço [- singularidade] no nome núcleo do sujeito.

Gryner (1977), numa amostra da linguagem oral de quarenta e cinco informantes de idade, nível sócio-econômico e escolaridade diversos, colhida na área urbana de Petrópolis, através de testes operacionais, estuda o emprego da flexão de plural dos verbos ter, haver e existir. Em princípio, nesse trabalho, não é focalizada a aplicação da regra de concordância verbo/sujeito, mas o uso das formas de plural concordando com o sintagma nominal posposto em função de sujeito ou complemento, segundo a classificação tradicional. São considerados fatores de ordem lingüística (nature

za do verbo principal, constituição do sintagma predicado, constituição do sintagma nominal - numeral e outros; contexto fonológico seguinte) e fatores de ordem social: classe sócio-econômica, sexo, idade e escolaridade. Com relação aos fatores lingüísticos, a autora conclui que as restrições à concordância com o sintagma posposto ao verbo são as mesmas para os verbos ter, haver e existir; observou que a concordância é mais provável nos contextos fonológicos que favorecem a assimilação à desinência do plural e que a presença de numeral no sintagma nominal posposto a haver aumenta seu índice de concordância. No que diz respeito à escolaridade, seus dados apresentam um aumento sensível de concordância nos indivíduos do Segundo Grau e um decréscimo entre os de curso superior. A autora encontra nesses fatos um reflexo da pressão social no período que antecede o vestibular. Quanto aos fatores sociais, a autora se refere à redução de concordância entre os mais jovens como uma confirmação da tendência diacrônica à eliminação de formas redundantes e à redução entre os menos favorecidos como evidência de que nessa classe se iniciam as mudanças lingüísticas. Desta forma, ela admite a hipótese de que a concordância verbal passa por um processo de mudança. Posição semelhante é assumida por Naro e Lemle (1977 e 1978) e Naro (1978), embora a hipótese destes autores se baseie em outros princípios.

Em Naro e Lemle (1977) o objetivo é propor um modelo universal de mudança sintática. Com esta finalidade, se detiveram no estudo das regras de concordância verbal no português do Brasil que estariam em pleno processo de mudança, acentuadamente nas classes de nível sócio-econômico mais baixo. Em indivíduos destas classes, constataram 10% a 60% de uso da regra de concordância em entrevistas formais e até 10% na conversa informal, enquanto nas classes média

e alta, segundo suas observações, a regra ainda é categórica, com exceção dos casos de sintagma verbal posposto. Nesse trabalho, o *corpus* foi constituído da fala de três informantes de nível sócio-econômico baixo, um do sexo feminino e dois do masculino, com experiências de vida diferentes. Utilizando os dados fornecidos por esses informantes, o trabalho procura evidenciar os fatores que concorrem para a aplicação, ou não, da regra. Duas variáveis estruturais são propostas: a classe morfológica da forma verbal e a posição de superfície do sujeito. A variável classe morfológica se baseia na observação de que a ausência de concordância ocorre mais freqüentemente com as formas em que o singular difere pouco, foneticamente, do plural e, por isso, o emprego da forma do singular em lugar da do plural é menos notável. Existe uma gradação na diferença entre as formas. Nesse trabalho, os autores estabeleceram uma escala com cinco graus, rotulados por letras R, V, E, F, W:

- R fala/falam: acento no radical, nasalização da vogal final átona
- V faz/fazem: acento no radical, presença ou ausência da vogal nasal final átona
- E falou/falaram: acento na terminação, desinências bem distintas
- F fez/fizeram: como na classe E, mas com alguma irregularidade
- W é / são: formas monossilábicas, completamente distintas

Uma outra sub-classe, L, não estaria colocada em nenhum grau da escala: apresenta características da R (a crêscimo da nasalidade à forma do singular) e da W (formas monossilábicas).

Na variável posição de superfície, foram considerados três casos: sujeito em posição pré-verbal (símbolo A), sujeito em posição pós-verbal (símbolo D) e sujeito apagado ou distante do verbo (símbolo O).

Os resultados foram apresentados em forma de probabilidade, calculados pelo Programa VARBRULE 2, e frequência relativa de concordância, calculada pelo programa SWAMINC.

Com relação à variável morfológica, os resultados obtidos são bastante coerentes com a hierarquia proposta, embora um dos informantes tenha apresentado bem pequena diferença entre as classes E, F e W. As classes que demonstram menos concordância - R e V - constituem mais de 60% dos dados, enquanto as classes de mais concordância - E, F e W - constituem menos de 30% do total. Como os autores observam, a concordância não incide nas formas de maior uso. E os indivíduos deveriam mostrar uma aprendizagem maior das formas comumente mais repetidas. É possível, entretanto, que as formas ouvidas repetidamente já sejam não flexionadas. Os resultados referentes à variável classe morfológica são, para os autores, uma evidência importante de que, em termos sincrônicos, funciona um princípio de saliência fônica, tanto em falantes individuais quanto na fala da comunidade.

Para a variável posição de superfície, os resultados dos três informantes, seja na forma de frequências ou de probabilidades, apresentam uma mesma ordem: primeiro, sujeito distante ou apagado (O), depois sujeito pré-verbal (A) e, bem abaixo destas duas posições, o sujeito posposto (D). Também aqui, segundo os autores, prevaleceu o princípio da saliência: a ausência de concordância é menos notável em D que nas outras duas posições; entre O e A, a ausência de

concordância é mais facilmente percebida no O, porque a distância (ou ausência) do sujeito requer um outro mecanismo para suprir a ligação que é estabelecida, comumente, pela posição: sujeito diante do verbo.

Além das variáveis descritas, foi considerada a possibilidade de variação da frequência da concordância, conforme o grau de formalidade da situação em que atua o falante. Para testar a hipótese, foram feitas, para cada informante, entrevistas em situações diferentes. Comparando os resultados das variáveis sociais com as estruturais (em dois dos informantes), os autores admitem que, ainda com relação àquelas, observa-se o princípio da saliência: a concordância é menos freqüente naquelas situações em que o nível de atenção dado à fala é menor, em que a ausência das flexões, portanto, é menos percebida.

Naro e Lemle (1978) fazem um estudo de uma amostra de alunos do MOBREAL, com o objetivo de verificar pontos de diferenciação entre a variedade de língua portuguesa falada por esse grupo social e as variedades da língua escrita de nível jornalístico e da literatura contemporânea mais acessível. Os autores partem da proposição de que esse grupo tenciona adquirir competência nessas variedades da língua escrita. A primeira parte do trabalho⁴⁰ dá continuidade ao estudo sobre variação da regra de concordância verbal, de uma forma mais extensa que no trabalho anterior, apresentando novas propostas. A amostra é de vinte informantes (nove mulheres e onze homens) com uma variação de idade de dezessete a cinquenta anos (seis com mais de quarenta anos e quatorze com menos de cinquenta). Com cada um deles foram feitas sete entrevistas, de uma hora cada, (um total de 140 horas) variando, sob controle, as circunstâncias das gravações com o objetivo de obter comportamentos lingüísticos diferentes.

Considerando que os vários subgrupos de uma sociedade empregam a regra em grau diverso, que ocorre variação de acordo com o nível de formalidade da entrevista, que existem contextos semânticos, sintáticos e morfológicos que influem na aplicação da regra, quatro variáveis são hipotetizadas: a estilística - a variação das circunstâncias extra-lingüísticas incorre em comportamentos lingüísticos diversos; a semântica - a definição, ou não, do sujeito da oração teria influência na aplicação da regra de concordância; a posicional - a aplicação da regra de concordância variaria conforme a posição do sujeito relativamente ao verbo; a morfológica - o grau de saliência fônica da diferença morfológica entre as formas verbais do singular e plural está diretamente relacionado com probabilidade de aplicação da regra de concordância.

Para trabalhar com a última hipótese, utilizaram a escala estabelecida no estudo anterior, que denominaram de categorização *old* e mais duas categorizações: a *neo-code* e a *neamal*. A subclasse L, da categorização *old*, agora é definida como "sobreposição de raiz e desinência, com acento" e inclui as formas está/estão (não monossilábicas). Para a categorização *old* foi construída a hipótese de que a hierarquização das probabilidades de concordância seria nesta ordem:

$$\frac{\text{R V}}{\text{sem acento}} \quad \frac{\text{L E F W}}{\text{com acento}}$$

A segunda categorização, a *neo-code*, é bem mais detalhada, apresentando um grande número de subclasses. Surgiu da necessidade de encontrar pontos de discrepância verificados na aplicação da primeira. A hipótese construída é a mesma para as duas categorizações. A terceira categorização, *neamal*, é uma redução da segunda. Vamos apresentar, em con

junto, as subclasses da *neo-code* e *neamal*, indicando a correspondência entre elas:

3ª categorização *neamal*

B - "verbos regulares nos quais a diferença entre a vogal das desinências singular e plural consiste apenas na nasalização."

Ex.: come-comem; constrói-constroem; vê-vêem

N - "Forma singular em a átono e plural am (na representação ortográfica)"

Ex.: fala-falam

V - "diferença entre singular e plural consiste numa vogal final átona, possivelmente nasalizada."

Ex.: faz-fazem; quer-querem

G - "sobreposição de raiz e de sinência, com acento."

Ex.: estã-estão; dá-dão; vai-vão

W - "formas totalmente distintas para singular e plural."

Ex.: é-são

K - "pretêritos perfeitos regulares."

Ex.: falou-falaram

2ª categorização *neo-code*

B - possílabos

Ex.: come-comem

T - monossílabos

Ex.: vê-vêem

N - (idem)

V - (idem)

G - estã-estão; dá-dão

W - (idem)

J - comeu-comeram; partiu-partiram

K - falou-falaram

3ª categorização (cont.)	2ª categorização (cont.)
Y - "pretéritos perfeitos irregulares, com mudança de <u>a</u> cento."	Y - trouxe-trouxeram; disse-disseram
Ex.: trouxe-trouxeram; disse-disseram; fez-fizeram	X - fez-fizeram; teve-tiveram
Z - Caso único: foi-foram	Z - (idem)
U - Caso único: veio-vieram	U - (idem)
Q - Caso único: era-eram	Q - (idem)

As subclasses B e N da terceira categorização correspondem à R da *old*. A subdivisão é justificada pela diferença que existe na pronúncia dos falantes da pesquisa. Na subclasse N, a diferença está entre [a/u] ou [a/ũ]; enquanto, na subclasse B, a diferença está entre [i/ĩy]: [fala/falũ] ou [fala/falu] e [komi/komĩy]. Da F, na *old*, foram retiradas as formas veio-vieram e foi-foram que constituíram duas subclasses porque têm características diferentes de quaisquer outras formas de pretérito. A classe Q, era-eram, foi criada com o fim de testar uma outra hipótese, "a pressão para uniformização paradigmática". Como as formas do verbo ser apresentam maior saliência fônica que todas as outras, no presente do indicativo, poderia haver a tendência de maior concordância também nos outros tempos desse verbo. Assim, era-eram deveria apresentar um índice de concordância maior que os imperfeitos dos outros verbos.

Para a terceira categorização, é construída a hipótese de que a hierarquização das probabilidades de concordância siga o modelo:

<u>/ B N V /</u>	<u>/ G Z W /</u>	<u>/ K Y /</u>
contraste na desinência sem acento	contraste na sobre posição raiz-desi nência, com acento	contraste na desinência com acento

No método de avaliação da interação dos fatores, estes foram reunidos de tal forma que os fatores de cada grupo - classe morfológica, posição e natureza do sujeito e situação social - fossem mutuamente exclusivos: em cada contexto, aparece somente um fator de cada grupo. Foram utilizados três modelos que apresentaram resultados paralelos: o primeiro, que não leva em conta a interação dos fatores e calcula a frequência relativa da aplicação da regra para cada fator, isolando todos os casos em que ele ocorre, independentemente dos outros que possam ocorrer conjuntamente. O segundo, aditivo, conforme o qual os efeitos provocados por cada fator presente num contexto se somam aritmeticamente. O terceiro diz respeito à probabilidade de aplicação de uma regra; foi criado pelo Prof. D. Sankoff, da Université de Montréal, para pesquisas lingüísticas (já utilizado no trabalho anterior destes autores).

Os resultados encontrados demonstram que o grupo de fatores mais forte é o morfológico. Na leitura da TABELA 10, amálgama de quatorze informantes, (Naro e Lemle 1978, p. 41), podemos ver o aumento das frequências de um grau da escala para outro. De V para G, entretanto, há um grande salto, justamente quando se passa para as formas com acento na desinência. Em W e K, os valores se equivalem: embora é/são sejam as formas mais distintas que se opõem, na classe K, a incidência do acento nas desinências de singular e plural (dos pretéritos regulares) tornam estes segmentos como que destacados da raiz e bem diferentes. Entre as classes K e Y não há grande diferença na frequência de aplica

ção da regra. Esses resultados levam à suposição de que a localização do acento nas desinências que se opõem é mais importante que a mudança de acento, que ocorre com os pretéritos irregulares.

Com relação à hipótese de uma influência paradigmática (subclasse Q), os resultados parecem indicar sua validade, pois a concordância de era/eram mostra alguma diferença em relação a N, que pertence ao mesmo grau de saliência fônica.

Os resultados relativos à posição do sujeito se dispõem na seguinte ordem: em primeiro lugar, apresentam mais alto índice de aplicação da regra de concordância as formas verbais com sujeito subentendido; em segundo, com sujeito preposto; em terceiro, com sujeito preposto separado do verbo por mais de quatro palavras átonas, ou por um conjunto de palavras contendo acento e, finalmente, com uma distância maior, o sujeito posposto. Na interpretação desses resultados, a posição do sujeito subentendido é considerada à parte, pois haveria a interferência de outros fatores que dizem respeito às ligações extra-sentenciais. Nas outras três posições, a ordem estaria coerente com o princípio da saliência: o caso mais saliente é a posição imediatamente antes do verbo.

A variável semântica não revelou influência significativa para a aplicação da regra de concordância.

A noção de saliência que o trabalho quis estender à dimensão social, admitindo que nas conversas descontraídas baixa o nível de atenção dado à linguagem usada e, conseqüentemente, a saliência da não-aplicação das regras gramaticais, não conseguiu ser demonstrada nessa pesquisa. Em

bora tenham feito tentativas, controlando a diversidade de situações da entrevista, os autores não encontraram os resultados esperados.

Na conclusão do trabalho, os autores se referem à importância do estudo da concordância verbal para o conhecimento dos fatores que determinam a mudança lingüística, os caminhos pelos quais uma mudança se difunde e que fatores lhe deram origem. Admitem, pela análise da situação no plano sincrônico, que o declínio da aplicação da regra de concordância tenha começado na subclasse B (oposição singular/plural consiste apenas na nasalidade) e justificam sua hipótese: os informantes que apresentam níveis mais altos de concordância são os que demonstram maior afastamento entre as classes B e N; enquanto os informantes de nível mais baixo de concordância apresentam distância pequena entre estas duas subclasses. À proporção, então, que a ausência de concordância se difunde, menor se vai tornando a diferença entre a frequência dos diversos graus na escala de saliência fônica. Tendo em vista que a perda da nasalização das finais inacentuadas é comum no português, em todas as classes gramaticais (cf. homem [õmi], ontem [õci], virgem [virgi], Miriam [Míria], etc.) (Lemle e Naro, 1978, p. 49), concluem os autores que

A mudança em direção a um sistema sem concordância verbal foi fundamentalmente fonológica, enquanto que a sua implementação se deu através de uma difusão no eixo da saliência, sendo a principal coordenada a morfológica.

Naro (1978) continua perseguindo o objetivo de sugerir uma hipótese geral sobre a natureza da mudança sintática. Neste trabalho, ele usou os dados e a experiência ad

quirida nos anteriores. Encontrou alguns resultados diferentes devido ao tratamento das variáveis sociais e a mudanças na categorização morfológica. Utilizou apenas uma categorização para a variável morfológica, dividida em dois níveis. No primeiro, os segmentos que se opõem entre singular e plural não são acentuados. São três classes:

- 1a. [ɨ/ɨ̃] (come/comem)
 1b. [ɨa/ɨã] (fala/falam)
 1c. [ɨo/ɨ̃] (faz/fazem)

No segundo, os segmentos são acentuados, pelo menos em um dos membros da oposição. São cinco classes:

- 2a. [-ã/ -ã̃] (dá/dão)
 2b. [-éw/-érũ, -íw/-írũ, -óy/-órũ]
 (comeu/comeram, partiu/partiram, foi/foram)
 2c. [-ô/-ôrũ] (falou/falaram)
 2d. caso único: é/são
 2e. [ɨo/-érũ] (disse/disseram)

A partir dos resultados, que confirmam as conclusões do trabalho anterior, o autor sugere a fusão das classes 2c. e 2d., pois em ambas a oposição é estabelecida por segmentos acentuados. O *status* de monossílabo não tem efeito.

Não trabalhou com as variáveis sociais sexo, idade e procedência geográfica, considerando cidade e circunvizinhanças (Rio de Janeiro). Os cálculos iniciais apresentaram como resultado um quadro que não indicava relação entre as frequências de aplicação da regra de concordância verbal e essas variáveis. Com a utilização da *multidimensional*

scaling, técnica apropriada para o caso, já que a lista de informantes é unidimensional e a situação social, multidimensional, o autor obteve resultados que mostraram influência do fator idade: os falantes mais velhos concentram-se numa extremidade e os mais novos na outra e no meio. Entre estes, três estão acima do seu grupo de idade. O único traço de união entre esses falantes e que os separa dos demais foi a reação à televisão: eles gostam dos programas de televisão, o que é uma maneira de participar da cultura de classe média. De maneira geral, os outros não conseguem acompanhar as programações.

O autor introduziu um item sobre o indivíduo dentro do grupo e outro sobre o comportamento da variável morfológica com relação à concordância nominal, citando os trabalhos de Braga (1977) e Scherre (1978). Deste, apresenta um resumo da parte referente àquela variável.

Scherre (1978) estabeleceu o seguinte quadro:

"Processos morfológicos na formação do plural - com cinco graus de diferença entre as formas nominais, na oposição singular e plural:

- M - inserção de /S/ e abertura vocálica (/ ovu/ ovus/)
- I - inserção de /S/ e mudança silábica (avião/aviões; motel/motéis; fácil/fáceis; canil/canis)
- F - inserção de /iS/ - palavras com -r (mulher/mulheres)
- R - inserção de /S/ (casa/casas; mãe/mães)
- E - inserção de /iS/ - palavras com -/S/ (rapaz/rapazes; mês/meses)"

Em sua pesquisa, a variável morfológica foi testada com dois grupos de informantes: um de escolarizados e outro de semi-escolarizados (alunos do MOBRAL). Os resultados encontrados distinguem os dois grupos: no primeiro, existe uma gradação de frequências e probabilidades coerente com a escala proposta; no segundo, as três primeiras subclasses apresentam a gradação esperada e as duas últimas se igualam à terceira.

No ítem relativo ao indivíduo, Naro (1978) menciona as correntes psicolinguísticas que admitem que a atividade linguística é individual e que os dados coletivos são úteis para verificar em que medida um membro do grupo se comporta de maneira semelhante aos outros. O autor justifica o estudo de resultados de grupo, não só pela necessidade de se trabalhar com uma quantidade de dados maior, como também porque as formas usadas por um falante são semelhantes ou idênticas, em todos os aspectos, àsquelas usadas por outros falantes. Deste modo, a ordenação de restrições não é conflitante, nas dimensões hierarquizadas, entre falantes ou entre indivíduos no grupo. Na maioria dos casos, a ordenação do grupo é preservada nos indivíduos e, quando isto não ocorre, a diferença não ultrapassa a distância de uma subclasse.

Esses estudos de Naro & Lemle sobre concordância verbal na linguagem oral foram de interesse para nós, sobretudo pela semelhança entre a população que usaram e a deste trabalho.

4.2. Sobre a variabilidade de uma regra

A regra de concordância verbal em português é uma

regra variável, isto é, ora se aplica, ora não se aplica. Assim entendido, o conceito de regra variável não é muito significativo para a teoria lingüística. O importante para Labov, que o introduziu, é a freqüência com que uma regra variável se aplica e os fatores que inibem ou favorecem sua aplicação. Estamos habituados a pensar em regras gramaticais como regras categóricas - regras que sempre se aplicam. Na teoria de Chomsky, reconhece-se a existência de regras opcionais que estão presentes na competência do falante. Mas tanto essas regras como a variação livre dos estruturalistas são conceitos pouco operantes uma vez que, com eles, a variação é admitida, apenas, mas não há uma proposta de estudo da regularidade do fenômeno. Para Labov, o estudo da variação é necessariamente quantitativo: a regularidade de uma regra variável se baseia na relação entre a proporção de casos em que uma forma ocorre com o número de casos em que poderia ter ocorrido. A análise quantitativa requer, previamente, a identificação dos enunciados em que se verifica a variação, uma decisão sobre o número de variantes a ser considerado e a identificação de todas as subcategorias que poderiam determinar a freqüência com que a regra em questão se aplica. A identificação das subcategorias refere-se aos fatores que elegemos como condicionantes da aplicação da regra ou como seus inibidores. Os fatores lingüísticos, isto é, as condições internas do sistema da língua que influem no uso de uma regra, interagem com fatores sociais, tais como; condição sócio-econômica, nível de instrução, idade e sexo.

Em toda comunidade lingüística, existem maneiras alternativas de expressar o mesmo conceito, seja quanto às estruturas sintáticas, ao vocabulário ou a características fonéticas. O autor chama a atenção para um aspecto importante da competência lingüística: a capacidade de os falantes aceitarem, preservarem e interpretarem essas variações.

A regra de concordância verbal em português não tem a mesma frequência de aplicação nos falantes dos diversos níveis sócio-econômicos. Os trinta e quatro adolescentes que constituíram o *corpus* de nossa pesquisa, todos de nível sócio-econômico baixo, não apresentam a mesma frequência quanto à regra de concordância, em decorrência da escolaridade e de outros fatores (ver TABELA 2).

O estudo da regra de concordância em português oferece bastante interesse para a observação da variabilidade de lingüística, pois as regras variáveis podem implicar em mudança lingüística: a redução progressiva de aplicação de uma regra categórica, durante gerações, pode condicionar a fixação de novas regras para um determinado fenômeno.

5. AS VARIÁVEIS

Para comparar o desempenho dos dois grupos, no que diz respeito à concordância verbal, de terceira pessoa, escolhemos quatro variáveis lingüísticas - a estilística, a morfológica, a posicional, a constituição do sintagma nominal sujeito - e duas sociais: idade e sexo.

5.1. Variáveis lingüísticas

5.1.1. Variável estilística

Com relação à variável estilística, pretendíamos verificar em que medida a aplicação da regra de concordância, em nossos informantes, estaria condicionada à variação dos contextos de situação. Pensamos, em princípio, que, se a vivência na escola contribui para dar ao indivíduo maior condição de corresponder, em sua produção lingüística oral, às diferenças de contexto, os adolescentes de oitava série iriam apresentar uma variação estilística maior que a dos não escolarizados, isto é, os dois grupos se distanciariam mais um do outro, quanto à aplicação da regra de concordância, nos contextos mais formais. Labov tem conseguido, em muitas de suas pesquisas, confirmar sua hipótese de que existe regularidade na variação estilística. O que faltava eram técnicas para medir a extensão dessa regularidade. Ele compreendeu que o problema consistia em controlar variáveis do contexto e definir os estilos de fala que ocorrem dentro de cada contexto. Para a prática de suas pesquisas, definiu cinco contextos: o A - situações no período da entrevista que escapam aos controles sociais próprios à situação de entrevista; o B - situação predominante da entrevista em que o informante se vê diante de um entrevistador; contextos C, D e D', que interessam para o estudo de pronúncia - leitura de textos, de lista de palavras e pares mínimos. Segundo Labov, podem ocorrer, nas gravações,

três estilos: o casual, o espontâneo e o cuidado. A fala casual é o estilo cotidiano, usado em situações informais em que o indivíduo não presta atenção à sua linguagem; a fala espontânea ocorre durante a situação formal da entrevista e se caracteriza pelo envolvimento emocional do informante na narrativa, envolvimento que o faz se desligar do contexto de entrevista; a fala cuidada é a fala tensa, predominante na entrevista, em que o informante se preocupa com sua produção linguística. Para obter variação estilística na fala do informante, o pesquisador precisa criar situações que provoquem mudança de contexto durante a entrevista. Os trechos da entrevista em contexto A se destacam, na gravação, através de vários indicadores: modulação de voz, mudança de tempo, de intensidade, do ritmo da respiração, tipos de riso e outros.

Em nossas gravações, fizemos algumas tentativas de introduzir o contexto A, mas não conseguimos: não é fácil, com poucos contactos, ouvir dos adolescentes relatos de experiência afetiva que os envolvessem emocionalmente. Mas, procurando deixá-los à vontade para falar, quebramos a formalidade da entrevista que não se deu, realmente, no contexto B. Predominou, nas gravações, uma conversação mais ou menos espontânea. Utilizamos, por outro lado, duas estratégias que funcionaram como elementos introdutórios de contextos mais formais, principalmente o segundo: solicitação ao informante para reproduzir o enredo de histórias tradicionais, de filmes, telenovelas ou romances; apresentação de uma fotografia de revista para que o informante criasse uma história, envolvendo as pessoas que aparecem na foto. Nas faixas de gravação em que usamos essas estratégias, a fala é mais pausada, denotando reação à mudança de contexto. A comparação que estabelecemos, com relação aos estilos, não é entre o predominante na entrevista e uma fala mais espontânea. Ao contrário, comparamos a fala constante na entre

vista com outra um pouco mais cuidada, encontrada em narrações não pessoais: histórias reproduzidas e histórias criadas pelo informante.

5.1.2. Variável morfológica

O levantamento feito no estudo preliminar a que já nos referimos (ver 2.1.) parecia indicar uma relação entre a forma do verbo e a aplicação da regra de concordância. Como já conhecíamos o artigo de Naro e Lemle (1977), decidimos trabalhar com a variável morfológica.⁴¹ Inicialmente, distribuimos os dados de acordo com as seis subclasses utilizadas no trabalho mencionado (ver página 52). Tentamos, em seguida, separar três classes de pretérito, subdividindo a classe F em duas: a dos pretéritos que apresentavam deslocamento de acento do radical para a desinência (disse/disseram) e a daqueles que apresentavam alteração nas vogais do radical, acumulando ou não a irregularidade anterior (fez/fizeram; veio/vieram). Mas a pequena frequência de formas irregulares de pretérito, no *corpus*, não justificava essa separação. Utilizamos, então, as seis subclasses (R, V, E, F, W e L), ampliando a última, que passou a não ser definida como classe de monossílabos, para incluir as formas está/estão. Tínhamos dúvida quanto à colocação da subclasse L na escala. Este problema foi resolvido com a leitura de Naro e Lemle (1978). Neste trabalho, a subclasse L passou a ocupar o terceiro lugar na escala e a ser caracterizada como "sobreposição de raiz e desinência com acento", incluindo as formas do presente do indicativo do verbo estar, como havíamos decidido com relação ao nosso trabalho (ver página 56). Preferimos colocar a subclasse E (dos pretéritos regulares) abaixo da F (dos pretéritos com alguma irregularidade), pois os resultados obtidos na pesquisa dos autores citados levam-nos a admitir que a loca

lização do acento nas desinências que se opõem (cf. falou/ falaram) traduz uma saliência fônica maior do que a que se observa com a mudança de acento do radical para a desinência (cf. disse/disseram, fez/fizeram). Utilizamos, então, a escala que apresentamos a seguir, indicando os graus por algarismos romanos:

I - oposição de desinências átonas, entre vogal oral no singular e vogal ou ditongo nasais no plural:

['fala/ 'falãw̃]; ['kõmi/ 'kõmẽ̃]; [la'vava/ la'vavãw̃]

II - oposição consistindo do acréscimo, à forma do singular, de uma vogal ou ditongo nasais átonos:

['ziz/ 'zizẽ̃]

III - oposição entre formas que sobrepõem raiz e desinência tônicas:

[is'ta/ is'tãw̃ ; 'da/ 'dãw̃ ; vai/ vãw̃]

IV - formas de pretêritos irregulares em que a oposição se faz pelo deslocamento do acento do radical para a desinência e/ou pela alteração das vogais do radical:

['fis/ fi'zɛrãw̃, fi'zɛrũ, fi'zɛru ; 'veju/ vi'ɛrãw̃, vi'ɛrũ, vi'ɛru ; 'zisi/ zi'sɛrãw̃, zi'sɛrũ, zi'sɛru]

V - formas de pretêritos regulares em que a oposição se faz entre desinências acentuadas:

[fa'lo/ fa'larãw̃, fa'larũ, fa'laru ; kõ'meu/ kõ'merãw̃, kõ'merũ, kõ'meru ; sa'iu/ sa'irãw̃, sa'irũ, sa'iru]

VI - oposição consistindo de formas inteiramente distintas do singular para o plural:

['ɛ / 'sãw̃]

Exemplos:

Subclasse I

(38)... às vezes tem, tem umas delas que se engraçam, né, sente algo por nós e daí vem um amor.

(GB, M, B, Fita 17 A, C 17, 17)

(39) ... eles chegam assim na loja, aí pedem ... um cruseiro, não sei o quê.

(CO, M, B, Fita 38 A, C 14, 45)

(40) Eu não posso sair quando não tiver ninguém em casa, porque os meninos não obedecem.

(CR, F, B, Fita 12 B, C 15, 124)

(41) E as censoras não gosta de ver o bem do aluno, para puxar saco deles lá.

(JU, M, B, Fita 4 A, C 2, 71)

(42) ... só fizeram passar o trator, endireitar os esgotos que tavam, que estavam entupidos e mais nada.

(VM, M, B, Fita 14 A, C 13, 30)

Subclasse II

(43) Você pega um táxi, eles não querem descer.

(VR, M, B, Fita 16 A, C 14, 142)

(44) Qui! Os home não quer nada.

(CR, F, B, Fita 13 A, C 15, 150)

(45) Os meninos faz o que quer com ela na sala.

(LU, F, B, Fita 10 B, C 3, 137)

Subclasse III

(46) Quando foi inscrever, nós escolhemos os caras que vai ser fiscal. Os que vão ser fiscais.

(VR, M, B, Fita 15 B, C 14, 107)

(47) Os que não tão estudando, vai ver namorada, esses negócios.

(LO, M, B, Fita 39 A, C 15, 29)

(48) Eles contam e dão ao cobrador, eles dão em papel...

(CO, M, B, Fita 38 B, C 14, 84)

(49) Esses pessoa que não tã passando aĩ, acho que tã quebrando é vidro.

(LE, M, A, Fita 34 B, C 6, 110)

Subclasse IV

(50) ... umas meninas veio subindo (...) Porque passaram, disse que ia pro Bonfim a pé.

(BM, F, B, Fita 7 A, C 3, 68)

(51) As meninas disseram assim: não, nós vamos de pois porque...

(CS, F, B, Fita 11 A, C 16, 123)

(52) Aĩ as meninas não quis ir.

(BM, F, B, Fita 7 B, C 2, 175)

(53) Aĩ uma menina ia morrendo afogada agarrou Silvia. Aĩ foram todas duas.

(CS, F, B, Fita 8 A, C 3, 105)

(54) Foi uns tiros, não pegou um só não, uns ti
ros.

(ED, M, A, Fita 31 A, C 7, 107)

Subclasse V

(55) ... ele, a esposa, o irmão e os três filhos,
certo dia de tarde, se reuniro na porta os cinco...

(EL, F, B, Fita 12 A, C 12, 62)

(56) Então a galinha teve esses filhos que saiu
só nesse meio tudo branco.

(ED, M, A, Fita 31 B, C 8, 10)

(57) A casa já quase construída, quase terminada
e eles pararam pra um descanso.

(GB, M, B, Fita 2 A, C 4, 63)

(58) Aí os meninos tudo olhou pra mim:

(CR, F, B, Fita 12 B, C 15, 103)

(59) Ôitenta e quatro perderam.

(CO, M, B, Fita 38 A, C 14, 40)

Subclasse VI

(60) ... de Silvio Santos mesmo. Eu gosto, apre
ceio muito, Chacrinha, apreceio. São esses dois programas.

(JU, M, B, Fita 4 A, C 2, 50)

(61) ... ultimamente os condomblês não é como ...

(LE, M, A, Fita 34 B, C 6, 102)

Trabalhando com a variável morfológica nos dados
de nossos informantes, pretendíamos verificar que influên

cia teria o fator saliência fônica no grupo escolarizado, em relação ao que se observasse no outro grupo.

Juntamos à subclasse I as raras formas de imperfeito do subjuntivo que registramos no *corpus* (viesse/viessem). E à subclasse II, as formas de futuro do subjuntivo (for/forem, quiser/quiserem).

5.1.3. Variável posicional

O levantamento das gravações iniciais não revelou influência da posição do sujeito para a aplicação da regra de concordância. Persistimos com a intenção de trabalhar com a variável posicional, porque, intuitivamente, achávamos que a proximidade do sujeito deveria concorrer para o uso da forma verbal no plural. Tentamos, no início, discriminar vários graus de distância entre o núcleo do sujeito e o verbo. Levantamos as ocorrências de adjuntos adnominais e adjuntos adverbiais, levando em conta não só a extensão em palavras como o número de acentos predominantes na sequência. Também nos parecia importante a presença de palavras como aí, então e mesmo se constituíssem, na sequência, grupos de força entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal. Como os dados do *corpus* não ofereciam elementos para esta discriminação, deixamos de lado essas intuições e nos restringimos a cinco posições do sujeito:

1. sujeito subentendido, isto é, expresso em alguma oração anterior
2. sujeito separado do verbo por oração intercalada
3. sujeito antecedendo pronome relativo

4. sujeito antes do verbo, contíguo a este ou se parado por adjuntos
5. sujeito posposto.

Na última posição, incluímos os casos em que a concordância, na superfície, é feita com o sintagma nominal predicativo.

Exemplos:

Posição 1

(62) *Zê Pedrinho aí pegou Estela. (...) Já se gos tavam mas nunca se aproximando um do outro, pra poder falar, né?*

(VM, M, B, Fita 25 A, C 12, 88)

Posição 2

(63) *Então os filhos dele, ouvindo aquilo, ficava com muita pena do pai.*

(VT, F, B, Fita 6 A, C 16, 62)

Posição 3

(64) *... a não ser as pessoas novas que chegaram, conheço todo mundo...*

(VT, F, B, Fita 6 A, C 16, 37)

(65) *... eles só querem já os alunos que já sabe.*

(CL, M, B, Fita 37 A, C 17, 65)

Posição 4

(66) *Porque os meninos de lá da sala são, são poucos crianças, levam tuda na maldade assim...*

(CS, F, B, Fita 11 B, C 16, 163)

(67) ... já vi... os home dã testa na poliça...

(ED, M, A, Fita 31 A, C 7, 92)

Posição 5

(68) ... agora mesmo que acabou as brincadeiras e vocês vão entrar, vão apanhar todo mundo.

(VT, F, B, Fita 6 B, C 16, 78)

(69) ... nós sabemos onde moravam os, os rapazes que trabalhavam no Centro Industrial...

(RN, M, B, Fita 1 A, C 2, 33)

5.1.4. Constituição do sintagma nominal sujeito

A variável constituição do sintagma nominal sujeito foi definida a partir da observação dos dados. No levantamento inicial, já mencionado, surpreendemo-nos com a frequência da concordância com o elemento posposto (sujeito ou predicativo): cinco vezes em seis ocorrências. Sabemos que esta posição não é privilegiada com relação à aplicação da regra de concordância verbal. Deveria haver outro fator interferindo para a aplicação da regra, nesses casos. Notamos, então, que em quatro das ocorrências, a concordância foi feita com um numeral. No levantamento dos dados do corpus, começamos a notar uma possível relação entre a frequência da concordância e o uso do pronome pessoal como sujeito. Decidimos, com isso, utilizar mais uma variável para comparar a aplicação da regra de concordância nos dois grupos de informantes: a constituição do sintagma nominal sujeito. Fizemos o levantamento dos sintagmas encontrados no corpus e os separamos em seis tipos:

1. sintagma com o núcleo substantivo (exceto aqueles que contêm numeral)
2. sintagma constituído por pronome pessoal
3. sintagma cujo núcleo é um pronome indefinido
4. sintagma constituído por outros pronomes
5. sintagma incluindo, como núcleo ou adjunto, um numeral
6. sintagma constituído de dois núcleos,

No princípio, pensamos ainda em isolar os sintagmas que incluíam o indefinido tudo. Mas esta separação só teria sentido se fôssemos observar, também, a incidência de sintagma nominal sujeito singular com sintagma verbal plural. Não incluímos o sintagma constituído por pronome relativo, porque a forma do sintagma, no caso, não é relevante. Procuramos verificar a freqüência de aplicação da regra de concordância no processo de relativização, considerando a posição do verbo em relação ao antecedente do pronome relativo, quando este ocupa a função de sujeito na oração (ver variável anterior). Sob a designação de "outros pronomes" estão incluídos demonstrativos e interrogativos.

Exemplos:

Sintagma 1

(70) *Eu invado também. É. Os caras tão na invasão, então eu...*

(VD, M, A, Fita 32 A, C 11, 155)

(71) *É... vários, vários times comparece.*

(VM, M, B, Fita 14 A, C 13, 73)

Sintagma 2

(72) Eles, com raiva disso, empacaram ele.

(LO, M, B, Fita 39 A, C 15, 28)

(73) Eles mora na Fazenda Grande, vei passar o dia.

(RA, M, A, Fita 32 B, C 11, 104)

Sintagma 3

(74) Porque lá é uma casa que vende negócio de chinchim, sarapatel, moqueca de arraia. Sempre os outros ai vai procurar lá.

(GE, M, A, Fita 30 B, C 13, 170)

(75) Outros ficam procurando briga.

(LO, M, B, Fita 39 A, C 15, 33)

Sintagma 4

(76) Quais são os assuntos?

(UB, M, B, Fita 2 B, C 4, 74)

(77) Mas estes não era assim não. Não ficava abuso dentro de casa assim não.

(RA, M, A, Fita 32 B, C 11, 110)

Sintagma 5

(78) Eram dois afilhados: um pobre e um rico.

(VR, M, B, Fita 16 A, C 14, 143)

(79) Quatro, mas dois é pequeno.

(UB, M, B, Fita 2B, C 4, 98)

Sintagma 6

(80) *O pai mais a mãe fica, deve ficar com pena.*

(RA, M, A, Fita 30 A, C 9, 95)

5.2. Resultados obtidos

Os dados pertinentes à concordância verbal de terceira pessoa, conseguidos no *corpus*, foram distribuídos segundo as subclasses das variáveis linguísticas escolhidas. Levantamos as porcentagens relativas ao Grupo A (informantes de escolaridade irregular) e ao Grupo B (informantes de oitava série) e consideramos o peso de cada uma das restrições referentes a cada variável. Refletindo sobre essas porcentagens, apresentamos algumas observações que fizemos a respeito de ambos os grupos, sempre estabelecendo comparação entre eles. Sabemos da existência de modelos estatísticos mais sofisticados (a que já nos referimos nas páginas 53 e 58) que têm sido utilizados por Labov e sociolinguistas que se orientam por sua metodologia. Mas, como não tínhamos os requisitos necessários para empregá-los, adotamos o mais simples, que já foi bastante utilizado nas pesquisas do gênero e ainda continua a ser, embora com restrições.

5.2.1. Resultados relativos à variável estilística

Houve fatores que limitaram os dados com relação à variável estilística: os informantes nem sempre se sentiram motivados para contar histórias ou para criá-las, havendo, por isso, lacunas no tipo de fala ligado a contexto mais formal, principalmente no grupo dos adolescentes de

escolaridade irregular. Aconteceu, ainda, que em algumas histórias não foi registrada ocorrência de sintagma nominal sujeito plural. Mas, mesmo com as limitações do *corpus*, é possível notar a distinção entre os dois grupos, considerando o seu desempenho em confronto com a diferença de contexto.

Da conversação espontânea, estilo que predominou nas entrevistas, retiramos as falas que são respostas breves a perguntas nossas ou de outro informante. Isolamos estas falas porque, em relação à concordância verbal, elas são distintas das outras. Observamos aí a concordância com sujeito subentendido, explicitado na pergunta do interlocutor, e a transferência de segunda para primeira pessoa, no diálogo:

(Suas amigas fazem alguma coisa por você?)

(81) Faz.

(TR, F, A, Fita 28 B, C 11, 43)

(Vocês são cinco irmãs, não?)

(82) São.

(EU, F, A, Fita 24 A, C 9, 123)

Embora tivéssemos notado a aplicação da regra de concordância nos dois casos exemplificados, não computamos as ocorrências relativas à primeira do plural, uma vez que o comportamento das variáveis está sendo estudado considerando o uso das formas de terceira pessoa.

É possível que tenha havido, muitas vezes, influência da fala do interlocutor sobre a aplicação da regra

de concordância. Verificamos, por exemplo, que um informante do Grupo A só flexionou forma verbal da subclasse I (fa la/falam), quando respondeu à pergunta:

(E as irmãs moram com você?)

(83) - Moram.

(RE, M, A, Fita 35 A, C 9, 154)

A TABELA 3 revela os resultados obtidos com os dois grupos, tendo em vista a aplicação da regra de concordância verbal em contextos diferentes. As respostas breves quase não oferecem diferença de porcentagem em relação à conversação espontânea, no Grupo B: apenas um pouco menos - 2,2%. No Grupo A, há uma porcentagem maior de aplicação da regra nas respostas breves: 6,6% a mais. Ambos os grupos tiveram uma porcentagem maior de aplicação da regra nas histórias. A diferença que se verifica entre este tipo de fala e a conversação espontânea,⁴² entretanto, é bem maior no Grupo B (27,2%) que no Grupo A (16,6%). A existência de um contexto apropriado para um estilo mais formal contribuiu para elevar a porcentagem de aplicação da regra sobre o total do grupo (36,2% no Grupo A e 65,5% no Grupo B), principalmente no Grupo B. Neste, é maior a evidência da influência do contexto para a mudança de estilo. Isto se confirma quando separamos os dados da história contada dos referentes à história criada. Comparando as porcentagens dos dois grupos (onze informantes do Grupo A: LE, ED, GI, CM, LB, VA, RA, VD, IJ, TR e BE; e dezesseis do Grupo B: VM, VT, LO, CO, BM, EL, VR, AS, AC, GB, JU, CS, UB, CL, RN e LU), observamos que a aplicação da regra na história criada é menor que nas histórias reproduzidas, no Grupo A, mas um pouco maior, no Grupo B:

histórias reproduzidas:	53,3% (Grupo A)
	88,2% (Grupo B)

TABELA 3: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, nos Grupos A e B, segundo a variação de contexto

Contextos	Grupo A		Grupo B	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
Menos formais: respostas breves conversação espontânea	45	40,0	87	58,6
	455	33,4	663	60,8
Mais formais: histórias	78	50,0	166	88,0

histórias criadas: 44,1% (Grupo A)
92,6% (Grupo B)

Para os informantes de oitava série, a história criada corresponde a um contexto mais formal ainda, pois exige uma maior atenção sobre a linguagem. O estilo cuidado, aí, se evidencia pela escolha do vocabulário, por construções incomuns nos outros tipos de fala e até por hipercorreções. AC, na história que criou, usou vinte uma vezes sintagma nominal sujeito no plural, flexionando em vinte dos casos, inclusive numa forma de infinitivo em que a concordância não seria obrigatória.⁴³ Numa das vezes em que não flexionou, o sintagma nominal sujeito apresenta uma forma não habitual em seu discurso: o relativo os quais:

(84) ... e começaram a conversar sobre vários as
suntos os quais os interessava.

(AC, F, B, Fita 9 A, C 3, 182)

AS flexionou todas as formas verbais relativas a sintagma nominal sujeito plural que aparecem na história que criou (dezoito), exceto uma ocorrência de infinitivo em que a flexão era opcional. Em quatro das vezes, flexionou o infinitivo em locução verbal:

(85) Eles estão (...) sobre as plantações que de
verão ir na cidade buscar pra poder plantarem que é um mês
de...

(AS, F, B, Fita 8 B, C 2, 187)

Esta informante usou duas vezes o futuro do indicativo (deverão), forma que só foi registrada no corpus nesta história.

BM, informante que se coloca abaixo da média do

grupo, quanto à porcentagem de aplicação da regra, flexionou a forma verbal, coincidentemente de imperfeito, todas as vezes (quatro) em que ocorre sintagma nominal sujeito plural em sua história. Também na reprodução de um romance, concordou onze vezes entre as quinze oportunidades que teve de aplicar a regra de concordância. LU empregou o sintagma nominal sujeito plural quinze vezes em sua história e só não concordou uma vez, com sujeito posposto:

(86) *Com pouco tempo depois chegou uns ami... uns ... uma família...*

(LU, F, B, Fita 10 A, C 3, 159)

RN demonstrou preocupação com a forma, principalmente na história que criou. Aplicou a regra de concordância em todas as ocorrências de sintagma nominal sujeito plural. Foi o único informante que usou o mais que perfeito simples:

(87) *Ele havia saído pra comprar cigarro debaixo de chuva e, quando voltou, pois sua casa era de sopapo, caí ra.*

(RN, M, B, Fita 1 A, C 2, 19)

JU, que usou dez vezes, em sua história, sintagma nominal sujeito plural, na única vez em que deixou de estabelecer a concordância, ele se corrige:

(88) *Os seus filhos, como se vê, está, vamos su por, estão chorando.*

(JU, M, B, Fita 4 B, C 2, 88)

Este informante usou o verbo fazer, em construção impessoal, indicando passagem de tempo, concordando com o seu complemento, o que nos parece hipercorreção:

(89) Fazem três anos lá, naquela rua ali.

(JU, M, B, Fita 4 A, C 2, 79)

Apenas em dois informantes da oitava série, a porcentagem da concordância não indicou influência do contexto das histórias: CL, na história que criou, falando apressadamente e tenso, utilizou sintagma nominal sujeito plural uma vez e não flexionou. Contando um romance, também não concordou nas ocorrências de sintagma nominal sujeito plural, embora fossem formas de pretérito. UB, tanto na história que criou, quanto na narração de um romance, flexionou os pretéritos, mas não flexionou os imperfeitos. Para este informante, pesou a saliência fônica entre as formas verbais e não o contexto.

No grupo dos informantes de escolaridade irregular, a menor porcentagem de aplicação da regra, nas histórias criadas, nos levou a reconsiderar os dados. Constatamos, então, que a diferença observada entre as histórias e a conversação espontânea (ver TABELA 3) não podia ser tomada como indicador de mudança de estilo: há muita incidência de formas verbais com maior grau de saliência fônica, nas histórias, principalmente formas de pretérito perfeito. Os resultados individuais variaram muito. Cinco dos informantes, inclusive, diminuíram a porcentagem de aplicação da regra nas histórias. Apenas IJ parece ter demonstrado reação à mudança de contexto, na história criada. Ele flexionou o imperfeito sete vezes: seis na criação de uma história, quando falou bem pausadamente, e uma na reprodução do enredo de um filme. Em seis outras ocorrências desse tempo com sintagma nominal sujeito plural, na conversação espontânea, não flexionou.

A diferença de desempenho lingüístico do Grupo B para o Grupo A, nas histórias criadas, demonstra a influência

cia da escola no primeiro grupo. Quando a velocidade da fala diminui, pois as histórias exigem reflexão sobre o conteúdo, os informantes da oitava série passam a utilizar um outro estilo, indicando preocupação com a linguagem. O mesmo não ocorre com o grupo de escolaridade irregular em que a fala mais pausada não corresponde ao aparecimento de uma forma mais cuidada. IJ constitui uma exceção no seu grupo. Ele é o informante do Grupo A cujo desempenho lingüístico mais se aproxima do que se disse dos informantes da oitava série. Não só porque apresenta a porcentagem mais alta da aplicação da regra de concordância em seu grupo, mas porque foi o único que demonstrou capacidade de modificar sua produção lingüística diante de contextos mais formais. Fizemos alguns comentários sobre este informante na descrição do *corpus* (ver 3.2.).

5.2.2. Resultados relativos à variável morfológica

Pelo que revelam as porcentagens (ver TABELA 4), há certa diferença no comportamento dos dois grupos, considerando-se a distribuição das formas verbais segundo o grau de saliência fônica entre singular e plural. Entre os estudantes de oitava série, é possível reunir as classes em dois subgrupos: a I e a II em um, e as quatro seguintes em outro. As diferenças de uma classe para outra são sempre pequenas, aumentando na passagem das desinências átonas para as acentuadas (da classe II para a III): 14,3%. No grupo dos adolescentes de escolaridade irregular, também se observa afastamento semelhante, da classe II para a III: 15,8%. Mas a classe IV, com desinências de plural acentuadas, se distancia mais ainda dessa: 20,3% de diferença. Entre as classes IV e V a diferença é maior que no Grupo B. Não se podia, pois, estabelecer os subgrupos propostos para aquele grupo.

TABELA 4: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, nos Grupos A e B, segundo grau de saliência fônica entre as formas verbais de singular e plural

Graus	Grupo A		Grupo B	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
I (<u>fala/falam</u>)	219	12,8	414	52,7
II (<u>diz/dizem</u>)	30	16,7	57	59,6
III (<u>dã/dão</u>)	80	32,5	92	73,9
IV (<u>fez/fizeram</u>)	53	52,8	68	76,5
V (<u>falou/falaram</u>)	118	63,6	151	81,5
VI (<u>é/são</u>)	78	60,3	134	78,4

Encontramos, entretanto, muita semelhança entre os dois grupos, com relação ao comportamento da variável morfológica. Para ambos, a aplicação da regra apresenta maior porcentagem nas formas de pretérito regular; as menores porcentagens correspondem às formas com desinências â tonas (classes I e II); as formas ê/são (classe VI) apresentam porcentagens um pouco menores que a dos pretéritos regulares, embora a oposição entre singular e plural, nas duas classes, se dê entre segmentos acentuados, bem distintos. Os resultados dos dois grupos ofereceram a mesma graduação:

V > VI > IV > III > II > I

Através dos dados apresentados na TABELA 4, vê-se que existe grande diferença quantitativa em todas as sub classes, quando se comparamos dois grupos. Mas, considerando-se a variável estudada, não se pode inferir uma diferença de tendências no desempenho lingüístico desses informantes, no que concerne à aplicação da regra de concordância verbal.

5.2.3. Resultados relativos à variável posicional

No *corpus* por nós examinado, a posição do sintagma nominal sujeito é um fator importante para a aplicação da regra de concordância. Os resultados da TABELA 5 demonstram isto, principalmente quanto aos informantes do Grupo B. A ordem decrescente das porcentagens, neste grupo, foi a seguinte:

1º sujeito pré-verbal

2º sujeito subentendido

TABELA 5: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, nos Grupos A e B, segundo a posição do sintagma nominal sujeito em relação ao sintagma verbal

Posições	Grupo A		Grupo B	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
1. sujeito subentendido	165	44,8	263	63,5
2. suj. separado do verbo por oração intercalada	13	0,0	15	26,7
3. suj. antecedendo pronome relativo	67	16,4	101	55,4
4. sujeito pré-verbal	249	43,0	409	76,8
5. sujeito posposto	84	20,2	128	46,1

3º sujeito antecedente de pronome relativo

4º sujeito posposto.

Achamos necessário isolar os casos de sujeito separado do verbo por oração intercalada, pois não se enquadravam nas outras posições. Mas, como o número de ocorrências é bem pequeno, excluímos de nossas observações.

A ordem, no Grupo A, foi diferente:

1º sujeito subentendido

2º sujeito pré-verbal

3º sujeito posposto

4º sujeito antecedente de pronome relativo.

A maior porcentagem de aplicação da regra com sujeito subentendido confere com os resultados de Naro e Lemle (1977 e 1978), também relativos a informantes semi-alfabetizados como os adolescentes deste grupo. As duas primeiras porcentagens, entretanto, quase se identificam: 1,8% de diferença, o que poderia aproximar o grupo do outro, em que a posição pré-verbal é privilegiada para a aplicação da regra. Mas, no Grupo B, o sujeito subentendido segue a essa posição com uma diferença já significativa: 13,3% - a maior entre duas posições (já que excluímos o sujeito separado por oração intercalada). As duas últimas porcentagens também são invertidas em relação aos dois grupos. Mas, embora o sujeito posposto não corresponda à porcentagem menor do Grupo A, a distância entre esta posição e a anterior é bem maior que no Grupo B (ver TABELA 5). Esperávamos que o sujeito posposto⁴⁴ apresentasse uma porcentagem de aplicação da regra ainda menor, nos dois grupos. Procuramos verificar a interferência da variável morfológica e vimos que, nesta

posição, as formas mais freqüentes estão nas classes I, IV e VI, com incidência um pouco maior nesta última. Observamos, então, se as construções com o verbo ser, em que a concordância fosse feita, na superfície, com o predicativo, não teriam alterado os resultados. Isolando estes casos, a posição de sujeito posposto passaria para o quarto lugar em relação à aplicação da regra, no Grupo A. No Grupo B, a porcentagem desta posição seria, apenas, um pouco maior. Quanto à concordância com o antecedente relativo, era de se supor que fosse menor no grupo de escolaridade irregular, que utiliza menos o processo de relativização. Justificadas as diferenças encontradas de início, parece-nos que os dois grupos se comportam de maneira semelhante com respeito à aplicação da regra de concordância, quando se considera a posição do sujeito.

5.2.4. Resultados relativos à constituição do sintagma nominal sujeito

Se o sujeito é um pronome pessoal, a possibilidade de que a regra de concordância verbal se aplique, entre os nossos informantes, é bem maior (ver TABELA 6). Nenhuma subclasse das quatro variáveis estudadas ofereceu porcentagem tão alta nos dois grupos: 65,7% no Grupo A e 90,1% no Grupo B. Talvez, por isso, a posição de sujeito pré-verbal, neste grupo, tenha dado porcentagem maior que a de sujeito subentendido.

5.2.5. Resultados relativos às variáveis sociais

Para verificar uma possível influência das variáveis

TABELA 6: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, nos Grupos A e B, segundo a constituição do sintagma nominal sujeito

Constituição do sintagma	Grupo A		Grupo B	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
(...) N (...)	150	22,7	198	52,5
Pronome pessoal	102	65,7	203	90,1
(...) Pronome indefinido (...)	26	15,4	44	79,5
Outros pronomes	5	60,0	13	53,8
(...) Numeral (...)	62	25,8	89	50,6
N(pron.)+ N(pron.)	1	0,0	5	60,0

veis sociais sexo e idade, na aplicação da regra de concordância, procedemos a uma redistribuição das freqüências encontradas com relação às variáveis estilística e morfológica, construindo-se as TABELAS 7, 8, 11 e 12 (referentes ao Grupo A) e as TABELAS 9, 10, 13 e 14 (referentes ao Grupo B).

5.2.5.1. Sexo

No Grupo A, os informantes do sexo feminino apresentam porcentagens de aplicação da regra inferiores às do sexo masculino, na conversação espontânea e, principalmente, nas histórias (ver porcentagens da TABELA 7). De referência à variável morfológica, esses informantes também apresentam porcentagens menores de aplicação da regra, com exceção da classe V (ver TABELA 8).

No Grupo B, as porcentagens de aplicação da regra de concordância, segundo a variação de contexto, são praticamente idênticas para os informantes de ambos os sexos (ver TABELA 9). Considerando-se a variável morfológica, os informantes do sexo feminino aplicam um pouco mais a regra de concordância nas classes I e II (de menor saliência fônica) e bem mais, na classe III; nas classes de maior saliência fônica (IV, V e VI), elas apresentam resultados um pouco inferiores (ver TABELA 10).

Pelo que expomos, o grupo de adolescentes que tem tido contacto constante com a escola distingue-se, também, do grupo escolarizado, quando se leva em conta o desempenho lingüístico de um sexo para o outro. No Grupo A, a diferença de porcentagens de aplicação da regra entre os informan

TABELA 7: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por sexo do informante, segundo a variação de contexto

Contextos	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
Menos formais: respostas breves conversação espontânea	38	36,8	7	57,1
	345	34,5	110	30,0
Mais formais: histórias	47	57,4	31	38,7

TABELA 8: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por sexo do informante, segundo graus de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural

Graus	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
I (<u>fala/falam</u>)	161	13,0	58	12,1
II (<u>diz/dizem</u>)	24	20,8	6	0,0
III (<u>dá/dão</u>)	55	36,4	25	24,0
IV (<u>fez/fizeram</u>)	41	56,1	12	41,7
V (<u>falou/falaram</u>)	95	61,1	23	73,9
VI (<u>é/são</u>)	54	61,1	24	58,3

TABELA 9: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por sexo do informante, segundo a variação de contexto

Contextos	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
Menos formais: respostas breves conversação espontânea	54	57,4	33	60,6
	351	60,7	312	60,9
Mais formais: histórias	65	87,7	101	88,1

TABELA 10: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por sexo do informante, segundo graus de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural

Graus	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
I (<u>fala/falam</u>)	209	48,3	206	56,8
II (<u>diz/dizem</u>)	31	58,1	26	61,5
III (<u>dá/dão</u>)	52	67,3	40	82,5
IV (<u>fez/fizeram</u>)	26	80,8	42	73,8
V (<u>falou/falaram</u>)	89	83,1	61	80,3
VI (<u>é/são</u>)	63	82,5	71	74,6

tes dos dois sexos é maior e o desempenho lingüístico, em relação a este aspecto, é um pouco melhor entre os do sexo masculino. Talvez possamos relacionar esses resultados com o fato de estes informantes terem mais oportunidade de comunicação que os do sexo feminino. Eles têm mais condições de se deslocar, de manter contactos verbais mais diversificados, inclusive com falantes que usam com mais freqüência a regra de concordância. Muitos desses adolescentes, como se disse em 1.3., participam de times de futebol juntamente com alunos de oitava série, de sua faixa etária. No Grupo B, a permanência na escola pode ter sido um fator de uniformização do desempenho lingüístico dos informantes de sexo diferente, quanto à aplicação da regra de concordância.

A comparação dos dois grupos em relação à variável sexo, entretanto, está bastante prejudicada pela distribuição do Grupo A: doze informantes do sexo masculino para cinco do feminino.

5.2.5.2. Idade

Os resultados das TABELAS 11 e 12 poderiam nos levar a concluir que os informantes de dezessete e dezoito anos, do Grupo A, usam menos a regra de concordância verbal que os seus companheiros mais novos. Por duas razões, entretanto, não podemos chegar a esta conclusão: o número de informantes mais velhos é bem menor - apenas cinco para doze mais novos; entre os mais velhos (EU, EV, LB, LE e RE), inclui-se um informante com 50,0% de aplicação da regra, porcentagem das mais altas no grupo de escolaridade irregular. Mas dois dos informantes mais velhos contribuem para baixar a porcentagem deste subgrupo: EV e LE, com 14,3% e 6,3%, respectivamente (ver TABELA 2).

TABELA 11: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por grupos de idade, segundo a variação de contexto

Contextos	15 e 16 anos		17 e 18 anos	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
Menos formais: respostas breves conversa~ão espontânea	25	48,0	20	30,0
	324	37,0	131	24,4
Mais formais: histórias	64	57,8	14	14,3

TABELA 12: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo A, por grupos de idade, segundo graus de saliência fônica entre as formas verbais do singular e plural

Graus	15 e 16 anos		17 e 18 anos	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
I (<u>fala/falam</u>)	149	15,4	70	7,1
II (<u>diz/dizem</u>)	15	33,3	15	0,0
III (<u>dá/dão</u>)	62	37,1	18	16,7
IV (<u>fez/fizeram</u>)	41	51,2	12	58,3
V (<u>falou/falaram</u>)	90	66,7	28	53,6
VI (<u>é/são</u>)	57	64,9	21	47,6

TABELA 13: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por grupos de idade, segundo a variação de contexto

Contextos	15 e 16 anos		17 e 18 anos	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
Menos formais: respostas breves conversa~ão espontânea	34	78,6	53	50,9
	311	69,1	352	53,4
Mais formais: histórias	92	87,0	74	89,2

TABELA 14: Porcentagem de aplicação da regra de concordância, no Grupo B, por grupos de idade, segundo graus de saliência fônica entre as formas verbais de singular e plural

Graus	15 e 16 anos		17 e 18 anos	
	Ocorrências N	Aplicação da regra %	Ocorrências N	Aplicação da regra %
I (<u>fala/falam</u>)	201	61,7	214	43,9
II (<u>diz/dizem</u>)	20	80,0	37	48,6
III (<u>dá/dão</u>)	43	86,0	49	63,3
IV (<u>fez/fizeram</u>)	26	76,9	42	76,2
V (<u>falou/falaram</u>)	79	87,3	71	76,1
VI (<u>é/são</u>)	68	77,9	66	78,8

No Grupo B, de modo geral, as porcentagens de aplicação da regra indicam melhor desempenho para os informantes mais novos. De referência aos adolescentes de dezesseis e dezessete anos, os resultados apresentam porcentagens menores com relação aos contextos menos formais e um resultado um pouco maior nas "histórias". Observando-se a diferença entre "conversação espontânea" e as "histórias", evidencia-se, nesses informantes, uma correspondência bem maior entre o uso da regra de concordância e a mudança de contexto (ver TABELA 13). Quanto à variável morfológica, a distância entre os mais velhos e os mais novos é maior nas classes de menor saliência fônica; nas classes de maior saliência, os dois grupos se aproximam (ver TABELA 14). Notamos, também aí, entre as classes I e II, uma distância bem grande no subgrupo de informantes mais jovens (quase 20%), enquanto no subgrupo dos mais velhos esta não chega a 5%.

Pelo que vimos descrevendo, o fator idade não é relevante para o Grupo A, mas parece importante para o Grupo B. Neste, os mais velhos aplicam a regra de concordância com menor frequência. Contudo, a maior formalidade de contexto leva-os a aumentarem bastante a porcentagem de aplicação da regra.

Esta última observação que fizemos com relação aos informantes mais velhos de oitava série parece coerente com os resultados de Labov (1976) com falantes de Nova York, de referência ao processo de aquisição do inglês padrão. O autor reconhece seis estágios neste processo que se inicia pelo domínio das regras gramaticais básicas e do léxico do inglês falado, quando a criança consegue se comunicar com os pais e as pessoas mais próximas, e atinge o estágio denominado Totalidade da Amplitude em que o falante adquire consistência no uso amplo de estilos apropriados a diversas

situações. A faixa etária de 14 e 15 anos corresponde à fase de "percepção social" em que os adolescentes começam a avaliar o significado social das características do dialeto de seu grupo de amizade em relação ao padrão adulto. A "variação estilística", estágio posterior, é a fase em que os adolescentes começam a aprender a modificar sua fala em direção ao padrão de prestígio, em situações formais e, em certo grau, na fala casual. O autor salienta a decisiva influência da escola para essa aprendizagem. Para os adolescentes de nível sócio-econômico baixo, que gravamos, a permanência na escola parece fator básico para eles alcançarem os estágios de "percepção social" e "variação estilística", uma vez que os adultos de sua comunidade não utilizam a variedade lingüística prestigiada. É possível admitir que os informantes de oitava série estejam no estágio de "variação estilística" e que os mais velhos já tenham atingido amadurecimento maior, demonstrado através das porcentagens de aplicação da regra de concordância verbal nos contextos mais formais, uma vez que a não aplicação desta regra sofre estigmatização social.

Entre os adolescentes que pouca frequência tiveram à escola (Grupo A), não se observa correspondência entre o aumento de idade e avanço relativo aos dois estágios citados.

Camacho (1978), investigando a discriminação e o valor social de variantes, entre adolescentes em fase de desenvolvimento escolar, encontrou influência do fator idade, mas conjugado com o grau de escolaridade.

6. CONCLUSÕES

A partir do estudo comparativo do desempenho lin
güístico oral de adolescentes de oitava série e de adoles
centes de escolaridade irregular, podemos concluir que, com
respeito ao uso da regra de concordância verbal, há uma di
ferença sensível entre os dois grupos. Aquelê que teve um
processo de escolarização mais regular e prolongado - perí
do em que cursou o Primeiro Grau - apresenta porcentagens
bem mais altas de aplicação da regra.

Quando se leva em conta o desempenho dos dois gru
pos, através do comportamento das variáveis lingüísticas,
observa-se que a escola não modificou as tendências da comu
nidade. Apesar de o grupo de oitava série apresentar porcen
tagens mais altas de uso da concordância, as restrições à
aplicação da regra neste grupo equivalem às do outro.
Quanto à variável morfológica, os dois grupos se identifi
cam, apresentando a mesma correspondência entre o uso da
concordância e os diversos graus de saliência fônica das
formas verbais de singular e plural; em ambos os grupos,
conforme as porcentagens encontradas, o sintagma sujeito re
presentado por pronome pessoal é um fator que favorece bas
tante a aplicação da regra de concordância; as posições do
sintagma nominal sujeito em relação ao sintagma verbal que
privilegiam o uso da concordância em um grupo favorecem,
igualmente, a aplicação da regra no outro.

A observação do desempenho lingüístico dos infor
mantes em contextos menos espontâneos revelou certa distin
ção qualitativa entre os Grupos A e B: nas narrações não
personais, os adolescentes que estavam concluindo o Primeiro
Grau demonstraram maior capacidade de modificar sua produ
ção lingüística. Acreditamos que a variável estilística se
ja a mais indicada para verificar a influência da escola na
linguagem oral de indivíduos de nível sócio-econômico baixo.

É provável que, nos contextos mais formais, interfiram, na produção do indivíduo, a atuação da escola sobre a sua fala bem como as atitudes estigmatizantes do meio social. É o que nos leva a concluir o fato de os indivíduos escolarizados, mais velhos, apresentarem porcentagem de aplicação da regra maior do que os mais novos, apenas nos contextos mais formais.

Os resultados individuais, tanto num grupo como no outro, indicam grande heterogeneidade, explicável pela interferência de fatores extra-escolarização, na aquisição de hábitos lingüísticos orais por indivíduos de baixo nível sócio-econômico. Considerando os adolescentes estudados, podemos apontar alguns deles: grau de ligação com a comunidade de origem, tipo de trabalho em que o indivíduo tem experiência, diferenças individuais relativas à capacidade intelectual e de liderança. Qualquer desses fatores poderiam ser utilizados para o estudo do aspecto lingüístico focalizado. Optamos, porém, pela escolarização.

De referência à regra de concordância verbal como regra variável, nada podemos afirmar quanto a um processo de mudança deste fenômeno. Com o tipo de trabalho que realizamos, pudemos constatar, apenas, que a escola exerce alguma influência na direção de uma maior aplicação da regra.

NOTAS

1. Para o estudo deste conceito, consultamos especialmente: CASTILHO, Ataliba T. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: SIMPÓSIO SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA, Associação Brasileira de Linguística, 1977. mimeog. Apresentado na 29a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1977. RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. s.n.t. mimeog.

2. Esse projeto é parte de uma pesquisa em toda a América Latina, inicialmente limitado à América Espanhola: "Proyecto de Estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica" de autoria do Prof. Juan M. Lope Blanch, do Colégio do México. Em cada centro urbano, são selecionados 600 informantes para gravações, com a mesma proporção entre homens e mulheres, nas seguintes faixas etárias: 30% entre 25 e 35 anos; 45% de 36 a 55 anos; 25% de 56 anos em diante. Os informantes devem ter formação universitária completa, ser filhos de falantes da língua portuguesa, ter nascido na cidade ou vindo para ela com cinco anos de idade e passado aí, pelo menos, três quartos de sua vida. São previstos os seguintes tipos de gravação: 10% de gravação secreta; 40% de diálogo entre dois informantes; 40% de diálogo entre um ou mais informantes e o documentador; 10% de fala do tipo conferência. (Castilho, 1973)

3. Quando o Brasil se aliou ao "Proyecto de Estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica"

ca", durante o IV Simpósio do "Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas", no México, em 1968, o Prof. Nelson Rossi propôs que a pesquisa não se limitasse à cidade do Rio de Janeiro, mas aos centros urbanos com um milhão de habitantes, no mínimo, e com estratificação social suficiente para atender aos critérios de escolha de informantes. (Castilho, 1973)

4. Em Salvador, a pesquisa se encontra na fase final de constituição do *corpus*, já tendo sido feitos trezentos e cinquenta e seis inquéritos com quatrocentos e cinqüenta informantes. Está em início o processo de transcrição. (Estas informações nos foram fornecidas pela Profa. Myrian Barbosa da Silva, integrante da pesquisa do NURC).

5. Não estamos pressupondo o sucesso da escola com relação ao ensino de novos hábitos lingüísticos. Rodrigues (1968) observa: "Que o resultado de ensino dessa língua padrão nas escolas brasileiras deixe cada vez mais a desejar quanto a seu domínio pelos discentes é fato que, além de dever-se à inadequação de métodos e programas de ensino e à distância cada vez maior entre a língua falada pelos alunos e o padrão escrito, pode significar que a aceitação desse padrão é bem menor na sociedade do que faz supor a unidade de vistas que exibem os professores."

6. De referência à correção gramatical, a sondagem forneceu os seguintes resultados: a concordância foi colocada em primeiro lugar por quatro professores, em segundo lugar, por três, em terceiro, por um, em quarto, por um e, no quinto lugar, por três professores. Os erros de grafia foram mencionados sete vezes; os de acentuação,

cinco vezes; os de regência, quatro vezes; de pontuação, três; de colocação de pronomes, duas vezes; de pronúncia e outros, apenas uma vez.

7. Santo Antônio é um dos quinze subdistritos em que se divide Salvador. Em trabalho publicado em Cadernos OCEPLAN 3, Salvador, 1976 - "Evolução Demográfica de Salvador (1940/2000)", CRH/PLANDURB, Salvador, 1976 - a população desse subdistrito, para 1977, é estimada em 269. 321, ou seja, 19,91% da população do município. Entre 1960 e 1970 a taxa de crescimento teria sido 3,0. Num estudo da renda *per capita* e familiar, por amostragem, (segundo unidades de análise, com dados de 1972/1973) realizado também pelo PLANDURB (Plano de Desenvolvimento Urbano), a população do subdistrito de Santo Antônio estaria nas faixas B e C: quatro unidades na faixa B e sete na C. Na faixa B, a renda *per capita* vai de Cr\$ 200,00 a 800,00; na faixa C, até Cr\$ 200,00 *per capita*. Os bairros onde fizemos a pesquisa encontram-se todos em unidades de faixa C. (O material que contém essas informações nos foi cedido pela Profa. Maria Angélica de Matos).
8. Cinquenta mil habitantes é a estimativa feita pelo Padre Paulo Ehle, vigário da Paróquia São Paulo, conhecedor da população local através da sua convivência e de estudos realizados pela paróquia. A mesma inclui quase toda a área onde foi realizada a pesquisa. Fizemos uma entrevista com esse padre que nos transmitiu muito de seu conhecimento sobre os moradores daqueles bairros.
9. Esta área - 2,32km² - foi calculada, com aproximação, levando-se em conta a distribuição geográfica dos informantes e os pontos extremos desta distribuição. Os mapas nº 1 e nº 2 cobrem uma superfície maior.

10. Preferíamos trabalhar onde já tivesse havido um estudo sociológico. Em áreas já estudadas, como Alagados e Nordeste de Amaralina, a população mostrava-se cansada de ser investigada. Entramos em contacto com religiosos e professores da periferia, tentando encontrar uma área onde houvesse trabalho de comunidade e grande desnível de escolarização entre indivíduos do mesmo nível sócio-econômico. Não conseguimos. Como professora de Português do Centro Integrado de Educação Anísio Teixeira, colégio do governo, tínhamos interesse em conhecer melhor sua clientela. Dadas as dificuldades de colher material numa área previamente estudada, decidimos trabalhar nos bairros vizinhos àquele colégio, onde reside a maioria de seus alunos.
11. Inicialmente, pensamos em nos limitar ao bairro de Caixa d'Água onde se localiza o CIEAT. Entretanto, fomos alertados por um conhecedor da área, Prof. Raymundo Duarte, para a semelhança existente entre os bairros circunvizinhos que constituíam, com a Caixa d'Água, um mesmo complexo.
12. Os processos paralegais se referem à ocupação da terra arrendada, o que ocorreu sem violência e, geralmente, com aquiescência dos donos, aquiescência que se devia em parte à esperança de que os serviços urbanos se estendessem à sua propriedade.
13. A invasão se caracteriza pela posse coletiva de uma certa área, de maneira súbita e rápida e, quase sempre, marcada por violência, seja por parte dos proprietários, seja por parte do poder público. Este fenômeno ainda ocorre, embora com menos freqüência. No bairro do IAPI, existem duas invasões relativamente recentes, cujos no

mes indicam a influência da comunicação de massa nestas faixas da população: "Nova Divinéa" e "O Bem Amado". É possível explicar as novas invasões nesse bairro pelo fato de haver aí terrenos baldios e porque, além de não ser muito distante do centro da cidade, é bem servido de transporte e escola e conta com um hospital do INPS em sua vizinhança, na Caixa d'Água.

14. Corta-Braço era um latifúndio urbano com algumas hortas e roças, constituído de cumeadas e pequenos vales, cor^otando transversalmente a área que vai da Estrada da Li^oberdade ao Antigo Areia da Cruz do Cosme (atual bairro IAPI). A invasão do Corta-Braço ocorreu nos fins da dé^ocada de quarenta, quando era governador da Bahia Otávio Mangabeira. Neste tempo, o asfaltamento da Rio-Bahia, a iminente implantação da PETROBRÁS, a explosão da cons^otrução civil, entre outros fatores, contribuíram para o aumento vertiginoso da população na cidade de Salvador, principalmente das camadas de nível sócio-econômico bai^oxo que tinham dificuldade de fixar suas moradias. Con^ocorreu para a invasão não só o aumento da população, mas o debate popular sobre a legitimidade da posse da terra, numa fase de redemocratização do País, com a Constituição de 1946. Nesse clima, o governador não es^oteve interessado em intensificar repressões às manifes^otações populares. Isto enfraqueceu a reação dos proprie^otários. O governo reconheceu tacitamente a ocupação do solo pelos invasores e a Prefeitura lançou as casas em nome deles, passando a tributar sobre as benfeitorias.
15. Ariovaldo Matos, jornalista baiano, que acompanhou os fatos, tendo feito, inclusive, cobertura jornalística da invasão, escreveu a novela Corta-Braço, publicada pe^ola Editora Seiva, Bahia, 1955.

16. Todas as informações sobre a ocupação do solo na área nos foram dadas por Cid Teixeira, Professor de História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e historiador.
17. Este aspecto não é exclusivo da área. Também nos outros bairros de ocupação antiga, em Salvador, observa-se semelhante distribuição: nas cumeadas, ruas melhores, melhor nível sócio-econômico da população; nas encostas, concentração da pobreza.
18. Segundo observação do Padre Paulo (ver nota 8), está havendo empobrecimento da população: nos últimos dois anos o índice de esmolerias e de pequenos roubos tem aumentado e tem se desenvolvido um pequeno comércio de frutas e verduras, geralmente em tabuleiros, nos passeios. Por outro lado, com a alta dos aluguéis, observa-se a chegada de novos moradores em condição sócio-econômica melhor. Em 1968, quando o CIEAT começou a funcionar, sua clientela era de nível sócio-econômico bem mais baixo.
19. Grande parte desta população participa dos ritos do candomblé. Este é um traço que a caracteriza. Na visita a algumas casas, foi possível observar indícios das crenças dos moradores: vela acesa atrás da porta de entrada, búzios sobre o móvel da sala, entre imagens... O Padre Paulo, em seu convívio com os jovens da área, observa que, em conversas mais descontraídas, quando percebem que não vão ser julgados negativamente, eles se referem a casa de candomblé que frequentam.
20. O Professor Nelson Rossi, que nos sugeriu este critério, aconselhou também que levássemos em conta a procedência

do informante: que fosse de localidade de fácil comunicação com Salvador.

21. A faixa etária, quinze a dezoito anos, refere-se aos alunos das onze turmas de oitava série do diurno do CIEAT. À noite só havia três turmas desta série. Entre elas, colhemos dados de quatro informantes que estão dentro dessa faixa estabelecida e satisfazem as outras condições para ser informante.
22. Um dos informantes da oitava série (CL, M, B) não se enquadra em todos os critérios que estabelecemos: o pai é segundo tenente da Polícia Militar e possui um volks. Não quisemos excluí-lo porque seu ritmo de vida se assemelha ao dos colegas.
23. Muitos dos pais dos informantes também nasceram em Salvador: 44,0%, no grupo de escolaridade irregular; 35,3%, no grupo de oitava série. Os restantes procedem, na maioria, de localidades da microrregião do Recôncavo Baiano, área circunvizinha à Baía de Todos os Santos. Excetua-se, apenas, Ilhéus, Valença, Coração de Maria, Mairi, Jaguaquara, Esplanada, Irará, Jacobina, Ipiatã e Feira de Santana. Esta última, eixo rodoviário importante, não só para o Estado como para o Nordeste, mantém estreita comunicação com Salvador. A mãe de um informante de oitava série nasceu na zona rural de Aracaju (SE), mas veio para Salvador ainda criança (ver APÊNDICES 2A e 2B).
24. O informante UB nasceu em Mar Grande (Ilha de Itaparica), mas veio para Salvador com dois anos de idade, embora seu contacto com a localidade de origem tenha permanecido. Nos primeiros anos, a família residia meses em Salvador, meses em Mar Grande.

25. Existe nesta área (e em outras da cidade do Salvador com população de mesmo nível sócio-econômico) o que chamam de "escola de banca". São escolinhas sem registro, na casa da professora, que é formada ou leiga, reunindo numa sala crianças de vários níveis: desde a alfabetização até a quarta série. Alguns alunos estão ali para reforçar a aprendizagem da escola que freqüentam em outro turno; outros vão para se alfabetizar, para iniciar ou continuar seu processo de escolarização. Entre os nossos informantes, nove do MOBRAL e oito da oitava série, antes de irem para uma escola registrada, freqüentaram uma "escola de banca". Segundo a Professora Inês Rosina Vieira, vice-diretora do setor primário do CIEAT, um número significativo de alunos que se matricula naquele colégio procede dessas escolas.
26. Segundo informação obtida na Comissão Municipal do MOBRAL, em Salvador, nos bairros onde fizemos a pesquisa, existiam, em 1977, dezoito classes do MOBRAL, com um total de seiscentos e vinte e um alunos matriculados.
27. Internamente, as moradias apresentam certas semelhanças: flores de plástico, paisagens de forte colorido nas paredes... Entre as trinta e quatro casas visitadas, apenas quatro tinham portas internas. Há o costume de colocar cortinas, geralmente de tecido estampado graúdo, nas portas dos quartos e cozinha, ou entre os dois únicos cômodos, nas casas mais pobres. Somente sete casas não tinham televisor (todas de informantes do MOBRAL).
28. Em três casas encontramos o problema de a família ter que deixar a casa, porque o proprietário alegava necessitar dela. Os inquilinos sabiam que eles queriam subir os aluguéis para a faixa dos dois mil cruzeiros. E, as

sim, muitas famílias da área têm que procurar residência em bairros mais distantes, onde ainda possam encontrar aluguéis mais baixos.

29. Gravamos oito estudantes de oitava série. Com uma das informantes fizemos uma gravação mais extensa, de vinte e cinco minutos e gravamos também três irmãos seus (de 1ª, 2ª e 3ª séries do Primeiro Grau) e sua mãe. Por último, foi feita uma gravação de trinta e três minutos de uma adolescente que freqüentava um Curso de Alfabetização do MOBREAL.
30. Inicialmente, pensamos em usar gravura só com as crianças, irmãos da estudante de oitava série. Mas o que observamos nas histórias nos indicava que quanto maior a permanência na escola mais estereótipos continha a narração. Por isso, tivemos interesse em utilizar esse instrumento com adolescentes.
31. Os símbolos fonéticos usados no trabalho são da IPT (Transcrição Fonética Internacional).
32. As gravações foram feitas em locais variados: casa do informante, em nossa casa, em casa de uma amiga, no bairro de Pero Vaz, nas escolas e em banco de jardim. Procuramos realizar as entrevistas onde os informantes se sentissem à vontade. Na casa deles, tivemos que suspender a gravação, algumas vezes, quando a mãe e/ou o pai interferiram, respondendo pelo filho ou modificando suas respostas. Tentamos reunir adolescentes que já eram do mesmo grupo de amizade. Isto nem sempre foi possível. Houve conversa de amigos de infância, de colegas de classe muito amigos, de colegas apenas e até de informantes que não se conheciam antes. Não pudemos usar

as diferenças de grau de intimidade como controle de diferenças de tipo de fala, porque variaram de informante para informante.

33. A sugestão de ensinar os informantes a controlarem o gravador de modo a poderem conversar sem a nossa presença nos foi dada pelo Prof. Nelson Rossi.
34. O MOBREAL mantém o Curso de Alfabetização e o de Educação Integrada, que se segue àquele e substitui o antigo primário para os alunos fora da faixa etária regular. Nossos informantes foram dos dois cursos: dez do Curso de Alfabetização e sete de Educação Integrada.
35. A escola funcionou como um meio de chegarmos à família: antes de nossas visitas, os informantes já haviam feito comentário sobre o contacto que tínhamos tido com eles, na escola, e sobre a possibilidade de irmos a sua casa. Sempre encontramos boa receptividade, com exceção da família do adolescente que não freqüentava nenhum curso e com quem o contacto inicial foi feito em casa de uma sua conhecida, nossa informante. A mãe não gostou que tivéssemos gravado seu filho. Os professores, do CIEAT e das classes de MOBREAL, colaboraram conosco contribuindo para a seleção de informantes, dispensando alunos da aula, quando foi necessário, e dando todas as informações que solicitamos.
36. Nesta parte do trabalho, com o propósito de indicar as diferenças entre os dois grupos, quantificamos também os casos de concordância entre o verbo e o sujeito nós que, como adverte o Prof. Mattoso Câmara, não são a rigor casos de concordância de número mas, de pessoa (cf. CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. História e Estrutura da

Língua Portuguesa. 2a. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

37. Em Amadeu Amaral, 1921, encontramos esta informação sobre o dialeto caipira: "O plural da 1a. pessoa perde o s: bamo, fomo, fazemo. Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria".
38. Carmen Zink e Maria Fernanda Carvalhaes realizaram, para um trabalho do curso de Estrutura do Português com a Profa. Maria Zélia Brandon, uma pesquisa com estudantes da classe média alta, de 5a. a 8a. séries, do Colégio Rio Branco (Vila Barão Geraldo, Campinas). Comparando a incidência de erros de grafia, acentuação, regência, concordância nominal e verbal - nas redações desses estudantes -, encontraram resultados diferentes com relação à concordância verbal. Somente este tipo de erro apresenta diminuição sensível, seja com o avanço escolar, seja com o aumento de idade. As autoras admitem que a correção da concordância verbal não se deve tanto à escola, mas à pressão exercida pela sociedade.
39. Os estudantes submetidos a este curso (alunos das áreas de Humanidades, Letras ou Artes) tinham obtido na prova de Português do vestibular um rendimento menor que meio desvio-padrão abaixo da média aritmética dos candidatos classificados para a sua Área. O referido curso era planejado no sentido de conseguir de tais estudantes um maior uso do dialeto de prestígio, tendo em vista a profissão de nível universitário que iriam assumir.
40. LEMLE & NARO (1978) aborda, na segunda parte, outro aspecto do português: Complexidade Sintática.

41. O prof. Mattoso Câmara levanta o problema da influência que pode haver entre a semelhança das formas verbais do singular e plural e o uso de uma destas formas pela outra, quando se refere à tendência popular de concordar o verbo haver, impessoal, com o seu complemento, criando um padrão frasal idêntico ao do verbo existir. (cf. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976. p. 249, nota 17: "O uso do novo padrão depende muito da semelhança entre as formas de singular e plural em cada tempo verbal, e é por isso mais freqüente com o pretérito imperfeito do indicativo, onde se tem respectivamente - havia e haviam.").
42. Já em 1957, Mattoso Câmara, analisando ditados e descrições de crianças de 11 a 13 anos, submetidas ao "Exame de Admissão", num colégio de zona abastada da cidade do Rio de Janeiro, fala da "tendência a subordinar ao verbo o sujeito posposto, desaparecendo a concordância do verbo com esse sujeito, o que resulta, em última análise, numa impessoalização;" (cf. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Erros de escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. In: _____. Dispersos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. 38.)
43. Fizemos um levantamento das freqüências de aplicação da regra de concordância, durante a conversação espontânea, separando os trechos onde o informante não falava conosco, mas com outro informante. Queríamos verificar se nestes trechos a fala era menos cuidada, o que não constatamos. Os dois informantes que eram amigos de infância e que tiveram uma conversa mais prolongada entre si revelaram o contrário. Enquanto conversava conosco, VR aplicou quatro vezes a regra de concordância em onze

ocorrências e LO vinte e nove vezes em sessenta ocorrências; conversando entre si, VR aplicou a regra em vinte e três dos vinte e cinco casos e LO, em cinco dos oito casos.

44. As formas de infinitivo pessoal não foram computadas. Apenas para caracterizar o estilo encontrado nas histórias criadas, fizemos um comentário sobre as ocorrências de flexão nessas formas. Seguindo a orientação do Prof. Mário Perini, só consideramos obrigatória a flexão nos casos em que há a presença do sintagma nominal sujeito em estruturas sintáticas não ambíguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 3.ed. São Paulo, Hucitec, 1976.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Aquisição de linguagem e fatores sociais. Campinas, UNICAMP, 1978. Dissertação de Mestrado.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Erros de escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. In: _____. Dispersos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. 38.
- _____. História e estrutura da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- CARDOSO, Suzana Marcelino & MOTTA, Jacyra. Concordância verbal em português de Brasil. s.n.t. mimeog. Apresentado ao Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, Lima, 1975.
- CASTILHO, Ataliba T. O estudo da norma culta do português do Brasil. Revista de Cultura Vozes, (8):21, out. 1973.
- _____. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: SIMPÓSIO SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA, Associação Brasileira de Lingüística, 1977. mimeog. Apresentado na 29a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1977.
- CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. 3. ed. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares, 1972.
- GNERRE, Maurizio. Variação lingüística e norma pedagógica ; linguagem e poder. s.n.t. mimeog.

GRYNER, Helena. A variação de concordância com verbos pessoais na cidade de Petrópolis. Rio de Janeiro, UFRJ, 1977. Dissertação de Mestrado.

HOUAISS, Antônio. Sugestões para uma política da língua. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da & NEVES, Moema Facure, org. Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 49-85. (Col. Enfoque, 3)

_____. The isolation of contextual styles. In: _____. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1977.

_____. The study of language in its social context. In: _____. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1977.

LEMLE, Mirian & NARO, Anthony J. Competências básicas do português. Rio de Janeiro, MOBREAL, Fundação Ford, 1977.

MONSERRAT, Ruty Maria Fonini & MAIA, Loana Lagos. "Erros" e erros lingüísticos em textos escritos de universitários: Concordância. Rio de Janeiro, Centro Unificado Profissional, 1978. Trabalho apresentado na 30a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1978.

NARO, Anthony J. The social and structural dimensions of a syntactic change. Rio de Janeiro, PUC, 1978. mimeog.

NARO, Anthony J. & LEMLE, Mirian. Syntactic diffusion. Ciência e Cultura, 29(3):259-67, Mar. 1977.

PHILIPSON, J. Português não-padrão nordestino: idéias educacionais. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O NORDESTE (Língua e Cultura), 2, Salvador, Nov., 24-27, 1975. mimeog.

RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. O ensino da língua materna: alguns objetivos e alguns problemas. s.n.t. mimeog.

_____. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. s.n.t. mimeog.

ROSSI, Nelson et alii. O Projeto NURC e o Nordeste. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O NORDESTE (Língua e Cultura Popular), e, Salvador, Nov., 24-27, 1975. mimeog.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Rio de Janeiro, PUC, 1978. Dissertação de Mestrado.

E R R A T A

PÁGINA 24

- Exemplo (11): Onde se lê: "Chamavam"
leia-se: "Chamaram"

PÁGINA 34 - Linha 25

Onde se lê: "... os casos considerados não seriam falta de concordância."

leia-se: "... os casos considerados não seriam de falta de concordância."

PÁGINA 50 - Linha 18

Onde se lê: "explicitação do sintagma niminal"

leia-se: "explicitação do sintagma nominal"

PÁGINA 56 - Linha 4

Onde se lê: "Possilabos"

leia-se: "Polissílabos"

PÁGINA 57 - Linha 7

Onde se lê: "únido"

leia-se: "único"

PÁGINA 86 - Linha 14

Onde se lê: "informente"

leia-se: "informante"

PÁGINA 93 - Linha 24

Onde se lê: "... o grupo de adolescentes que tem tido contacto constante com a escola"

leia-se: "... o grupo de adolescentes que não tem tido contacto constante com a escola".

APÊNDICE I: Modelo de ficha do informante

1. O informante

- 1.1 Nome
- 1.2 Idade
- 1.3 Localização na família
- 1.4 Local de nascimento
- 1.5 Tempo de residência em Salvador
- 1.6 Outras localidades onde residiu e o tempo de permanência nelas
- 1.7 Tempo de residência na área
- 1.8 Curso que frequenta
- 1.9 Com que idade foi para a escola
- 1.10 Série(s) que repetiu
- 1.11 Tempo que passou fora da escola
- 1.12 Escolas que frequentou
- 1.13 Experiência de grupo
- 1.14 Experiência de trabalho
- 1.15 Hábito de assistir televisão
- 1.16 Hábito de ouvir rádio

2. O pai

- 2.1 Nome
- 2.2 Idade
- 2.3 Local de nascimento
- 2.4 Tempo de residência em Salvador
- 2.5 Instrução

- 2.6 Ocupação atual
- 2.7 Ocupações anteriores
- 2.8 OBS.

3. A mãe

- 3.1 Nome
- 3.2 Idade
- 3.3 Local de nascimento
- 3.4 Tempo de residência em Salvador
- 3.5 Instrução
- 3.6 Ocupação atual
- 3.7 Ocupações anteriores
- 3.8 OBS.

4. Renda familiar

- 4.1 Origem da renda
- 4.2 Total aproximado
- 4.3 OBS.

5. Endereço

- 5.1 Características da rua
- 5.2 Características da casa
- 5.3 OBS.

6. Atitudes da família durante a permanência da entrevistada na casa

7. Observações sobre o informante

- 7.1 Da mãe

7.2 Da entrevistadora

7.3 De professores

7.4 Outras

APÊNDICE 2A

Dados sobre os pais dos informantes do Grupo A: Tempo de residência em Salvador				
Pais dos Informantes	Local de Nascimento	Idade em que vieram para Salvador		
		0 a 11 anos	12 a 18 anos	depois dos 18 anos
BE pai mãe	Nazaré das Farinhas (BA) Ilhéus (BA)	X		X
CM pai mãe	Salvador (BA) Santo Antônio (BA)	X	X	
ED pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
EF pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
EV pai mãe	São Felipe (BA) Valença (BA)		X	
EU pai mãe	Santo Antônio (BA) Salvador (BA)	X X		
GE pai mãe	Coração de Maria (BA) Bom Jesus dos Pobres (BA)			X X
GI pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
HA pai mãe	Salvador (BA) Cachoeira (BA)	X		X
LJ pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
LB pai mãe	Cruz das Almas (BA) Mairi (BA)			X X
LE pai mãe	Salvador (BA) Nazaré das Farinhas (BA)	X		X
RA pai mãe	Jaguaquara (BA) Jaguaquara (BA)		X	X
RE pai mãe	Mata de São João (BA) Mata de São João (BA)	X		X
TR pai mãe	Cachoeira (BA) Esplanada (BA)		X	
VA pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
VD pai mãe	Salvador (BA) Irará (BA)	X	X	

APÊNDICE 2B

Dados sobre os pais dos informantes do Grupo B: Tempo de residência em Salvador				
Pais dos Informantes	Local de Nascimento	Idade em que vieram para Salvador		
		0 a 11 anos	12 a 18 anos	depois dos 18 anos
AC pai mãe	Conceição de Feira (BA) Feira de Santana (BA)		X	X
AS pai mãe	São Félix (BA) Salvador (BA)	X		X
BM pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
CL pai mãe	Coração de Maria (BA) Ilha de Maré (BA)	X	X	
CO pai mãe	Salvador (BA) Jaguaripe (BA)	X X		
CR pai mãe	Salvador (BA) Santo Amaro (BA)	X X		
CS pai mãe	São Félix (BA) Salvador (BA)	X		X
EL pai mãe	Santana do Catu (BA) Jacobina (BA)			X X
GB pai mãe	Coração de Maria (BA) Maragogipe (BA)		X	X
JU pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
LO pai mãe	Barra do Gil (BA) Barra do Gil (BA)			X X
LU pai mãe	Coração de Maria (BA) Maragogipe (BA)		X	X
RN pai mãe	Salvador (BA) Ipiaú (BA)	X		X
UB pai mãe	Mar Grande (BA) Mar Grande (BA)			X X
VM pai mãe	Salvador (BA) Salvador (BA)	X X		
VR pai mãe	Salvador (BA) Aracajú (SE)	X	X	
VT pai mãe	Itaparica (BA) Maragogipinho (BA)			X X

APÊNDICE 3: Fichas dos informantes

Ficha nº 1

BE, F, A, 15 anos, negra. Nasceu em Salvador. Mora no bairro de Pero Vaz, numa encosta, numa casa de dois cômodos sem água encanada, com a mãe, um irmão de treze anos, um de um ano e três irmãs adolescentes. A mais velha, doméstica, está concluindo o Segundo Grau. BE foi para a escola já "grandinha" (a mãe não sabe com que idade). Estudou, inicialmente, numa escola de banca e, depois, em escolas públicas. Sempre deixava de frequentar as aulas: faltavam condições para comprar o material escolar. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBRAL. Segundo a professora, é dispersa e, às vezes, confusa, talvez devido à instabilidade doméstica. Nos fins de semana, assiste televisão, na casa dos vizinhos; não costuma ouvir rádio. Já trabalhou como babá e, agora, ajuda o pai em confecção de sapatos, embora este tenha abandonado a família há doze anos. Ele nasceu em Nazaré das Farinhas (BA) e veio para Salvador já adulto. É sapateiro. Fez apenas a primeira série primária. A mãe nasceu em Ilhéus (BA) e veio para Salvador com onze anos. Fez o curso primário completo. Costura sapatos e lava roupa, com o que sustenta a casa, ajudada pelas filhas, nesses serviços.

Ficha nº 2

CM, F, A, 16 anos, negra. Nasceu em Salvador e vive no bairro de Pero Vaz desde os nove anos de idade. Mora com a mãe e seis irmãos numa casa de vários cômodos e pequeno quintal, num beco, no início de uma encosta. Foi para a escola com nove anos; cursou até a terceira série primária, com alguns anos de intervalo entre a primeira e a segunda. Atualmente, faz o Curso de Educação Integrada do MOBREAL. Segundo a professora, tem nível de aprendizagem melhor que o dos colegas. Assiste bastante televisão e ouve muito programas musicais de rádio. Trabalhou como doméstica durante três anos. Já fez parte de um grupo de teatro de bairro, ligado à paróquia. O pai, falecido há dez anos, já havia abandonado a casa com problemas de em briaguez. Nasceu em Salvador. Não sabia ler. Foi sapateiro e comerciário. A mãe, nascida em Santo Antônio de Jesus (BA), tem o curso primário completo. É costureira. Ela e os dois filhos mais velhos mantêm a família.

Ficha nº 3

ED, M, A, 15 anos, mulato escuro. Nasceu em Salvador. Sempre residiu na mesma casa, no Pero Vaz, na Vila Maria (beco da Rua Pero Vaz Velho), numa casa de dois cô modos, com a mãe, um irmão e o padrasto. Foi para a esco la com cinco anos. Frequentou, irregularmente, uma escola

de banca e duas públicas. O atraso nos estudos, segundo a mãe, se deve à falta de condições (econômicas). Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBRAL. Conforme observação da professora, distingue-se dos colegas pela capacidade de raciocínio. Não assiste muito televisão (não tem aparelho de TV em sua casa); ouve rádio: programas musicais e o das dezoito horas (religioso). Joga bola, às vezes, com os meninos da vizinhança. Trabalha, esporadicamente, quando encontra serviços. ED não conheceu o pai que abandonou a família quando ele era bem criança. O padrasto nasceu em Salvador, é motorista da Prefeitura, tem o curso primário incompleto. A mãe, nascida em Salvador, é analfabeta.

Ficha nº 4

EF, M, A, 15 anos, mulato escuro. Nasceu em Salvador e mora na área desde os nove anos. Atualmente, reside na Caixa d'Água, num subsolo cuja construção não foi concluída, não tendo, ainda, água encanada. Vive com a mãe, uma irmã mais moça e uma tia idosa. Foi para a escola com seis anos. Fez pré-primário numa escola particular e esteve em várias escolas públicas, inclusive no Liceu de Artes e Ofícios. Frequenta, atualmente, o Curso de Educação Integrada do MOBRAL. Segundo a professora, ainda não domina a leitura nem a subtração. Assiste televisão diariamente; gosta de ouvir futebol, no rádio. É um dos

responsáveis por um time em sua rua. Já trabalhou como entregador de jornal. A mãe de EF nasceu em Salvador. Trabalha em cozinhas de restaurante. O pai, casado com outra mulher, mantém contactos esporádicos com esses filhos e dá uma pensão mensal para ajudar o seu sustento. Não completou o curso primário. É funcionário da Prefeitura. EF e a irmã foram criados por uma senhora a quem a mãe com pensava com uma mensalidade. Apenas nos dias de folga era possível a convivência dos três.

Ficha nº 5

EU, F, A, 17 anos, mulata clara. Nasceu em Salvador. Há nove anos reside na área. Atualmente, mora no Pero Vaz, numa baixada, em dois cômodos, de fundo, sem água encanada, com mais duas irmãs. As três são domésticas e se mantêm com seus salários. EU foi para a escola com cinco anos, mas nunca teve frequência regular. Faz, agora, o Curso de Educação Integrada do MOBREAL. O atraso de seus estudos foi devido também à morte de sua mãe, quando a informante tinha seis anos. Assiste pouco televisão (não tem em casa); ouve rádio: apenas programas musicais. O pai de EU nasceu em Santo Amaro da Purificação (BA), mas veio para Salvador ainda criança. Fez até a terceira série primária. É marítimo numa firma que trabalha para a PETROBRÁS. As filhas vêem o pai muito raramente.

Ficha nº 6

EV, M, A, 18 anos, negro. Nasceu em Salvador. Mora no IAPI, desde que nasceu, numa descida íngreme de encosta, numa área de invasão. A casa, que não tem água encanada, foi construída pela própria família. Aí residem o pai, a madrasta, duas meninas do segundo casal, um irmão de idade próxima à do informante. EV, quando criança, frequentou esporadicamente uma escola de banca e, depois, uma escola particular. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBREAL. Segundo a professora, tem aprendizagem lenta e falta às aulas por causa do trabalho. Assiste pouco televisão; ouve bastante rádio, principalmente os programas sobre futebol. Já fez parte de times do bairro; sempre joga bola nos fins de semana. Trabalha em oficina de auto: é chapista. O pai nasceu em São Felipe (BA) e veio para Salvador adolescente. É marmorista. Não completou o curso primário. A mãe, falecida há oito anos, nasceu em Valença (BA). Era analfabeta. A madrasta, a quem o informante chama de mãe, nasceu em Salvador. Trabalhou muitos anos como doméstica, antes de se casar com o pai do informante. Tem o curso primário completo.

Ficha nº 7

GE, M, A, 16 anos, mulato claro. Nasceu em Salvador e sempre morou no bairro do Pau Miúdo, numa travessa

sa, com os pais e os irmãos solteiros. É o penúltimo entre os dez filhos do casal. Alguns dos mais velhos chegaram a fazer o Segundo Grau. GE foi para a escola com seis anos. Frequentou uma escola particular e várias escolas públicas. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBRRAL. Os pais o acham rude. Segundo a professora, ele acompanha bem as aulas. Assiste pouco televisão; gosta de ouvir rádio: programas musicais. Pertence a um time do bairro. Já fez parte de um grupo de teatro da paróquia, trabalhando na preparação de cenário. Tem experiência de trabalho em vários serviços: ajudante de pedreiro, pintor de parede, ajudante de padeiro... Na época da pesquisa, ajudava um irmão, proprietário de um pequeno bar. O pai nasceu em Coração de Maria (BA) e veio adulto para Salvador. Trabalhou no comércio (é aposentado). Faz serviço de raspagem de taco. Tem o curso primário completo. A mãe nasceu em Bom Jesus dos Pobres (BA) e, também, veio adulta para Salvador. É analfabeta. Ajuda as despesas domésticas com o fornecimento de marmitas.

Ficha nº 8

GI, M, A, 15 anos, mulato escuro. Nasceu em Salvador e sempre residiu na Rua São Salvador, paralela à Pedro Vaz. Em sua casa que revela pobreza extrema, sem luz elétrica, inclusive, vivem sua irmã mais velha e uma tia com os respectivos maridos e filhos. GI entrou para a es

cola com dez anos. Já frequentou duas escolas de banca e a escola da paróquia. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBREAL. A irmã mais velha atribui o atraso do informante, nos estudos, à falta de condições (econômicas) e à desarrumação da família com a saída do pai. Segundo a professora, apesar de irrequieto, ele acompanha bem o curso. Não assiste televisão diariamente (não tem aparelho em casa); ouve rádio: músicas, esporte, hora da Ave Maria. Faz parte de um time de futebol da rua. Trabalha como ajudante de marceneiro. O pai, que abandonou a família há cinco anos, nasceu em Salvador. Tem o curso de ginásio, é pintor de parede. A mãe também nasceu em Salvador. Fez todo o curso primário. Já trabalhou em casas de família e em restaurante.

Ficha nº 9

HA, M, A, 16 anos, mulato claro. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro do Pau Miúdo, numa travessa, com os pais e oito irmãos. Alguns deles fazem o ginásio. HA foi para a escola com oito anos. Frequentou uma escola particular e escolas públicas. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBREAL. Segundo a professora, tem aprendizagem lenta. Assiste pouco televisão; ouve bastante rádio. Não gosta de participar de nenhuma atividade de grupo, inclusive de futebol. Tem várias experiências de trabalho: vendedor de pastéis e geladinho na rua, aju

dante de mecânico, carregador de mercadorias em viagens para o interior do Estado, balconista no pequeno armazém do pai. Este, nascido em Salvador, cursou até a terceira série de ginásio. Tem um pequeno armazém (de uma porta) e faz carrego de mercadorias para o CEASA. A mãe, nascida em Cachoeira, veio para Salvador adulta. Fez até a quarta série primária (gosta de ensinar os filhos em casa). Já trabalhou em casa de família, como lavadeira, numa fábrica de charuto e em jogo de bicho, para ajudar o marido nas despesas domésticas.

Ficha nº 10

LJ, M, A, 16 anos, moreno. Nasceu em Salvador e sempre residiu na mesma casa, no bairro da Caixa d'Água. Mora com a mãe e os dez irmãos. Alguns dos mais velhos já concluíram o Segundo Grau. Ele é o penúltimo filho. Foi para a escola com oito anos e já frequentou várias escolas públicas. Atualmente, faz o Curso de Educação Integrada do MOBREAL. Segundo a professora, ainda não domina a leitura. Assiste bastante televisão; não costuma ouvir rádio. Faz parte de um time de futebol da rua. Começou a trabalhar cedo. Já fez serviços de ajudante de mecânico, de marcenaria e de entregador de encomendas de uma casa comercial. O pai, nascido em Salvador, trabalhava nas docas (é aposentado). Não completou o curso primário. Faz alguns anos que abandonou a família. A mãe também nasceu

em Salvador. Tem experiência de trabalho, numa fábrica de bolsa. Coursou até a quarta série primária.

Ficha nº 11

LB, M, A, 17 anos, mulato escuro. Nasceu em Salvador e sempre residiu na área. Passava meses no interior do Estado, em Mairi, onde vive a família de sua mãe. Há dois anos, ele, os pais e três dos irmãos moram numa invasão de encosta do bairro do IAPI, numa casa sem água encanada, construída por eles. Foi para a escola com 14 anos. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBREAL. Segundo a professora, consegue aprender com rapidez mas perde muitas aulas. Não tem televisão em casa: raramente assiste; ouve rádio: gosta de programas musicais e de um programa policial, muito popular, sobre Salvador. Joga bola constantemente com grupos do bairro. Tem trabalhado como servente em edifícios. O pai nasceu em Cruz das Almas (BA) e veio para Salvador adulto. Era pedreiro (está aposentado). Não sabe ler. A mãe nasceu em Mairi (BA) e veio já adulta para Salvador. É também analfabeta.

Ficha nº 12

LE, M, A, 18 anos, negro. Nasceu em Salvador. Mora numa das invasões do bairro do IAPI, numa casa bem pequena e sem água encanada: ele e a mãe. Tem apenas um

irmão que vive no interior com parentes. Foi para a escola entre seis e sete anos de idade. Estudou em três escolas de banca, com frequência irregular e passou seis meses num orfanato em Alagoinhas (BA). Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBRAL. Segundo a professora, tem dificuldade na leitura; gosta de desenhar: é criativo. Assiste pouco televisão; gosta de ouvir rádio: programas musicais, sobre futebol e um programa policial, popular, sobre Salvador. Já fez parte de um time do bairro e de um grupo de capoeira. É da bateria de uma escola de samba. Trabalha, esporadicamente. Já esteve em oficinas de auto e em construções, como servente de pedreiro. O pai, falecido há oito anos, nasceu em Salvador. Era estivador e não sabia ler. A mãe nasceu em Nazaré das Farinhas (BA) e veio adulta para Salvador. Trabalhou em casas de família. É alfabetizada.

Ficha nº 13

RA, M, A, 16 anos, mulato escuro. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro da Caixa d'Água, numa travessa. Vive com os pais e irmãos solteiros. Ele é um dos últimos entre os onze filhos do casal. Foi para a escola com sete anos mas se ausentou por mais de dois anos por causa de um acidente em que perdeu uma vista. Atualmente, faz o Curso de Educação Integrada do MOBRAL. Segundo a professora, lê e escreve bem, em relação aos colegas.

Assiste diariamente televisão, ouve rádio: programas musicais e de esporte. Joga bola com os vizinhos. Tem experiência de trabalho como vidraceiro e polidor de armário embutido. O pai nasceu em Jaguaquara (BA) e veio adulto para Salvador. Não completou o curso primário. É padeiro, mas se encontra de licença, internado numa casa de saúde para doenças nervosas. A mãe também nasceu em Jaguaquara e veio para Salvador adolescente. Não completou o curso primário. Já trabalhou como costureira.

Ficha nº 14

RE, M, A, 17 anos, negro. Nasceu em Salvador e sempre residiu na mesma casa, numa baixada do bairro de Pero Vaz. Foi para a escola entre seis e sete anos. Estudou numa escola de banca e numa escola pública. Não chegou a completar a primeira série primária. Atualmente não frequenta nenhuma escola. Segundo ele, o pouco que consegue ler aprendeu em casa, sozinho. Assiste diariamente televisão. Já fez parte de um time de futebol da vizinhança. Tem pouca experiência de trabalho: apenas alguns meses numa oficina de ferragem. O pai e a mãe nasceram em Mata de São João (BA) e vieram ainda crianças para Salvador. Ele faleceu há nove anos. Era analfabeto. Fazia serviços de carpinteiro. A mãe iniciou o curso primário.

Ficha nº 15

TR, F, A, 16 anos, negra. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro do Pau Miúdo, numa baixada. Mora com a mãe e os seis irmãos. Duas irmãs mais velhas já concluíram o Segundo Grau. Entrou na escola com nove anos. Frequentou, irregularmente, uma escola de banca e três escolas públicas. Atualmente, faz o Curso de Educação Integrada do MOBREAL. Segundo a professora, ainda lê com dificuldade. Não gosta de televisão; prefere ouvir programas musicais de rádio. Já trabalhou em casa de família, numa escola e numa cantina. O pai nasceu em Cachoeira (BA) e veio adolescente para Salvador. É mestre de obra. Há treze anos abandonou a família. A mãe também veio adolescente para Salvador: nasceu em Esplanada (BA). Não completou o curso primário. A família se mantém com o aluguel de algumas casinhas e o salário das filhas mais velhas.

Ficha nº 16

VA, F, A, 15 anos, mulata clara. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro do IAPI, numa encosta, numa casa de dois cômodos, sem água encanada. Mora com a mãe, três irmãos e um tio. Foi para a escola com onze anos. Frequentou, sempre irregularmente, três escolas de banca. Atualmente, faz o Curso de Alfabetização do MOBREAL. Segundo a professora, acompanha bem o curso. Assiste bas

tante televisão. Não tem experiência de trabalho fora de casa. O pai nasceu em Salvador. É encanador. Não completou o curso primário. Vive com outra mulher. A mãe também nasceu em Salvador. Trabalha numa casa de lanche. É analfabeta. Sustenta a família com a ajuda de um filho e do irmão que mora com ela.

Ficha nº 17

VD, M, A, 16 anos, negro. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro do IAPI, numa travessa. Vive com os pais, quatro irmãos e uma tia. Foi para a escola com onze anos. Frequentou, irregularmente, uma escola de banca e a escola da sede da associação do bairro. Atualmente faz o Curso de Educação Integrada do MOBREAL. Segundo a professora, embora tenha boa aprendizagem, é prejudicado pela constante ausência às aulas. Assiste muito televisão; ouve bastante rádio, principalmente programas musicais. Organizou um time de futebol com os adolescentes da vizinhança. Já trabalhou como ajudante de pedreiro, em oficina de eletrodomésticos, como vendedor de jornal e, na época da pesquisa, trabalhava numa casa de estofamento de móveis. O pai nasceu em Salvador, é alfabetizado. Sustenta a família com seu ofício de pedreiro. A mãe veio adolescente para Salvador; nasceu em Irará (BA). É analfabeta. Já trabalhou em casas de família. Contribui para a manutenção doméstica com a vendagem, na porta, de frutas e balas.

Ficha nº 18

AC, F, B, 16 anos, morena. Nasceu em Salvador e sempre residiu na área. Mora, atualmente, numa encosta do Pau Miúdo, de difícil acesso, com os pais e dois irmãos. Foi para a escola com quatro anos. Aprendeu a ler antes dos seis, numa escola de banca. Fez o primário em duas escolas públicas. Frequenta o CIEAT desde a quinta série. Repetiu a sétima série. Assiste diariamente televisão. Costuma ouvir rádio. Tem experiência de trabalho como alfabetizadora do MOBREAL, há alguns meses. O pai veio para Salvador com doze anos: nasceu em Conceição de Feira (BA). Não completou o curso primário. É servente de um hospital. A mãe veio adulta para Salvador: nasceu em Feira de Santana. Fez até a segunda série primária. A família se mantém com o salário do pai e do filho mais velho.

Ficha nº 19

AS, F, B, 16 anos, mulata clara. Nasceu em Salvador e sempre residiu numa travessa do Pero Vaz, no início de uma encosta, com os pais e os irmãos solteiros. É a caçula dos dez filhos do casal. As irmãs mais velhas têm o Segundo Grau completo e trabalham. AS foi para a escola com oito anos. Fez todo o curso primário numa escola pública. Entrou no CIEAT na quinta série. Segundo sua professora de Português, é aluna regular. Assiste diariamen

te televisão; ouve pouco rádio: programas musicais. Não tem experiência de trabalho fora de casa. O pai nasceu em São Félix (BA) e veio para Salvador adulto. Era mecânico do Serviço Municipal de Transportes Coletivos (está aposentado). Atualmente, faz serviços de vidraceiro. Não completou o curso primário. A mãe nasceu em Salvador. Tem o curso primário completo. Sempre trabalhou em bordados e doces para vender.

Ficha nº 20

BM, F, B, 18 anos, negra. Nasceu em Salvador e sempre residiu numa encosta do bairro do Pau Miúdo, numa travessa, com os pais e quatro irmãos. Três irmãs mais velhas concluíram o curso de ginásio e trabalham em escritórios. BM foi para a escola com sete anos. Fez todo o curso primário numa escola pública. Entrou no CIEAT na quinta série. Repetiu a sétima série. Segundo dois de seus professores, é aluna calada que demonstra pouca aprendizagem. Assiste pouco televisão; gosta de ouvir rádio: programas musicais. Não tem experiência de trabalho fora de casa. O pai nasceu em Salvador. Era industriário (está aposentado por invalidez). Tem o curso primário completo. A mãe também nasceu em Salvador. É lavadeira, analfabeta.

Ficha nº 21

CL, M, B, 15 anos, moreno. Nasceu em Salvador e sempre residiu na área. Atualmente, mora numa travessa do bairro da Caixa d'Água, numa casa de vários cômodos, ta queada, com os pais e quatro irmãos ^{MAIS} novos. Foi para a es cola entre seis e sete anos. Iniciou o curso primário nu ma escola particular. Desde a terceira série primária que frequenta o CIEAT. Repetiu esta série. Assiste bastante televisão; gosta de ouvir programas musicais e comentá rios esportivos no rádio. Pertence a dois times de fute bol do bairro. Não tem experiência de trabalho. O pai nas ceu em Coração de Maria (BA) e veio para Salvador com doze anos. Tem o segundo Grau completo e fez curso na Academia Militar: é Segundo Tenente da Polícia Militar. A mãe nas ceu em Ilha de Maré (BA) e veio para Salvador com oito a nos. Fez todo o curso primário.

Ficha nº 22

CO, M, B, 16 anos, moreno. Nasceu em Salvador e sempre residiu na área. Mora numa travessa do Bairro da Caixa d'Água, com os pais e os cinco irmãos. É o mais ve lho. CO foi para a escola com quatro anos. Frequentou, ini cialmente, uma escola de banca e depois foi para uma esco la particular (da tia). Entrou no CIEAT na quinta série. Repetiu a sétima série. Segundo um de seus professores, é

aluno de aprendizagem média. Assiste diariamente televi
são, principalmente os programas de esporte; no rádio,
gosta de ouvir programas musicais, noticiário policial e
esportes. Já fez parte de um time da rua. Não tem experi
ência de trabalho fora de casa. Ajuda o pai na fabricação
artesanal de jogos de botão. O pai nasceu em Salvador. É
comerciário. Coursou até a segunda série de ginásio. A mãe
nasceu em Jaguaripe (BA) e veio para Salvador com menos
de um ano de idade. É analfabeta. Ajuda as despesas domês
ticas com lavagem de roupa.

Ficha nº 23

CR, F, B, 18 anos, negra. Nasceu em Salvador e
reside na área desde os sete anos de idade. Mora numa rua
secundária do bairro de Pero Vaz, com os pais e sete ir
mãos. Os dois mais velhos foram para São Paulo. CR foi pa
ra a escola com quatro anos. Inicialmente, frequentou uma
escola de banca onde foi alfabetizada; fez o primário em
escola pública. Entrou para o CIEAT na sexta série. Pas
sou para o turno noturno na sétima série, para tomar con
ta dos irmãos pequenos durante o dia. Segundo sua profes
sora de Português, tem boa aprendizagem, embora seja tími
da. Assiste diariamente televisão; em rádio, ouve progra
mas musicais. A única experiência de trabalho que tem fo
ra de casa recente, é vendagem de cosmético. O pai nasceu
em Salvador. Fez o curso primário. É motorista de ônibus,

numa empresa de transportes coletivos. A mãe nasceu em Santo Amaro da Purificação (BA) e veio para Salvador com dez anos. É analfabeta. Já trabalhou numa fábrica de sacos e em casa de família.

Ficha nº 24

CS, F, B, 18 anos, mulata clara. Nasceu em Salvador e sempre residiu no bairro do Pero Vaz, numa travessa, no início de uma encosta, com os pais e os irmãos solteiros, inclusive AS (ver Ficha nº 19). Fez todo o curso primário numa escola pública. Entrou no CIEAT na quinta série. Está repetindo a oitava. Segundo sua professora de Português, é aluna que apresenta pouco rendimento. Assiste televisão diariamente; ouve pouco rádio. Não tem experiência de trabalho fora de casa.

Ficha nº 25

EL, F, B, 17 anos, negra. Nasceu em Salvador e sempre residiu na mesma casa, numa travessa do bairro de Pero Vaz: ela, os pais e mais três irmãos. A mais velha tem o Segundo Grau completo e trabalha. EL foi para a escola com sete anos. Frequentou, inicialmente, uma escola de banca e, depois, uma escola pública onde fez todo o curso primário. Entrou no CIEAT na quinta série. Segundo sua professora de Português, é aluna faltosa e de pouco

rendimento. Assiste muito televisão; não gosta de rádio. Já fez parte de um grupo de apresentações folclóricas. Participa de um bloco carnavalesco sô de negros. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Santana do Catu (BA) e veio para Salvador adulto. Coursou até a terceira série primária. É aposentado como arrumador de armazém (trabalho de porto). A mãe nasceu em Jacobina (BA) e veio adulta para Salvador. Não concluiu o curso primário.

Ficha nº 26

GB, M, B, 18 anos, mulato claro. Nasceu em Salvador e reside na área desde os dez anos de idade. Mora numa travessa do bairro da Caixa d'Água, numa casa de três cômodos: ele, os pais e duas irmãs. GB foi para a escola com seis anos. Frequentou o pré-primário numa escola particular e, depois, fez todo o curso primário numa escola pública. Entrou no CIEAT na quinta série. Repetiu a sétima série. Assiste diariamente televisão, principalmente os programas sobre futebol. Em rádio, costuma ouvir os comentários de esporte. Faz parte de um time do bairro e do juvenil num time da Bahia. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Coração de Maria (BA) e veio para Salvador adolescente. É comerciário. Tem o curso primário completo. A mãe nasceu em Maragogipe (BA) e veio para Salvador adulta. Fez até a segunda série primária. Já foi costureira.

Ficha nº 27

JU, M, B, 17 anos, mulato claro. Nasceu em Salvador e reside na área desde os oito anos de idade. Mora numa encosta do Pero Vaz, numa travessa: ele, os pais e dois irmãos. Foi para a escola com cinco anos. Estudou, inicialmente, numa escola de banca e, depois, frequentou algumas escolas públicas. Entrou no CIEAT na quinta série. Segundo uma de suas professoras, é muito agressivo mas apresenta bom rendimento. Assiste muito televisão, mas não gosta de novelas; no rádio, ouve futebol e, às vezes, noticiário. Faz parte de um time de futebol do bairro. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Salvador. É aposentado da Guarda Civil. Trabalha, atualmente, numa guarda particular. Tem o curso ginásial completo. A mãe também nasceu em Salvador. Faz docinhos para vender. Fez todo o curso primário.

Ficha nº 28

LO, M, B, 18 anos, mulato ruivo. Nasceu em Salvador e, com exceção de dois anos, sempre residiu na área. Mora numa pequena rua, nas imediações da Rua Pero Vaz, com os pais e nove irmãos. Tem mais quatro, casados. Alguns dos mais velhos têm o Segundo Grau completo. Foi para a escola com seis anos. Frequentou, inicialmente, uma escola de banca e, depois, entrou no CIEAT, na terceira série

do primário. Repetiu a sétima série. Estuda no turno no turno. Segundo sua professora de Português, é um aluno que não apresenta problemas de aprendizagem. Assiste diariamente televisão, preferindo os filmes; em rádio, ouve programas musicais. Faz parte de um time de futebol do bairro. Já pertenceu a um grupo de capoeira. Até pouco tempo, era office-boy de uma firma. Já foi ajudante numa firma de refrigeração. O pai nasceu em Barra do Gil (Itaparica-BA) e veio adulto para Salvador. Tem o curso primário completo. É aposentado do Correio onde trabalhava no serviço de carimbo. Atualmente, trabalha numa firma de refrigeração. A mãe também nasceu em Barra do Gil e veio adulta para Salvador. Fez todo o curso primário.

Ficha nº 29

LU, F, B, 16 anos, mulata clara. Nasceu em Salvador e reside na área desde os oito anos de idade. É irmã de GB (ver Ficha nº 26). Foi para a escola com seis anos. Fez o pré-primário numa escola particular e todo o primário numa escola pública. Frequenta o CIEAT desde a quinta série. Repetiu a sétima série. Segundo um de seus professores, demonstra boa aprendizagem nos trabalhos escritos. Não tem experiência de trabalho.

Ficha nº 30

RN, M, B, 15 anos, negro. Nasceu em Salvador e residiu sempre na área. Mora numa pequena rua da Caixa d'Água, numa casa de tres cômodos, com os pais e dois irmãos. Foi para a escola com quatro anos. Fez todo o primãrio numa escola particular do bairro; cursou a quinta sêrie num colégio público e começou a frequentar o CIEAT na sexta série. Segundo um de seus professores, RN tem ainda problema de leitura. Assiste bastante televisão; ouve muito rádio: além dos musicais, o programa de Omar Cardoso e um noticiário sobre a cidade de Salvador. Participa de um time de futebol da rua e já pertenceu a um grupo de capoeira. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Salvador. Não completou o curso primário. É feirante. A mãe nasceu em Ipiaú (BA) e veio adulta para Salvador. Tem o curso primário completo (gosta de estudar com os filhos e as crianças da vizinhança).

Ficha nº 31

UB, M, B, 16 anos, mulato escuro. Nasceu em Mar Grande (Itaparica-BA) e, a partir de dois anos, esteve meses em Salvador, meses em Mar Grande. Aos oito anos, veio definitivamente para Salvador, residindo na área desde então. Mora numa encosta da Caixa d'Água, numa travessa; ele, os pais e três irmãos. Entrou na escola com seis

anos. Frequentou uma escola particular em Mar Grande e uma escola pública em Salvador onde fez o curso primário. Foi para o CIEAT na quinta série. Repetiu esta série. As siste muito televisão, principalmente novelas e filmes de Tarzã; em rádio só ouve um programa musical. Joga bola com os adolescentes da vizinhança. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Mar Grande (BA) e veio adulto para Salvador. Tem o curso primário completo. Trabalha nas docas. A mãe também nasceu em Mar Grande e veio adulta para Salvador. Tem o curso primário completo.

Ficha nº 32

VM, M, B, 17 anos, mulato claro. Nasceu em Salvador e sempre residiu numa travessa da Caixa d'Água. Mora com os pais, oito irmãos e um sobrinho, numa casa de três cômodos. Alguns dos irmãos mais velhos têm o Segundo Grau completo. VM foi para a escola com sete anos. Frequentou uma escola de banca e duas escolas públicas. En trou no CIEAT na quinta série. Repetiu esta série. Atualmente estuda no turno noturno. Segundo sua professora de Português, é um aluno que apresenta bom rendimento. Não assiste muito televisão; não ouve rádio. Faz parte de um grupo de samba do bairro. É de um time de futebol da rua do qual participa também IJ (ver Ficha nº 10). Já fez ser viços de rua numa livraria, numa ótica e, atualmente, é office-boy na Caixa Econômica Federal. O pai nasceu em

Salvador. Tem o curso primário completo. É gráfico. A mãe também nasceu em Salvador. Fez até a segunda série de ginásio. Trabalha como servente de uma escola.

Ficha nº 33

VR, M, B, 17 anos, negro. Nasceu em Salvador e sempre residiu numa travessa do bairro de Caixa d'Água, numa encosta. Mora com a mãe, o padrasto e sete irmãos. Foi para a escola com seis anos. Frequentou, inicialmente, uma escola de banca, depois uma escola pública. Entrou no CIEAT na quarta série primária. Segundo um dos seus professores, não apresenta problemas de aprendizagem. Estuda no turno noturno. Assiste pouco televisão e não tem programa preferido; raramente ouve rádio. Faz parte de um time de futebol do bairro. É da diretoria de um bloco carnalesco do bairro. Tem experiência de trabalho bastante variada, a partir dos oito anos: vendedor de picolé, asensorista, office-boy, ajudante de mecânico e servente de pedreiro. O pai nasceu em Salvador. É barbeiro, alfabeizado. Há quinze anos não vive com a mãe de VR. O padrasto nasceu em Salvador; trabalha na Limpeza Pública. A mãe nasceu em Sergipe e veio adolescente para Salvador. É lavadeira, analfabeta.

Ficha nº 34

VT, F, B, 15 anos, negra. Nasceu em Salvador e sempre residiu numa travessa do bairro da Caixa d'Água, com os pais e quatro irmãos. É a segunda filha do casal. Foi para a escola com sete anos, depois de ter sido alfabetizada pela mãe. Fez todo o curso primário numa escola pública. Entrou no CIEAT na sexta série. Repetiu a sétima série devido a problemas de saúde. Segundo uma de suas professoras, é uma das melhores alunas de sua classe. Gosta muito de televisão; ouve muito rádio. Não tem experiência de trabalho. O pai nasceu em Itaparica (BA) e veio para Salvador adulto. Aposentou-se como marítimo da PETROBRÁS, por invalidez (é diabético). Não completou o curso primário. A mãe nasceu em Maragogipinho (BA) e veio adulta para Salvador. Fez até o segundo ano primário.

APÊNDICE 4A: Dados sobre os informantes de escolaridade irregular*

INFORMANTES	SEXO	IDADE	IDADE EM QUE PASSOU A VIVER NA ÁREA	PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DA COMUNIDADE	CONVIVÊNCIA COM OS PAIS	IDADE EM QUE FOI PARA A ESCOLA	EXPERIÊNCIA DE TRABALHO	INSTRUÇÃO DO PAI	INSTRUÇÃO DA MÃE	Ocupação do Pai
BE	F	15	4 anos	-	mora c/a mãe	-	Babá, confecção de sapatos	Primária incompleta	Primária incompleta	Sapateiro
CM	F	16	9 anos	Já participou de um grupo de teatro	mora c/a mãe e padrasto	9 anos	Serviço de doméstica	Primária incompleta	Primária completa	Comerciário
ED	M	15	0 ano	-	mora c/a mãe e padrasto	5 anos	Serviços em depósito de gás e borracharia	Primária incompleta	Analfabeta	-
EF	M	15	8 anos	É responsável por um time de futebol das ruas próximas	mora c/a mãe	6 anos	Entregador de jornal	Primária incompleta	Primária completa	Funcionário da Prefeitura
EV	M	18	0 ano	Faz parte de times da vizinhança	mora c/o pai e madrasta	-	Chapista de auto	Primária incompleta	-	Marmorista
EU	F	17	8 anos	-	Não mora c/os pais	5 anos	Serviço de doméstica	Ginásial incompleta	Primária completa	Marítimo
GE	M	16	0 ano	Pertenceu a um grupo de teatro e a time de bairro	mora c/os pais	6 anos	Serviços de ajudante de pedreiro, de padaria e balcão	Primária completa	Analfabeta	Comerciário aposentado; trabalha em raspagem de taco
GI	M	15	0 ano	Faz parte de um time da rua	Não mora c/os pais	10 anos	Ajudante de marca-neiro	Ginásial completa	Primária completa	Pintor de parede
HA	M	16	0 ano	Não gosta de participar de grupos	mora c/os pais	8 anos	Vendedor de doce e picolé; ajudante de mecânico; carregador de mercadorias	Ginásial incompleta	Primária completa	Pequeno comerciante
IJ	M	16	0 ano	Joga futebol com grupos do bairro	mora c/a mãe	8 anos	Ajudante de mecânico e marceneiro; entregador de mercadorias	Primária incompleta	Primária completa	Dozeiro aposentado
IB	M	17	0 ano	Faz parte de um time da rua	mora c/os pais	14 anos	Servente de edificações	Analfabeta	Analfabeta	Pedreiro aposentado
IE	M	18	-	Faz parte de time da vizinhança. É de uma escola de samba	mora c/a mãe	6/7 anos	Ajudante de pedreiro e de mecânico de auto	Analfabeta	Primária incompleta	Estivador
RA	M	16	0 ano	Joga bola com grupos da vizinhança	mora c/os pais	7 anos	Polidor de armário; auxiliar de vidreiro	Primária incompleta	Primária incompleta	Padeiro
RE	M	17	-	Já fez parte de time da vizinhança	mora c/a mãe	6/7 anos	Serviços em oficina de ferragem	Analfabeta	Primária incompleta	Carpinteiro
TR	F	16	-	-	-	9 anos	Serviços de doméstica e em cantinas	-	Primária incompleta	Mestre de obra
VA	F	15	-	-	-	11 anos	-	Primária incompleta	Analfabeta	Encanador
VD	M	16	-	Faz parte de time da vizinhança. Participou de um bloco carnavalesco	mora c/os pais	11 anos	Ajudante em oficina de eletro-domésticos; estufador de móveis	Primária incompleta	Analfabeta	Pedreiro

* Ver APÊNDICE 3: Fichas dos informantes.

APÊNDICE 4B: Dados sobre os informantes de oitava série*

INFORMANTES	SEXO	IDADE	IDADE EM QUE PASSOU A VIVER NA ÁREA	PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DA COMUNIDADE	CONVIVÊNCIA COM OS PAIS	IDADE EM QUE FOI PARA A ESCOLA	EXPERIÊNCIA DE TRABALHO	INSTRUÇÃO DO PAI	INSTRUÇÃO DA MÃE	OCCUPAÇÃO DO PAI
AC	F	16	0 ano	-	mora c/os pais	4 anos	Ensino no MORRAL	Primária incompleta	Primária incompleta	Servente de hospital
AS	F	16	"	-	"	8 anos	"	Primária incompleta	Primária completa	Mecânico da Prefeitura (a aposentado); vidraceiro
BA	F	18	"	-	"	7 anos	"	Primária completa	Analfabeta	Industriário aposentado por invalidez
CL	M	15	"	Pertence a dois times da vizinhança	"	6/7 anos	"	Secundária completa	Primária completa	1º Tenente da Polícia Militar
CO	M	16	"	Fez parte de um time da rua	"	"	Fabrico doméstico de jogo de botão	Ginásial incompleta	Analfabeta	Comerciário
CR	F	18	7 anos	"	"	4 anos	Venda de cosmético	Primária completa	Analfabeta	Motorista de ônibus urbano
CS	F	18	0 ano	"	"	"	"	Primária incompleta	Primária completa	Mecânico da Prefeitura (a aposentado); vidraceiro
EL	F	17	"	Fez parte de um grupo folclórico. Tomou parte num bloco carnavalesco	"	7 anos	"	Primária incompleta	Primária incompleta	Arrumador de armazém no porto (aposentado)
GB	M	18	6 anos	Paz parte de um time da vizinhança	"	7 anos	"	Primária completa	Primária incompleta	Comerciário
JU	M	17	8 anos	Paz parte de um time da vizinhança	"	5 anos	"	Ginásial incompleta	Primária completa	Aposentado da Guarda Civil
LO	M	18	6 anos	Paz parte de um time da rua. Foi de um grupo de capoeira	"	6 anos	Office-boy	Primária completa	Primária completa	Funcionário do Correio
LJ	F	16	4 anos	"	"	"	"	Primária completa	Primária incompleta	Comerciário
RN	M	15	0 ano	Faz parte de um time da rua. Foi de um grupo de capoeira	"	4 anos	"	Primária incompleta	Primária completa	Peirante
UB	M	16	7 anos	Joga bola com os vizinhos	"	6 anos	"	Primária completa	Primária completa	Doqueiro
VM	M	17	0 ano	Faz parte de um time da vizinhança. É de um grupo de samba	"	7 anos	Entregador de marmita e Office-boy	Primária completa	Ginásial incompleta	Gráfico
VR	M	17	"	É da diretoria de um bloco carnavalesco	mora c/a mãe e o padrasto	6 anos	Vendedor de picolé; ajudante de mecânico e de pedreiro as censorista	Primária incompleta	Analfabeta	Barbeiro
VT	F	15	"	"	mora c/os pais	7 anos	"	Primária incompleta	Primária incompleta	Marítimo aposentado por invalidez

* Ver APÊNDICE 3: Fichas dos informantes.

APÊNDICE 5A: Tempo de fala e ocorrência de sujeito plural, por informante do Grupo A

Informante	Tempo de Fala	Ocorrência de Sujeito Plural
BE	13' 07"	25
CM	31' 42"	22
ED	36' 12"	71
EF	15' 09"	27
EU	20' 03"	33
EV	22' 40"	16
GE	30' 19"	25
GI	33' 41"	29
HA	20' 53"	40
IJ	18' 59"	31
LB	30' 21"	19
LE	64' 36"	77
RA	21' 34"	30
RE	13' 54"	20
TR	15' 04"	38
VA	22' 53"	30
VD	19' 58"	45
TOTAL	7hs10' 45"	578

APÊNDICE 5B: Tempo de fala e ocorrência de sujeito plural, por informante do Grupo

B

Informante	Tempo de Fala	Ocorrência de Sujeito Plural
AC	24'39"	78
AS	25'27"	55
BM	28'08"	71
CL	17'48"	31
CO	34'39"	89
CR	34'01"	65
CS	20'49"	29
EL	26'17"	26
GB	22'22"	42
JU	22'00"	41
LO	40'37"	108
LU	09'34"	30
RN	16'46"	33
UB	19'35"	29
VM	51'06"	50
VR	25'42"	47
VT	41'26"	92
TOTAL	7hs40'55"	916

APÊNDICE 6: Roteiro da entrevista

1. Dados pessoais e situação na família:

- a) Seu nome?
- b) Qual a sua idade?
- c) Você é o único homem (mulher) na família?
- d) Tem alguma irmã (irmão)? É o irmão mais velho?
- e) Onde você nasceu?

2. Situação sócio-econômica:

- a) Mora muita gente em sua casa?
- b) Que é que você faz para estudar?
- c) Você assiste televisão? Que programa? No televisorinho ou em casa?
- d) E rádio, você gosta de ouvir? Que programas?
- e) O que é que seu pai faz?
- f) Você já trabalhou em alguma coisa?
- g) Você gosta de morar em sua rua? Conhece muita gente lá?
- h) A Prefeitura precisa fazer algum serviço em sua rua?
- i) Tem gente que não estuda em sua rua? Até que curso fez?

3. Escolaridade:

- a) Que é que você vai fazer no próximo ano?
- b) Com que idade você foi para escola?

c) Como era sua escola primária?

d) Acontece muita coisa na escola, não é? Você se lembra de alguma coisa pra contar?

e) Você já sofreu alguma injustiça na escola? como foi?

4. Outros assuntos:

Viagens, etc.

ANEXO 2 - Número correspondentes às ocorrências de sujeito plural e à aplicação da regra de concordância, segundo as quatro variáveis estudadas, por informante do Grupo 5

Variáveis	M1, F, B		M2, T, B		M3, M, B		M4, M, B		M5, F, B		M6, M, B		M7, F, B		M8, M, B		M9, F, B		M10, M, B		M11, F, B		M12, M, B		M13, F, B		M14, M, B		M15, F, B		M16, M, B		M17, F, B		M18, M, B		M19, F, B		M20, M, B		M21, F, B		M22, M, B		M23, F, B		M24, M, B		M25, F, B		M26, M, B		M27, F, B		M28, M, B		M29, F, B		M30, M, B		M31, F, B		M32, M, B		M33, F, B		M34, M, B		M35, F, B		M36, M, B		M37, F, B		M38, M, B		M39, F, B		M40, M, B		M41, F, B		M42, M, B		M43, F, B		M44, M, B		M45, F, B		M46, M, B		M47, F, B		M48, M, B		M49, F, B		M50, M, B		M51, F, B		M52, M, B		M53, F, B		M54, M, B		M55, F, B		M56, M, B		M57, F, B		M58, M, B		M59, F, B		M60, M, B		M61, F, B		M62, M, B		M63, F, B		M64, M, B		M65, F, B		M66, M, B		M67, F, B		M68, M, B		M69, F, B		M70, M, B		M71, F, B		M72, M, B		M73, F, B		M74, M, B		M75, F, B		M76, M, B		M77, F, B		M78, M, B		M79, F, B		M80, M, B		M81, F, B		M82, M, B		M83, F, B		M84, M, B		M85, F, B		M86, M, B		M87, F, B		M88, M, B		M89, F, B		M90, M, B		M91, F, B		M92, M, B		M93, F, B		M94, M, B		M95, F, B		M96, M, B		M97, F, B		M98, M, B		M99, F, B		M100, M, B		M101, F, B		M102, M, B		M103, F, B		M104, M, B		M105, F, B		M106, M, B		M107, F, B		M108, M, B		M109, F, B		M110, M, B		M111, F, B		M112, M, B		M113, F, B		M114, M, B		M115, F, B		M116, M, B		M117, F, B		M118, M, B		M119, F, B		M120, M, B		M121, F, B		M122, M, B		M123, F, B		M124, M, B		M125, F, B		M126, M, B		M127, F, B		M128, M, B		M129, F, B		M130, M, B		M131, F, B		M132, M, B		M133, F, B		M134, M, B		M135, F, B		M136, M, B		M137, F, B		M138, M, B		M139, F, B		M140, M, B		M141, F, B		M142, M, B		M143, F, B		M144, M, B		M145, F, B		M146, M, B		M147, F, B		M148, M, B		M149, F, B		M150, M, B		M151, F, B		M152, M, B		M153, F, B		M154, M, B		M155, F, B		M156, M, B		M157, F, B		M158, M, B		M159, F, B		M160, M, B		M161, F, B		M162, M, B		M163, F, B		M164, M, B		M165, F, B		M166, M, B		M167, F, B		M168, M, B		M169, F, B		M170, M, B		M171, F, B		M172, M, B		M173, F, B		M174, M, B		M175, F, B		M176, M, B		M177, F, B		M178, M, B		M179, F, B		M180, M, B		M181, F, B		M182, M, B		M183, F, B		M184, M, B		M185, F, B		M186, M, B		M187, F, B		M188, M, B		M189, F, B		M190, M, B		M191, F, B		M192, M, B		M193, F, B		M194, M, B		M195, F, B		M196, M, B		M197, F, B		M198, M, B		M199, F, B		M200, M, B		M201, F, B		M202, M, B		M203, F, B		M204, M, B		M205, F, B		M206, M, B		M207, F, B		M208, M, B		M209, F, B		M210, M, B		M211, F, B		M212, M, B		M213, F, B		M214, M, B		M215, F, B		M216, M, B		M217, F, B		M218, M, B		M219, F, B		M220, M, B		M221, F, B		M222, M, B		M223, F, B		M224, M, B		M225, F, B		M226, M, B		M227, F, B		M228, M, B		M229, F, B		M230, M, B		M231, F, B		M232, M, B		M233, F, B		M234, M, B		M235, F, B		M236, M, B		M237, F, B		M238, M, B		M239, F, B		M240, M, B		M241, F, B		M242, M, B		M243, F, B		M244, M, B		M245, F, B		M246, M, B		M247, F, B		M248, M, B		M249, F, B		M250, M, B		M251, F, B		M252, M, B		M253, F, B		M254, M, B		M255, F, B		M256, M, B		M257, F, B		M258, M, B		M259, F, B		M260, M, B		M261, F, B		M262, M, B		M263, F, B		M264, M, B		M265, F, B		M266, M, B		M267, F, B		M268, M, B		M269, F, B		M270, M, B		M271, F, B		M272, M, B		M273, F, B		M274, M, B		M275, F, B		M276, M, B		M277, F, B		M278, M, B		M279, F, B		M280, M, B		M281, F, B		M282, M, B		M283, F, B		M284, M, B		M285, F, B		M286, M, B		M287, F, B		M288, M, B		M289, F, B		M290, M, B		M291, F, B		M292, M, B		M293, F, B		M294, M, B		M295, F, B		M296, M, B		M297, F, B		M298, M, B		M299, F, B		M300, M, B		M301, F, B		M302, M, B		M303, F, B		M304, M, B		M305, F, B		M306, M, B		M307, F, B		M308, M, B		M309, F, B		M310, M, B		M311, F, B		M312, M, B		M313, F, B		M314, M, B		M315, F, B		M316, M, B		M317, F, B		M318, M, B		M319, F, B		M320, M, B		M321, F, B		M322, M, B		M323, F, B		M324, M, B		M325, F, B		M326, M, B		M327, F, B		M328, M, B		M329, F, B		M330, M, B		M331, F, B		M332, M, B		M333, F, B		M334, M, B		M335, F, B		M336, M, B		M337, F, B		M338, M, B		M339, F, B		M340, M, B		M341, F, B		M342, M, B		M343, F, B		M344, M, B		M345, F, B		M346, M, B		M347, F, B		M348, M, B		M349, F, B		M350, M, B		M351, F, B		M352, M, B		M353, F, B		M354, M, B		M355, F, B		M356, M, B		M357, F, B		M358, M, B		M359, F, B		M360, M, B		M361, F, B		M362, M, B		M363, F, B		M364, M, B		M365, F, B		M366, M, B		M367, F, B		M368, M, B		M369, F, B		M370, M, B		M371, F, B		M372, M, B		M373, F, B		M374, M, B		M375, F, B		M376, M, B		M377, F, B		M378, M, B		M379, F, B		M380, M, B		M381, F, B		M382, M, B		M383, F, B		M384, M, B		M385, F, B		M386, M, B		M387, F, B		M388, M, B		M389, F, B		M390, M, B		M391, F, B		M392, M, B		M393, F, B		M394, M, B		M395, F, B		M396, M, B		M397, F, B		M398, M, B		M399, F, B		M400, M, B		M401, F, B		M402, M, B		M403, F, B		M404, M, B		M405, F, B		M406, M, B		M407, F, B		M408, M, B		M409, F, B		M410, M, B		M411, F, B		M412, M, B		M413, F, B		M414, M, B		M415, F, B		M416, M, B		M417, F, B		M418, M, B		M419, F, B		M420, M, B		M421, F, B		M422, M, B		M423, F, B		M424, M, B		M425, F, B		M426, M, B		M427, F, B		M428, M, B		M429, F, B		M430, M, B		M431, F, B		M432, M, B		M433, F, B		M434, M, B		M435, F, B		M436, M, B		M437, F, B		M438, M, B		M439, F, B		M440, M, B		M441, F, B		M442, M, B		M443, F, B		M444, M, B		M445, F, B		M446, M, B		M447, F, B		M448, M, B		M449, F, B		M450, M, B		M451, F, B		M452, M, B		M453, F, B		M454, M, B		M455, F, B		M456, M, B		M457, F, B		M458, M, B		M459, F, B		M460, M, B		M461, F, B		M462, M, B		M463, F, B		M464, M, B		M465, F, B		M466, M, B		M467, F, B		M468, M, B		M469, F, B		M470, M, B		M471, F, B		M472, M, B		M473, F, B		M474, M, B		M475, F, B		M476, M, B		M477, F, B		M478, M, B		M479, F, B		M480, M, B		M481, F, B		M482, M, B		M483, F, B		M484, M, B		M485, F, B		M486, M, B		M487, F, B		M488, M, B		M489, F, B		M490, M, B		M491, F, B		M492, M, B		M493, F, B		M494, M, B		M495, F, B		M496, M, B		M497, F, B		M498, M, B		M499, F, B		M500, M, B		M501, F, B		M502, M, B		M503, F, B		M504, M, B		M505, F, B		M506, M, B		M507, F, B		M508, M, B		M509, F, B		M510, M, B		M511, F, B		M512, M, B		M513, F, B		M514, M, B		M515, F, B		M516, M, B		M517, F, B		M518, M, B		M519, F, B		M520, M, B		M521, F, B		M522, M, B		M523, F, B		M524, M, B		M525, F, B		M526, M, B		M527, F, B		M528, M, B		M529, F, B		M530, M, B		M531, F, B		M532, M, B		M533, F, B		M534, M, B		M535, F, B		M536, M, B		M537, F, B		M538, M, B		M539, F, B		M540, M, B		M541, F, B		M542, M, B		M543, F, B		M544, M, B		M545, F, B		M546, M, B		M547, F, B		M548, M, B		M549, F, B		M550, M, B		M551, F, B		M552, M, B		M553, F, B		M554, M, B		M555, F, B		M556, M, B		M557, F, B		M558, M, B		M559, F, B		M560, M, B		M561, F, B		M562, M, B		M563, F, B		M564, M, B		M565, F, B		M566, M, B		M567, F, B		M568, M, B		M569, F, B		M570, M, B		M571, F, B		M572, M, B		M573, F, B		M574, M, B		M575, F, B		M576, M, B		M577, F, B		M578, M, B		M579, F, B		M580, M, B		M581, F, B		M582, M, B		M583, F, B		M584, M, B		M585, F, B		M586, M, B		M587, F, B		M588, M, B		M589, F, B		M590, M, B		M591, F, B		M592, M, B		M593, F, B		M594, M, B		M595, F, B		M596, M, B		M597, F, B		M598, M, B		M599, F, B		M600, M, B		M601, F, B		M602, M, B		M603, F, B		M604, M, B		M605, F, B		M606, M, B		M607, F, B		M608, M, B		M609, F, B		M610, M, B		M611, F, B		M612, M, B		M613, F, B		M614, M, B		M615, F, B		M616, M, B		M617, F, B		M618, M, B		M619, F, B		M620, M, B		M621, F, B		M622, M, B		M623, F, B		M624, M, B		M625, F, B		M626, M, B		M627, F, B		M628, M, B		M629, F, B		M630, M, B		M631, F, B		M632, M, B		M633, F, B		M634, M, B		M635, F, B		M636, M, B		M637, F, B		M638, M, B		M639, F, B		M640, M, B		M641, F, B		M642, M, B		M643, F, B		M644, M, B		M645, F, B		M646, M, B		M647, F, B		M648, M, B		M649, F, B		M650, M, B		M651, F, B		M652, M, B		M653, F, B		M654, M, B		M655, F, B		M656, M, B		M657, F, B		M658, M, B		M659, F, B		M660, M, B		M661, F, B		M662, M, B		M663, F, B		M664, M, B		M665, F, B		M666, M, B		M667, F, B		M668, M, B		M669, F, B		M670, M, B		M671, F, B		M672, M, B		M673, F, B		M674, M, B		M675, F, B		M676, M, B		M677, F, B		M678, M, B		M679, F, B		M680, M, B		M681, F, B		M682, M, B		M683, F, B		M684, M, B		M685, F, B		M686, M, B		M687, F, B		M688, M, B		M689, F, B		M690, M, B		M691, F, B		M692, M, B		M693, F, B		M694, M, B		M695, F, B		M696, M, B		M697, F, B		M698, M, B		M699, F, B		M700, M, B		M701, F, B		M702, M, B		M703, F, B		M704, M, B		M705, F, B		M706, M, B		M707, F, B		M708, M, B		M709, F, B		M710, M, B		M711, F, B		M712, M, B		M713, F, B		M714, M, B		M715, F, B		M716, M, B		M717, F, B		M718, M, B		M719, F, B		M720, M, B		M721, F, B		M722, M, B		M723, F, B		M724, M, B		M725, F, B		M726, M, B		M727, F, B			
-----------	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	------------	--	--	--